

PUBLICAÇÃO MENSAL • ANO XVI • CR\$ 620,00

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO

167

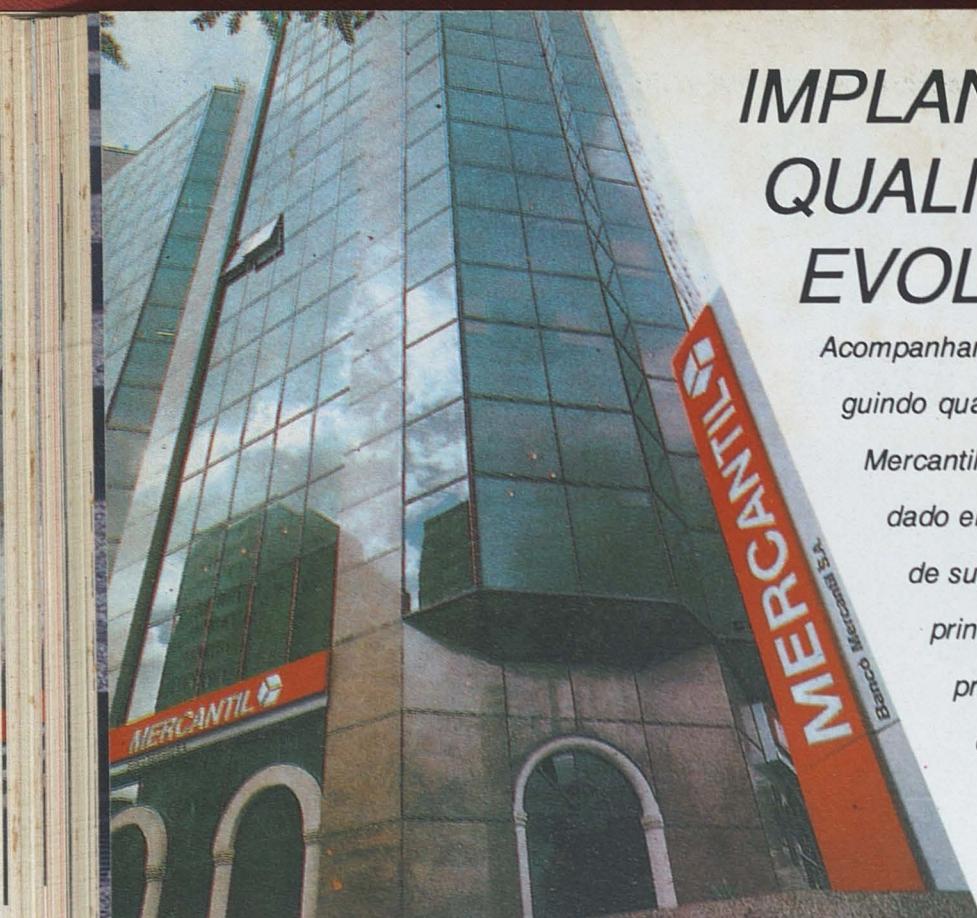


A MARÉ RELIGIOSA

NOVA ERA E
CULTOS AFRO-BRASILEIROS

ÁFRICA DO SUL
MOMENTO DECISIVO

ECONOMIA: PERSPECTIVAS PARA OS ANOS 90



IMPLANTAR. QUALIFICAR. EVOLUIR.

Acompanhando as tendências do mercado. Perseguindo qualidade e produtividade. É assim que o Mercantil tem conquistado seu crescimento. Fundado em 1970, o banco expandiu-se numa rede supra-regional, implantando agências nos principais centros financeiros do país. Uma prova de trabalho bem estruturado. Uma evolução direcionada pelo claro objetivo de situá-lo, solidamente, entre as mais importantes instituições financeiras do país.

Administração Sul do Banco Mercantil, em São Paulo

Ocupar espaços.
Consolidar parcerias.
perseguir qualidade e
produtividade.
Evoluir. Solidamente.
Conquistar novos mercados.
Valorizar, mais que tudo, o cliente.
Ser um banco contemporâneo.

MERCANTIL 

Banco Mercantil S.A.

O Banco que dá valor a você.

Administração - Sul:
Alameda Santos, 880, Jardim Paulista, CEP 01418, São Paulo, SP
Tel. (011) 289.4666 - Fax (011) 289.4007 - Telex (11) 33708

Administração - Sede:
Rua do Imperador D. Pedro II, 307, Santo Antônio, CEP 50.010, Recife, PE
Tel. (081) 224.3466 - Fax (081) 424.1069 - Telex (81) 2424/8801

CAPA

Um movimento propõe a ligação direta do ser humano com seu Deus interior e a convivência harmoniosa entre as religiões. Tradições afro-brasileiras envolvidas em guerra santa com evangélicos

SUMÁRIO

2 CARTAS

CAPA / SUPLEMENTO

□ A maré religiosa 3

OPINIÃO

4 Congresso: punir os culpados e democratizar o sistema

EDUCAÇÃO

6 O livro do futuro

TERRA

9 Cemitério dos anjinhos

COMPORTAMENTO

12 A teoria na prática

COMUNICAÇÃO

14 Em sintonia com o Borel

LITERATURA

15 Lima Barreto: um escritor social

SINDICALISMO

17 Lideranças condenam neoliberalismo

CULTURA

18 Cinema e ficção científica

43 A revalorização do livro

SAÚDE

20 O fim das internações em discussão

22 A luta dos ostomizados

24 PANORAMA INTERNACIONAL

ECONOMIA

29 No fundo do poço

ÁFRICA

34 África do Sul: Momento decisivo

AMÉRICA LATINA

37 El Salvador: Uma faca de dois gumes

40 Argentina: Xenofobia em terra de imigrantes

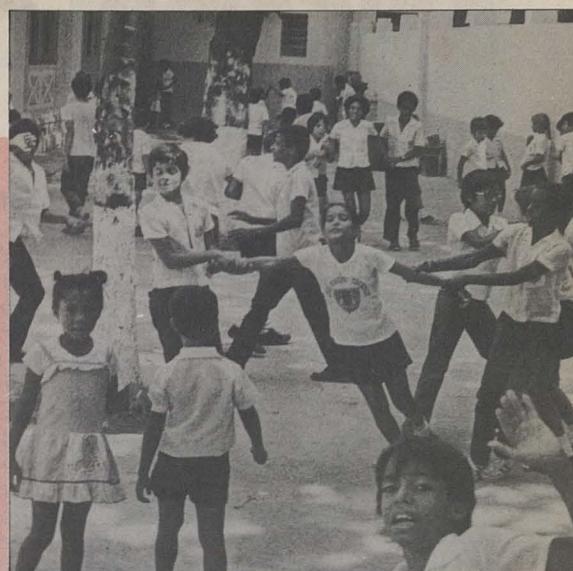
ÁSIA

42 Japão: À sombra da recessão

PÁGINA ABERTA

44 A agonia de Sarajevo

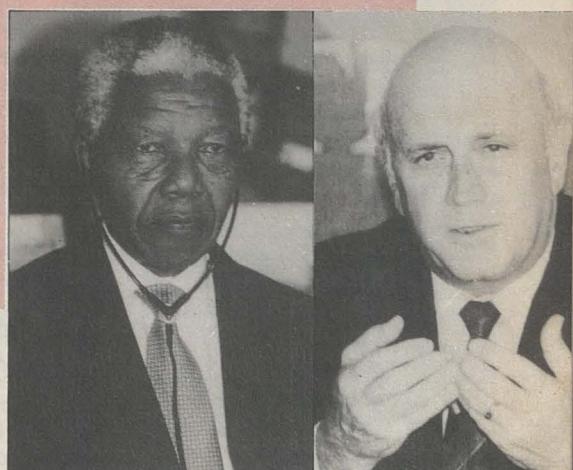
A era da informática gera preocupações específicas nos países do Terceiro Mundo, impulsionados a modernizar o sistema de ensino sem dominar a própria tecnologia do livro



6



29



34

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO

Publicação com informação e análise das realidades e aspirações dos países emergentes

DIRETOR: Neiva Moreira
DIRETOR ADJUNTO: Pablo Piacentini
EDITORA: Beatriz Bissio

SUBEDITORES: Claudia Guimarães, Elias Fajardo. CONSULTORES ESPECIAIS: Darcy Ribeiro (Brasil), Henry Pease García (Peru), Eduardo Galeano (Uruguai) e Juan Somavia (Chile). REDAÇÃO: Aldo Gamboa, Carlos Lopes (Brasil), Roberto Bardini (México), Carlos Pinto Santos (Portugal), Cristina Canoura (Uruguai). REVISÃO: Cléa M. Soares e Valdenir Peixoto. DEPTO. DE ARTE: Nazareno N. de Souza (editor e capa), Zaney da Silva, João C. Monteiro.

FOTOS: A. C. Júnior
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO: Jessie Jane V. de Sousa (diretora), Juliana Iotti, Silvia Arruda, Mônica Pérez, Marcus Sanches, Luciane Reis e Rosangela Vicente Ferreira

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Macário Costa (chefia), Andréa Corrêa e Paulo Henrique
ADMINISTRAÇÃO: Henrique Menezes
PUBLICIDADE: Ari J. Silva

CIRCULAÇÃO E ASSINATURAS:

Mauro Mendes - Rua da Glória, 122 1º andar
CEP 20241 - Rio de Janeiro - Brasil
tel (021) 252-7440/232-3372/232-1759/222-1370

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO

utiliza os serviços das seguintes agências:
ANGOP (Angola), AIM (Moçambique), INA (Iraque), IPS (Inter Press Service), SALPRESS (El Salvador), SHIHATA (Tanzânia), WAFA (Palestina), e o pool de agências dos Países Não-Alinhados. Intercâmbio com as revistas: Africa News (EUA), Altercom (Itália-México-Chile), Third World Network (Malásia), Israel and Palestine Political Report (Paris) e Against the Current (EUA).
Fotos: Agence France Press (AFP)

SUCURSAL DE LISBOA:

Diretor: Artur Baptista
Tricontinental Editora Ltda. Calçada do Combro 10/1º andar. Lisboa. 1.200 - Tel.: 32-0650.
Telex: 42720 CTM-TE-P

Uma publicação da Editora Terceiro Mundo:
Rua da Glória, 122 Grupos 101/102 - 105/106
20241-180 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil
tel (021) 242-1957/222-1370 - Redação
tel 232-1759 / 232-3372 - Administração
tel (021) 507-2203 - Publicidade e Marketing
Fax: 55 21 252-8455 - Telex: (021) 33054 CTMB-BR
Correio Eletrônico - Geonet: Terceiro-Mundo
Alternex: Caderno

REPRESENTANTES DE ASSINATURAS: Maringá - (0442) 224182, Recife - (081) 224-4486 / 224-1421, BH - (031) 271-3757, Brasília - (061) 226-6644 e 225-0683, Aracaju - (079) 211-1912, Rio - (021) 252-7440 / 232-3372, SP - (011) 573-8562 / 571-9871, Porto Alegre - (051) 228-8636, Fortaleza - (085) 252-4858, Cuiabá - (041) 264-9969, Belém - (091) 235-2146, Uberaba - (034) 333-1635, Campinas Grande - (083) 322-7536, Macapá - (096) 222-0855, Salvador - (071) 242-2077
Impresso: Gráfica MEC

CARTAS

Sem Terra

A Coordenação Agrária Nacional do Equador está preparando um novo "Levantamento Indígena e Camponês", exigindo que o governo garanta o atendimento das seguintes reivindicações: que se dê um verdadeiro processo de modernização do Estado com participação e consenso de todos os setores sociais e contra a lei de privatização que o Congresso quer impor ao país; solução do problema agrário, com a aprovação pelo Congresso do projeto alternativo de Lei Agrária Integral, apresentado pela coordenação, e das outras reivindicações dos camponeses e indígenas; investigação e sanção para os responsáveis, autores e cúmplices do assassinato de José Antonio Lanchimba Guanдинango.

Estamos nos solidarizando e apoiando a luta dos companheiros equatorianos e solicitamos a todos que enviem mensagens ao presidente da República e à Embaixada do Equador no Brasil, cujos endereços seguem abaixo:

Presidente - Sixto Durán Ballén, Quito - Equador, fax: 59-325 80142.

Ebaixada do Equador - SHIS QI, 11 conj. 9C/24, Brasília - DF, CEP: 70440, fax: (061) 248-1290.

Egídio Brunetto

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
São Paulo - SP

Intercâmbio

Envio meus sinceros votos e escrevo para pedir cadernos do terceiro mundo pois pode me ajudar a fazer muitas amizades no Brasil. Não sei português, só espanhol, e gosto muito desta terra. Rio e Bahia são dois belos lugares. Peço que me coloquem na coluna de intercâmbio!

Enrique Hurtado Risquet
Ciudad de Havana - Cuba

Minorias

Depois do espaço que conquistaram em 1992, com as comemorações dos 500 anos do descobrimento da América, os temas relativos à questão indígena no conti-

nente foram novamente deixados de lado, inclusive numa publicação como a de vocês, que sempre lhes deu a importância que mereciam. Gostaria de voltar a encontrar artigos de peso sobre as reivindicações, lutas e problemas de nossos indígenas nessa revista que leio há tantos anos.

Martín Hernández
Las Piedras - Uruguai

Aids

Fiquei conhecendo a revista cadernos do terceiro mundo através do V Encontro de Enfermagem, realizado no hotel Glória, do qual participei como auxiliar de enfermagem. Como sempre procuro me informar dos assuntos mais importantes da atualidade, esta revista corresponde às minhas expectativas. Sou formado em Assistência Social e tenho que estar bem-informado. Gostaria que vocês explorassem melhor o problema da Aids, pois faço um trabalho num hospital em Nova Friburgo e queria obter maiores detalhes.

José Broz Ferreira
Cachoeira de Macacu - RJ

Os números 141, 145 e 162 de cadernos do terceiro mundo trazem matérias detalhadas sobre a Aids no Brasil. Você pode adquiri-los através de nosso Departamento de Circulação, cujos telefones se encontram no expediente desta revista.

Mercosul

Neste momento em que todo o mundo se une em blocos e/ou mercados, vemos a nossa América do Sul com iniciativas de integração no mesmo sentido, como o Mercosul. Para me manter sempre informado sobre esta integração, assino a revista Mercosul, desta editora, através da qual também tenho acesso às informações sobre o nosso futuro - o Mercado do Cone Sul.

José Ricardo Brant
Gama - DF

INTERCÂMBIO

Cidadania

Os assuntos desta revista são interessantes, sempre críticos e me ajudam muito. Quero parabenizar toda a equipe pela entrevista feita com dom Paulo Evaristo Arns sobre cidadania, que é muito significativa. Gostaria que fossem publicados mais artigos sobre o tema, pois estou fazendo minha monografia sobre cidadania. É possível adquirir material sobre isso? Como?

Maria do Carmo Lopes

Lins - SP

Você pode adquirir o material desejado pedindo uma pesquisa ao nosso Centro de Documentação, cujo telefone é (021) 252-1742.

Mudança

Assino esta revista há três anos e, a cada número editado, sinto-me recompensado e gratificado. Neste instante de inércia e desalento da sociedade brasileira, a esperança de construção de uma sociedade mais justa e igualitária reside na constatação da existência de meios como cadernos do terceiro mundo.

Parabéns. Continuem sempre apresentando a verdade com transparência e imparcialidade. Um dia, o Brasil será diferente.

Sugiro uma reportagem sobre a seca no Nordeste e suas consequências. Aqui tem gente se alimentando de raiz de vegetais e ração para gado. E o pior que até isso está ficando difícil de se encontrar.

Damião Dantas de Sousa
Natal - RN

Dívida da fome

O Conselho Nacional de Segurança Alimentar estima que, para atender aos 32 milhões de famintos no país, seriam necessários US\$ 20 bilhões. Para viabilizar o combate à fome - que Itamar diz ser prioridade de seu governo -, o meio mais eficaz seria remanejar o Orçamento Geral da União.

Para amortização da dívida pública (interna e externa), estão pre-



vistos no Orçamento cerca de US\$ 16 bilhões, isto é, 3,8% do PIB. Para pagamento dos encargos da dívida (interna e externa) estão previstos 2,94% do PIB, cerca de US\$ 12 bilhões. Há ainda um adicional de US\$ 8,9 bilhões sobre os valores originalmente previstos pelo Executivo, para contemplar as emendas paroquiais dos deputados. Somando-se estas "gorduras políticas", obteríamos os US\$ 20 bilhões necessários para o problema emergencial de combate à fome. Recursos existem, falta vontade política para governar em favor da maioria mais pobre.

Somando os pagamentos do Clube de Paris com os pagamentos aos bancos comerciais, o governo assumiu compromissos da ordem de US\$ 18 bilhões para o setor público brasileiro durante os anos de 1992/94. Estes pagamentos atingem diretamente as contas públicas, as despesas do orçamento, além das prioridades, pois o governo tem que atender aos compromissos com os credores internos e externos, em vez de se preocupar com os problemas sociais e de investimentos no país. Como submeter o país a este acordo da dívida e prometer erradicar a fome?

Programa Educativo
Dívida Externa
São Paulo - SP

- Enrique Hurtado Risquet
San Sebastian # 305,
Guanabacoa 11 - C. Habana
Maximo Gomez y Cadena
cp11100 Cuba
- José Carlos Magno Ferreira
R. Carmen Miranda, 55
Conj. Liberdade
38405-142 Uberlândia - MG
- Solidariedade Popular
Pça. Duque de Caxias, 04
18540-000 Porto Feliz - SP
- Nila Campos Oliva
Ave 57 nº 4423 e/ 44 y 46,
Puentes Grandes
Marianao 14, Habana - Cuba
- Marcelo Luiz B. da Silva
Tv. São Miguel, 913,
bl.B / apt. 101
66045-430 Belém - PA
- William Martins Teixeira
Caixa Postal 4505
20001-970 Rio de Janeiro - RJ
- Eduardo Lazaro P Martinez
Calle 12 # 212 e/ ByC, Lawton
Ciudad Habana - Cuba
- Derenice Oliveira de Jesus
Av. São Carlos, 825
Jardim Santo Antônio
13840-000 Mogi-Guaçu - SP
- Alvarez Jonte
3998-PB:6
Capital Federal
1407 Buenos Aires - Argentina
- Pekim Vaz
Caixa Postal 182
66017-970 Belém - PA
- Virginia Leyva
Flores nº 12508 e/
Cotilla y Abril
Los Pinos, Habana 18 - Cuba
- Arnaldo Cardoso Navarro
Calle 124 A # 2542 e/
25 y 27 Reparto: Zamora
11500 Marianao, 15 - Cuba
- Nadejda K. Krupskaia
R. Gal. Salgado, 95 / 104
53130-320 Setúbal
Recife - PE
- Joaquim de Assis
Av. João Evangelista, 113
36400-000 Santa Matilde
Conselheiro Lafaiete - MG
- João Hinard de Pádua
R. Cruz da Carreira, 4 / 1º dtp.
1100 Lisboa - Portugal
- Sandra Mara
Caixa Postal 43
11740-970 Itanhaém - SP



Congresso: punir os culpados e democratizar o sistema

Neiva Moreira

Há uma aspiração nacional muito forte de que as graves denúncias sobre corrupção na Câmara Federal, feitas pelo ex-assessor do Senado José Carlos Alves dos Santos, sejam apuradas com rigor e os responsáveis devidamente punidos. É verdade que a descrença é bem mais forte do que a expectativa de punição, mas isso não impede que se lute por um julgamento justo e por resultados correspondentes à gravidade das denúncias.

A Câmara conseguiu superar poderosas barreiras no caso de Fernando Collor e atender ao clamor popular pelo impeachment. A morosidade do processo e a maneira como alguns dos principais indiciados escaparam, pelo menos temporariamente, à ação da Justiça, contribuíram muito para a descrença que hoje se verifica, num resultado justo e eficaz do trabalho da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Orçamento. Por sua vez, não foi devidamente compreendido que a CPI anterior – com Collor como epicentro da investigação e o seu alvo central – não tenha ido muito mais a fundo, convertendo-se no processo mesmo de saneamento ético e moral da República. As condições estavam dadas, o apoio popular dominou as ruas, mas faltou vontade política.

É evidente que uma CPI como a atual mexe com as entranhas do poder e pode descobrir ramificações inesperadas. Por isso mesmo, encontra resistências suspeitas, muitas das quais conseguem modificar o curso dos depoimentos, dificultar outros e amparar-se em artifícios de

procedimento para que não se chegue ao fundo do problema.

O que se deve esperar e exigir, no entanto, é que a CPI aponte os culpados e os entregue à Justiça. Só isso importará num choque de ética nos procedimentos da Casa, indiciando-se grupos dominantes, que construíram uma associação ilícita em torno do Orçamento.

Se a Câmara patinar nas indecisões e no manobrismo dos espertos, o Poder Legislativo e, com ele, a democracia ficarão vulneráveis a todo tipo de atentado ditatorial, aberto ou fujimorizado.

A limpeza na Casa será um passo decisivo mas não o único. A Câmara – cujos discursos noticiados pela Voz do Brasil e o formalismo da condução dos trabalhos parecem democráticos e pluralistas – tem, na verdade, sua pauta decidida por grupos de poder muito restritos. Sob diferentes legendas, eles se entendem em torno de decisões conservadoras e elitistas que isolam a minoria e desconhecem as aspirações populares.

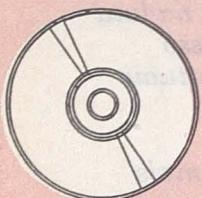
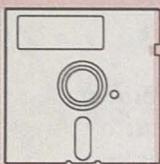
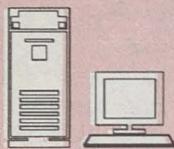
O problema está aí. Se fosse diferente, um grupo como o que se apossou das verbas do Orçamento e foi à Loteria lavar bilhões e bilhões de cruzeiros não teria conseguido sobreviver por tanto tempo impunemente.

A mudança que se espera seja feita a partir da CPI do Orçamento não pode parar nesse dramático e traumático escândalo. Tem que ir a fundo na luta pela construção de um Congresso democrático e isento das suas atuais mazelas.

Se isso for feito, o povo se reencontrará, por certo, com a mais expressiva instituição da democracia representativa, que é o Parlamento.

O livro do futuro

O grau de incerteza que a era da informática traz para toda a humanidade gera preocupações específicas nos países do Terceiro Mundo, que são impulsionados a modernizar seus sistemas de ensino, quando ainda não dominaram a própria tecnologia do livro



Sandra Almada

“Vamos lá, clique o mouse e vocês estarão dentro da história, dentro do computador, dando vida aos personagens, interagindo com o texto.”

Na VI Bienal Internacional do Livro, realizada no Riocentro, em agosto deste ano, a jovem recepcionista Edith Linderdow, do stand Multimídia, o Livro do Futuro, incumbia-se de explicar a uma dezena de crianças, hipnotizadas frente à telinha do computador, as senhas eletrônicas com as quais elas entrariam num mundo fantástico. A trama, a aventura e a graça dos personagens, com som, cor e movimento, faziam da tela do computador 386 o ‘livro eletrônico’ mais concorrido da mostra.

Se no início era o verbo a forma tradicional de contar histórias, agora é a vez da multimídia. Estamos num mundo que se informatiza velozmente,

onde os games e a “literatura” da era digital exercem um fascínio irrestrito sobre a garotada.

Grande parte daqueles que se apinhavam para “ler” o livro do futuro eram estudantes da rede pública do Rio de Janeiro, que pertencem, majoritariamente, às classes populares. Ou seja, meninos e meninas que convivem à distância com as novas conquistas tecnológicas, sem usufruir delas.

O aluno da escola municipal Jornalista Campos Ribeiro desconhecia informações elementares da informática e nunca tocara num video game, embora conviva com a automatização no seu cotidiano, quando observa que cartões magnéticos movimentam dinheiro nos bancos 24 horas.

A via legal – O projeto da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, aprovado pela Câmara, se mantido pelo Senado Federal, talvez ga-

EDUCAÇÃO

ranta a milhares de outros estudantes o acesso aos benefícios da informática. O texto prevê que a iniciação tecnológica dos estudantes brasileiros e o desenvolvimento de critérios de leitura crítica dos meios de comunicação social fiquem a cargo da escola. O assunto mobiliza o meio acadêmico, educadores e instituições ligadas ao ensino de modo geral. Não é para menos.

Se pensarmos nas consequências sociais que a robótica potencialmente traz, ao dispensar o trabalhador de certas tarefas e inserir no sistema de produção mecanismos automáticos, que substituem a mão-de-obra humana, sem que exista um planejamento social que impeça o desemprego em massa, percebemos atônitos que entramos numa era regida pelos riscos da imprevisibilidade. Portanto, é preciso perguntar que impactos culturais ocorrem, com a chegada e a implantação massiva de novas tecnologias de comunicação na educação no Terceiro Mundo.

O império da multimídia – Na definição da pesquisadora Brasilina Passareli, coordenadora do Grupo de Multimídia Interativa da Escola do Futuro da Universidade de São Paulo (USP), hipermídia ou multimídia significa a combinação de textos, diagramas, sons, figuras, animação e imagens em movimento. Este termo representa uma convergência: o CD-ROM, o CD-áudio, o videodisco laser, o digitador gráfico, o disco ótico que aceita gravação, além de várias outras tecnologias emergentes, estão todas sendo utilizados simultaneamente.

"Multimídia é o lugar onde a TV, o cinema, o áudio, os computadores e os editores se encontram", simplifica Brasilina Passareli. A pesquisadora esclarece ainda que é através da multimídia que podem ser criadas inúmeras simulações e estruturas visuais capazes de levar a um processo de aprendizagem.

Saltando da teoria para a prática, o que se prevê no mercado mundial das tecnologias da comunicação é que a multimídia vá movimentar uma cifra em torno de US\$ 3,3 trilhões.

A revista *Exame Informática*, na edição de setembro desse ano, informa que "empresas e escritórios estão encontrando na multimídia um ótimo meio de informações, e as prateleiras

das lojas começaram a ser povoadas por dezenas de títulos em CD-ROM". Para os não-familiarizados com o jargão da informática, vale explicar que o CD-ROM é um disco laser com capacidade de armazenamento de informações bem maior que o disquete comum.

"Usando um computador equipado com um CD-ROM, um aluno tem acesso a mais informação do que havia na Biblioteca do Vaticano no auge da Renascença", compara Brasilina Passareli. Um computador que sai da fábrica sendo capaz de suportar a multimídia custa entre US\$ 2,6 mil e US\$ 5,9 mil. E o número de estudantes brasileiros capaz de suportar este custo é reduzidíssimo.

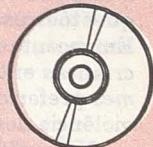
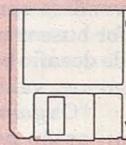
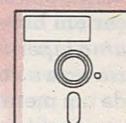
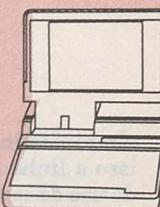
Softwares educativos – Encyclopédias, dicionários, títulos nas áreas das ciências matemáticas e da biologia, narrativas animadas e instrutivas. Já são mais de 90 os títulos da categoria dos softwares educativos.

"Estão chegando ao mercado brasileiro programas importados que nada têm a ver com a nossa realidade. O modelo americano valoriza a utilização do computador para entupir o estudante de informações. Se temos a chance de introduzir o computador no sistema de ensino brasileiro, temos que fazê-lo de forma mais adequada", adverte Patrícia Menezes, diretora da H.O. Informática, e mestre em Informática na Educação pela Universidade de Bankstreet.

Ela ensina que "programas de computador devem ser ferramentas abertas onde as crianças possam desenvolver seus próprios projetos. Trabalhando com editores de texto, banco de dados, planilhas eletrônicas, elas devem escolher o assunto, fazer pesquisas de dados, organizar as informações e dar a forma que quiserem ao que produziram com aquelas ferramentas".

A professora Dilza Valério de Souza, que coordena o Centro de Estudos de Informática do Colégio Pedro II, trabalha com alunos de quinta à oitava série do Primeiro Grau. Os cinco computadores antigos que usa são de uma geração que chegou ao Terceiro Mundo bem antes da sofisticada maquinaria

Os programas importados nada têm a ver com a nossa realidade. O modelo americano apenas enche o estudante de informações



eletrônica instalada na H.O. Nem por isso a linha de trabalho e a avaliação do uso do computador na educação são diferentes. "Muitos alunos chegam com a expectativa de ter joguinhos, mas passam a entender que têm de produzir o próprio game. Se há uma certa deceção, logo ela é substituída pelo interesse, pela exploração, pela descoberta das potencialidades do computador e das suas próprias possibilidades. "Trabalhamos com a linguagem e o ambiente LOGO. O conhecimento é conquistado pela própria criança. Nesse ambiente há um visível aumento da autoconfiança, da auto-estima", conta Dilza.

O escritor e cartunista Ziraldo, criador de um dos personagens mais prestigiados da literatura infanto-juvenil, o *Menino Maluquinho*, vai lançar em breve o *Cientista Maluquinho, uma hiper-história em telinha*. A história leva ao micro o humor e a singeleza de um menino envolvido com experiências muito pouco convencionais, apresentadas em linguagem não-linear, que torna a narrativa computadorizada diferente da narrativa que encontramos nos livros. No micro, a história pode tomar vários rumos, dependendo da escolha que você "clicar".

O *Cientista Maluquinho* poderá ser vendido em banca de jornais, e quem for buscar nesse disquete as situações de desafio bélico, comuns à maioria dos games, vai se decepcionar.

"Os games comercializados no Brasil estão neurotizando as crianças. Esse tipo de brinquedo eletrônico é condizente com a cultura norte-americana, a cultura do desafio, do 'vencer ou vencer'. Temos que colocar a eletrônica a serviço da nossa cultura", afirma.

Não há como negar que a era da informação é essencialmente cultural, e não pode ser reduzida à esfera das questões estritamente tecnológicas. Em recente edição do *Jornal do Brasil*, crianças entrevistadas sobre seus games preferidos confessavam adorar a violência dos joguinhos.

Na conferência que fez no XXV Seminário Brasileiro de Tecnologia Educacional, promovido pela Associação Bra-

sileira de Tecnologias Educacionais (ABT), em outubro desse ano, o professor Antônio Carlos Nogueira, da USP, afirmou que a educação no Brasil está atrasada em tudo. Segundo Nogueira, como em toda a sociedade, são inúmeras as frentes a serem atacadas simultaneamente. "Deveremos verificar como funcionam estas novas tecnologias com a nossa cara, tropicalizadas, adaptadas à nossa realidade, reconstruídas por estudantes e professores", diz.

Os alunos interessados em joguinhos descobrem o potencial do computador

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciéncia (SBPC) e a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, dentro das suas especificidades, estão ambas empenhadas nesta mesma empreitada. A SBPC lançou na Bienal do Livro, em caráter experimental, a versão para computador da revista *Ciéncia Hoje para Crianças*, uma publicação de divulgação científica dirigida ao público infantil.

"Consideramos a importância de se investir em multimídia, cuja linguagem dá maiores condições de se apresentar um tema, desenvolver temas a ele correlatos ou paralelos, de incentivar o espírito científico através de jogos", diz Ângela Vianna, editora de *Ciéncia Hoje para Crianças*. Segundo Ângela, os jogos apresentados na revista são elaborados para serem resolvidos de uma única vez, mesmo que isso envolva tentativas de erro e acerto. Uma vez respondidos perdem sua função. "Em computador, ao contrário, os jogos devem ser pensados com níveis de dificuldade progressiva e ter um tipo de proposta que leve a criança a voltar ao jogo, mesmo ele tendo terminado", compara.

A secretária municipal de Educação, professora Regina de Assis, também defende a estratégia de ataque simultâneo aos diferentes problemas da área educacional, o que pode ser traduzido no desafio que o sistema de ensino público parece querer assumir: integrar as novas tecnologias de comunica-

ção a uma escola que ainda não conseguiu resolver problemas estruturais. Regina de Assis está à frente da maior rede de ensino de primeiro grau da América Latina, com 1.040 escolas.

O escritor Ziraldo avverte: "Estive recentemente participando de um debate com a professora Regina de Assis. Discutimos a criação de um centro eletrônico em multimídia pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Na minha opinião, não adianta preparar a tecnologia do Terceiro Milênio se o currículo humanista da escola é do século XIX, quando se preparava a criança para estudar em Coimbra."

Para Ziraldo, "é uma inconsequênci falarmos em livro do futuro num país onde o sistema de ensino sai da alfabetização para a ação curricular sem privilegiar a leitura. A reflexão está na leitura, na escrita e não na eletrônica".

Ziraldo revela ainda que, nos Estados Unidos, onde uma em cada quatro casas tem um micro e onde se prolifera a febre dos softwares educativos, uma pesquisa recente mostrou que 50% dos norte-americanos não sabem ler. Ele se refere à leitura utilitária, a leitura cotidiana de cheques, manuais de instrução e coisas do gênero, e conclui: "Ler é uma atividade difícil até mesmo para a população do mundo alfabetizado. Se a escola brasileira considerar que se modernizará dando respostas eletrônicas a seus problemas, ignorando, por exemplo, a importância da leitura, vai estar incorrendo num equívoco universal."

Para o teórico em Comunicação e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Muniz Sodré, o impacto inicial do uso dos computadores deve ser absorvido com o tempo. "Se os computadores aqui chegaram e, no momento, se apresentam como video games, cegando, fascinando as pessoas, não quer dizer que isso seja definitivo. Quando terminar todo este fetichismo, eles serão apenas um instrumento como a imprensa foi em relação aos escribas", prevê o professor, ressaltando porém que não há como separar essas máquinas inteligentes do livro.

O fascínio do computador vai terminar e ele será mais um instrumento

Cemitério dos anjinhos

Elias Fajardo

Cemitério dos anjinhos é o local onde costumam ser enterrados crianças ou fetos, encontrados sobretudo nas áreas de seca do sertão nordestino e também no Piauí, próximo ao rio Paranaíba, já entrando no Maranhão. São clandestinos, no sentido de que a localidade tem o seu cemitério oficial, reconhecido pela Igreja, e um outro, mais íntimo e doméstico, em que a própria população administra seus mortos e suas dores.

Não se costuma dizer onde ele fica a estranhos. Situa-se no fundo dos quintais e nos roçados. É possível encontrar até 45 cruzes identificáveis em vários desses cemitérios, e alguns pa-

A população pobre do interior do Maranhão e do Piauí preserva sua identidade cultural cuidando dos seus mortos fora do universo oficial da Igreja católica

recentemente estando sendo usados pelo menos meio século.

Manter um local específico para enterrar seus entes queridos é uma maneira que o grupo tem de se relacionar com a morte. Segundo a Igreja católica, as crianças que jazem ali são pagãs, não foram batizadas. Isto faz com que o grupo se feche mais, pois as mortes de recém-nascidos são muito freqüentes e muitas vezes nem computadas no censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). As pessoas evitam dizer que morrem muitos anjinhos até para não serem considerados mais pobres do que são.

Por isso, as covas quase se escondem à sombra de bananeiras e mangueiras. O cemitério dos anjinhos revela a intimidade e a identidade da comunidade. Muitas vezes a cruz tem só o prenome dos pais e a data da morte, não registrando nem o nome da criança falecida. Há uma maior incidência de enterros nesta região do Maranhão e Piauí entre os meses de janeiro e maio. No Maranhão, este é o período de maior ocorrência de doenças, o mais insalubre.

O cemitério dos anjinhos, segundo o antropólogo Alfredo Wagner, reflete também outras situações: desnutrição, cerceamento de acesso aos recursos hídricos e a própria concentração fundiária. Isso dificulta muito a vida das populações. Toda a higiene do pós-parto é extremamente prejudicada. As mulheres camponesas, tanto do sertão nordestino quanto do Piauí e do Maranhão, são mantidas em camarinhas (cubículos fechados dentro das casas, onde elas cumprem um resguardo que pode durar um mês, tomando canja de galinha caipira). Certos preceitos e rituais, como o do pós-parto, já abandonados no contexto urbano, ainda são mantidos pela sociedade camponesa.

Alfredo Wagner afirma que a estatística escondida dos óbitos de recém-nascidos muitas vezes



O cemitério dos anjinhos é uma forma de contestar o domínio da religião oficial



Uma invasão dramática

acompanha o quadro de desnutrição, da fome, da expulsão violenta de pessoas da terra. Ela não está, de modo algum, dissociada da violência. Por outro lado, o cemitério dos anjos simboliza para o povoado não só que os óbitos não sejam registrados em cartório. Ele é, sobretudo, uma fronteira que a comunidade estabelece para além das religiões oficiais, entre o sagrado e o profano.

Para a Igreja católica, anjo é o menino ou menina não-batizado e que fica no limbo, esperando entrar no céu. Mas para as populações pobres, a palavra tem uma outra conotação. Eles atribuem ao anjo (aquele que morreu cedo, expulso da vida pela extrema miséria) uma categoria quase angelical. E, em função disso, já sacralizaram o espaço onde eles jazem. O cemitério dos anjos é sagrado no povoado e ele sacraliza aqueles que ali estão repousando. Tal espaço é uma maneira de o povoado lidar com as condições adversas. O anjinho é uma resposta à violência, à subnutrição, ao peso da religião oficial que o considera como pagão. É a candura, a pureza resgatada.

O cemitério dos anjos é uma maneira de o povo do sertão se afirmar no domínio do mundo externo. A sociedade oficial brasileira exerce uma repressão aos cemitérios clandestinos, tentando fazer com que todos os óbitos sejam registrados. O grupo que mantém um cemitério clandestino está, conscientemente ou não, questionando os dispositivos legais e o aparato religioso dominante.

Cada vez mais tais cemitérios vão sendo empurrados para bem fundo dos quintais e dos roçados. A identidade da comunidade está sendo comprimida. E desta forma esses grupos são forçados a ir para as suas próprias entradas, para o roçado, que é o mundo da produção, do trabalho, do homem; ou para o quintal, a casa, que é o universo da mulher. Tanto na esfera masculina quanto na feminina, o cemitério é um fator de identidade cultural das comunidades.

Em maio desse ano, foi realizado o Fórum Nacional contra a Violência do Campo, em São Luís, com a presença de Álvaro Ribeiro da Costa, subprocurador geral da República e de várias entidades de defesa dos direitos humanos.

No evento, foi feita uma denúncia de que a Polícia Militar estava despejando, com violência, camponeses no povoado de Belém, município de Buriti de Inácia Vaz, Maranhão. Na mesma região, lavradores já haviam sido despejados violentamente em 14 de março e em fins de janeiro de 1993. Foi escolhida uma comissão para visitar o local.

A comissão chegou até o povoado de jipe, usando caminhos precários feitos pelas madeireiras. O despejo estava sendo feito a pedido da Agrimex e da Itapajé, esta última uma reflorestadora, ambas do grupo João Santos (*ver quadro*), que detém o monopólio de cimento na região.

No sindicato dos trabalhadores rurais, dezenas de mulheres e crianças receberam a comitiva em prantos, rezando, cantando hinos religiosos. O despejo se dera com tiros e violência, pessoas se dispersando na mata, se arranhando na vegetação espinhosa. Algumas crianças haviam desaparecido.

A comitiva chegou ao local da igreja e da escola, onde um agente de saúde costumava dar o cloro para combater a

cólera. Os visitantes queriam saber se morria muita criança no povoado. A resposta foi negativa. Diante de novas perguntas, um homem revelou a existência de um cemitério dos anjinhos. Chegando ao local, o homem confessou que tinha enterrado um filho dele ali há poucos dias. Nas cruzes, estavam escritas as datas das mortes. Daí foi possível concluir que a povoação tinha, pelo menos, 100 anos.

Os antropólogos se surpreenderam com uma cruz no túmulo de uma senhora que havia nascido em 1913. Um homem explicou: "Quando começaram a nos expulsar, minha mãe pediu para ser enterrada aqui; queria ficar nessa terra. Enterramos junto com os anjinhos, mas isso não é a regra."

Isso significa que a função básica do cemitério dos anjos pode ser redefinida em situações de conflito. A identidade do grupo está nesse cemitério. Ao querer ali, a mulher se definia pela



territorialidade. Mas havia outro túmulo com a placa "Zeferina S. M., nascida em julho de 1922". Era a parteira, que tinha feito quase todos os partos dos anjinhos e também pediu para ser enterrada ao lado deles.

A parteira é uma autoridade de saúde (*ver cadernos do terceiro mundo nº 165*) e é parte importante

da identidade da comunidade. O mato avançava sobre os túmulos, a população nem podia mais cuidar dos mortos pois não estava podendo cuidar dos seus vivos.

Entre as cruzes, cresciam mudas de eucaliptos, plantados pela reflorestadora que reivindica a área. Um eucalipto sobre um túmulo é uma imagem

simbólica, como se os corpos tivessem servido de adubo para as árvores. Em nome de um reflorestamento e de um falso discurso de preservação, uma população centenária estava sendo dizimada.

No cemitério, o subprocurador geral da República fazia entrevistas com a população, onde dois canais de televisão estavam presentes. De repente se percebe um barulho na estrada. Era uma carreta com 60 rodas, onde se lia Agrimex, transportando um trator imenso. Policiais armados de metralhadoras saíram do mato e se colocaram em posição de beligerância.

O subprocurador Álvaro Ribeiro da Costa pede que pare e que se identifique o comandante do destacamento. O policial que estava na cabine dá um sorriso e manda tocar em cima. A carreta com o trator avança e a lâmina dele passa a cerca de 20 centímetros do peito do subprocurador da República e dos antropólogos. Em seguida, a carreta vai até a escola, coberta de folhas de babaçu. O trator desce da carreta, soldados tomam posição de combate e o trator se dirige, junto com os soldados e com pessoas depois identificadas como pistoleiros, até a construção. O trator destrói a escola e o posto de saúde. Uma imagem registrada pelas câmeras: representantes do grupo que controla o cimento do Nordeste arrebentam, a pretexto de garantir seus discutíveis direitos sobre a área, a escola pobre e o precário posto de saúde de um povoado do interior.

A comitiva voltou a Buriti, registrou a agressão aos camponeses e a si própria. E foi aberto um inquérito na Polícia Federal, no qual estão anexados os vídeos e as fotos da violência. A Itapajé Florestal já tem 17 mil hectares na área. E está disputando mais 3 mil hectares com os habitantes do povoado. A reflorestadora tem nas mãos um mandado de reintegração de posse. Do outro lado estão os moradores, que habitam o local há mais de 100 anos e que querem ver reconhecida a ancestralidade de seus direitos.

Um grupo poderoso

O grupo João Santos, com sede em Recife, é o maior produtor de cimento do Nordeste. Ele não só desrespeita a legislação trabalhista como também faz o preço segundo seus interesses e sem questionamentos. O cimento vendido em vários municípios do vale do Meari custa mais caro do que o importado da Turquia e da União Soviética. O grupo dedica-se também à produção de celulose, uma das indústrias que mais danos provoca ao meio ambiente.

Empresas do João Santos têm problemas em Itaituba, no Pará, e também no Piauí. Na fazenda Santa Júlia, com cinco mil hectares no município piauiense de Miguel Alves, foram encontradas crianças de oito anos, que mal tinham força para segurar o facão, cortando bambu para alimentar a fábrica de celulose.

O bambuzal da Santa Júlia pertence à Agro Industrial Mercantil Excelsior S/A (Agrimex), uma empresa do mesmo grupo, que tem uma fábrica de celulose em Coelho Neto, no Maranhão, e que mantém também a fábrica de cimento em Codó (MA).

Nenhum dos pais das crianças encontradas trabalhando tem vínculo empregatício com a empresa

dona da fazenda Santa Júlia. Os adultos também enfrentam condições hostis. Ganham uma quantia mínima por um dia de trabalho iniciado às 5 horas e que vai até às 19 horas, uma jornada típica do período escravocrata. Além disso, como são os capatazes da fazenda que fazem a contagem dos talos cortados, há sempre dúvidas nas contas, prejudicando os cortadores.

O Ministério do Trabalho autorizou uma inspeção na fazenda e os fiscais percorreram parte dos seus milhares de hectares, entre junho e julho de 1993.

O bambu, plantado em larga escala, é tão danoso ao meio ambiente quanto o eucalipto. Entre outros problemas, ele acabou com o predador das cobras, um roedor parente da cotia, que vivia no pé das palmeiras que não existem mais. Assim, aconteceu uma superpovoação de cobras na região de Coelho Neto.

A partir da inspeção, a Agrimex foi multada em Cr\$ 5,4 milhões, e está notificada para regularizar a situação, construindo alojamentos, sanitários, contratando médicos e enfermeiros para os trabalhadores e, se nada disso ocorrer, a fazenda poderá ser interditada.



A teoria na prática

Projeto multidisciplinar leva o estudante universitário a exercitar o conhecimento adquirido em sala de aula nas comunidades carentes do Rio

Patricia Costa

Há cerca de três anos, o governo federal lançou o Plano Universidade Sem Fronteiras, projeto multidisciplinar destinado a levar a universidade a transpor seus muros, prestando serviços à comunidade. Esse plano foi traçado para tentar diminuir a discrepância que havia entre a teoria dada em sala e a prática vivida no mercado profissional em todas as áreas.

A professora da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Universidade do Rio de Janeiro (Uni-Rio), Telma

Geovanini, apresentou a idéia de pesquisa realizada por alunos no acompanhamento às gestantes do morro de São Carlos, no Estácio, Zona Norte do Rio. Com o tempo, o projeto ganhou a adesão de estudantes e professores de outras áreas como Biologia, Comunicação, Serviço Social, Medicina, Museologia, Biblioteconomia e Teatro da Uni-Rio e de outras universidades.

O complexo do São Carlos é formado por cinco morros: Azevedo Lima, Chuveirinho, Bairro São José Operário, Catumbi e Querosene, e possui cerca de 70 mil habitantes.

Com apoio da Secretaria Municipal

Fotos: A.C. Júnior

de Saúde e da associação comunitária, além de um convênio firmado com o Movimento Universitário de Desenvolvimento Econômico e Social (Mudes), que cedeu sete bolsas de estudo, o Projeto São Carlos já realizou alguns eventos importantes, entre eles a participação efetiva nas campanhas de vacinação no morro. Atualmente, três projetos estão em vigor na comunidade: Memória do São Carlos, Pré-Natal de Baixo Risco e Educação em Saúde nas Creches da Comunidade.

Segundo Robson Lopes de Almeida, 23 anos, aluno de Jornalismo das Faculdades Integradas Hélio Alonso

(Facha), o Memória do São Carlos visa a melhorar a qualidade de vida da comunidade através do conhecimento de sua história, além de resgatar os dados culturais mais importantes que contam a vida do morro. Robson é responsável pelo boletim *Extensão*, que traz informações sobre o Projeto São Carlos. O boletim é também resultado do trabalho do Núcleo de Educação e Comunicação Comunitária (Necc) da Facha, surgido em 1989, que desenvolve projetos de comunicação popular em várias comunidades cariocas, como o Morro Dona Marta (Botafogo), Chapéu Mangueira (Leme) e Complexo do Turano (Rio Comprido), e que chegou ao São Carlos através de um convite da professora Telma.

Os outros dois projetos - Pré-Natal de Baixo Risco e Educação em Saúde nas Creches da Comunidade - foram instalados em dois pontos da



Exames de saúde passaram a ser regulares na creche da Fundação Leão XIII

COMPORTAMENTO

Um ensino comunitário

comunidade: na parte alta, ocupam algumas salas da Fundação Leão XIII, e na baixa ficam no posto de saúde, instalado na sede da associação de moradores e reativado depois que a universidade passou a trabalhar no morro. As crianças que freqüentam a creche e o primeiro ano primário da fundação fazem exames de saúde regulares.

Telma Geovanini conta que isso ajuda a fazer um controle das doenças mais comuns nas crianças. "Nós descobrimos que quase todas as crianças têm hipertensão arterial. Vamos fazer medições até dezembro para acompanhar as variações da pressão arterial, para descobrirmos se o índice oficial está errado ou se é uma característica local das crianças daqui", diz.

Segundo a professora, as reuniões com gestantes realizadas na parte alta da comunidade recebem mais mulheres por ser uma área muito carente, de difícil acesso. Mas Telma esclarece que o trabalho não tem um caráter exclusivamente assistencialista. "A gente faz assistência, mas o trabalho é mais educativo para os alunos, funciona como uma extensão da faculdade. À comunidade, nós oferecemos educação sanitária, consultas e visitas domiciliares para as gestantes e as puérperas", diz.

Experiência – Sheila Lopes da Silva e seu marido são os felizes pais de Tainá, nascida da oitava tentativa do casal de ter filhos. Sheila acredita que o trabalho do grupo é que ajudou sua filha a nascer. "Hoje, diz, a Telma e seus estudantes são minha segunda família." Viviane Teixeira é um caso bem diferente. Mãe solteira aos 14 anos, teve Adilson prematuramente e por cesariana. Viviane fez o pré-natal incentivada por Sheila, sua prima, e diz que acabou gostando: "Me senti mais segura."

Telma conta que essa realidade é bastante comum nas comunidades carentes, onde muitas meninas ficam grávidas e não recebem a menor assistência ou apoio. A professora afirma que "somente muito empenho, cooperação e força de vontade poderão mudar este quadro", e acha que o pouco que mulheres como Sheila fazem – encaminhando grávidas para o pré-natal e sempre falando com as pessoas sobre

Educação sanitária, consultas e visitas fazem parte do projeto universitário

o projeto – já é um bom começo.

Telma Geovanini não vê desculpa para a situação crítica da Saúde no Brasil. Para ela, a maior responsável por isso é a medicina privada, que está elitizando o atendimento médico. "Aqui, a gente tenta fazer um trabalho de prevenção e educação junto com os alunos. Assim, queremos formar melhores recursos humanos com a visão de um sistema único de saúde ativo e atuante", afirma. O projeto dá ao aluno uma perspectiva global do paciente e mostra a necessidade do trabalho de prevenção. Além disso, evidencia a importância da ação multiprofissional, que aproxima a Enfermagem da Comunicação, do Serviço Social e da Museologia, por exemplo, atuando lado a lado por um resultado comum.

Para a professora, todas as universidades deveriam fazer um tipo de trabalho de extensão que contatasse o estudante com a realidade do país. "Os alunos são treinados com a experiência real, e não ficam alienados achando que o que aprendem dentro de sala é a única verdade", diz.

Daniele Fiúza Franco, estudante de Medicina de 22 anos, sabe bem como é isso. Cursando o terceiro período de Medicina na Uni-Rio, participou do projeto por mais de um ano como voluntária, só recebendo uma bolsa de pesquisa do Mudes a partir de agosto. Ela conta que, antes de entrar na faculdade, já procurava trabalhar junto



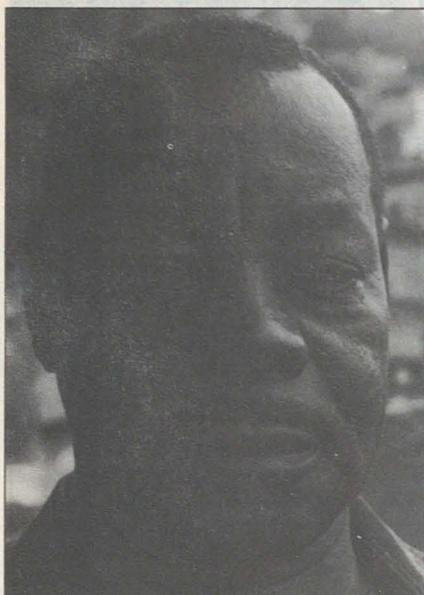
a comunidades carentes, e diz que adorou saber que a Uni-Rio realizava esse tipo de ação: "É um grande incentivo para os alunos, principalmente os que, como eu, cursam o básico, que tem muita teoria. Aqui, a gente pode exercer a prática. Eu me realizei." Daniele observa que o trabalho a ajudou a saber que estava na profissão certa.

A professora Telma diz que o sucesso do projeto se deveu, acima de tudo, à garra e vontade dos alunos, e acrescenta que: "Eles são ferozes, têm um ideal." Ela revela que a idéia do projeto demorou muito a ser aceita, e que sofreu muitos preconceitos por sugerir um trabalho comunitário que saísse dos muros restritos da universidade: "Hoje, as coisas estão melhores, mas o mérito é todo nosso", diz.

Em sintonia com o Borel

Com um sistema improvisado de comunicação na base do alto-falante, morador de uma das maiores favelas do Rio transmite notícias de interesse da população local há cerca de 40 anos

Foto: A.C. Junior



Jorge Neto: informações para a comunidade

Agláia Tavares

Fora do "ar" carioca, congestionado pelas grandes rádios, existe um sistema improvisado de comunicação bem diferente dos convencionais. Trata-se da rádio comunitária ZYKN – Serviço de Utilidade Pública da Comunidade do Borel, na favela do bairro da Tijuca, Zona Norte do Rio, onde funciona na casa de um morador.

No segundo andar do número 103 da Estrada da Independência, um mini-estúdio de rádio funciona há 40 anos. O equipamento é simples, longe de ser comparado aos profissionais. Um amplificador, três caixas acústi-

cas, dois microfones e um aparelho de som 3 em 1. Com esse material, Jorge Neto, 60 anos e há 34 trabalhando na Prefeitura da cidade, coloca a sua "menina dos olhos" no ar. Dispostos estratégicamente na frente da sua casa, os alto-falantes, com potência de 150 watts, atingem um raio de 500 metros, garantindo, segundo Jorge, boa audição para os moradores.

O que diferencia a rádio ZYKN das demais é a sua função comunitária. Mandar recados, divulgar eventos e informar o que for de interesse do Borel é o seu papel. Registrar queixas, denúncias ou elogios em relação ao que acontece no morro torna a ZYKN uma caixa de ressonância do dia-a-dia. Se algo prejudica o bom andamento da comunidade, Jorge Neto é procurado, e a rádio entra no ar.

Avisar à população que será feita uma distribuição gratuita de feijão no morro ou alertar o corpo administrativo da favela que as obras mais urgentes continuam paradas servem como exemplo de como funciona a rádio. Jorge Neto afirma que a ZYKN nasceu e vive até hoje da necessidade de comunicação comunitária, sem nunca ter saído do ar, a não ser por problemas técnicos. Ele comanda a rádio praticamente sozinho.

A ZYKN não tem e nem pretende ter patrocinadores – uma forma de não se comprometer com ninguém isoladamente. Seu compromisso é com a comunidade. Segundo Jorge, apenas uma vez a rádio recebeu ajuda financeira: a Câmara de Vereadores doou dinheiro para a compra de material.

Em 1987, o Serviço de Utilidade

Pública da Comunidade do Borel arrecadou dinheiro e divulgou uma festa no morro, considerada por Jorge como o maior evento já presenciado pela comunidade. Com a participação de várias faculdades do Rio, a festa reuniu mais de três mil moradores da rua São Miguel, principal acesso ao morro do Borel.

A importância da rádio como veículo de comunicação da favela não está apenas nas boas notícias que divulga. Tudo o que for de interesse deve ser informado. Espancamentos, ameaças de morte, invasões de domicílios e agressões a mulheres e crianças são constantes denúncias que Jorge Neto coloca no ar.

Sábado à tarde, durante uma hora e meia, Jorge transmite o *Suplemento Musical*, um noticiário intercalado com música popular brasileira. É o único programa que tem dia e hora (16h) marcados. De segunda a sexta-feira, assim como aos domingos, a rádio aguarda as notícias chegarem. Enquanto Jorge está trabalhando, sua mulher se encarrega de anotar as informações que recebe. À noite, a rádio ZYKN é presença constante no morro, podendo permanecer no ar até as 22 horas ou mais, no caso de um motivo de emergência.

A ZYKN também procura manter seus ouvintes informados sobre o que acontece no país e no mundo. Além da música e das informações locais, atualidades que mereçam destaque também viram notícia. Nas enchentes que castigaram o Rio em 1988, a rádio mobilizou os moradores na ajuda aos desabrigados, fossem eles vizinhos ou não. Mantimentos, colchonetes, cobertores, roupas e dinheiro fizeram parte das doações.

Quanto à censura, Jorge Neto não tem do que se queixar. Ele nega qualquer tipo de retaliação sofrida em seus programas. "Informar hoje e sempre" é o lema da rádio. "A censura, se existe, quem faz sou eu mesmo", afirma. Para Jorge, o segredo do sucesso da ZYKN é se limitar ao seu objetivo comunitário, não admitindo interferências políticas. Nesse caso, atuar como prestadora de serviços é mais importante do que ter uma função principalmente jornalística, como outra rádio qualquer. (A.T.) ■

Um escritor social

Reedições dos livros e estudos sobre Lima Barreto revelam uma tentativa de resgatar a obra deste que foi um dos primeiros escritores a questionar a colonização do Brasil

Agláia Tavares

Três livros, uma novela e uma peça de teatro. Todos têm alguma coisa em comum: falar de Lima Barreto e de sua obra. Setenta e um anos após sua morte, o escritor ainda é festejado no meio artístico e cultural carioca. O revival de Lima Barreto vem acontecendo desde agosto deste ano, quando o romance *Cemitério dos vivos*, baseado nas notas do *Diário do hospício*, deixado por ele, se transformou em peça de teatro, encenada nas escadarias da Faculdade de Economia e Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Curioso é que no mesmo prédio, no campus da Praia Vermelha, na Zona Sul do Rio, funcionava o antigo Hospital Nacional dos Alienados, onde Lima Barreto esteve internado mais de uma vez.

A próxima novela do horário nobre da Rede Globo, *Fera ferida*, também foi buscar inspiração no livro *Nova Califórnia e outros contos*, do escritor, que saiu pela primeira vez em 1956, pela Editora Brasiliense. Com uma linguagem que beira o absurdo e o realismo fantástico, Lima narra a história de uma pequena cidade que, para ganhar dinheiro, resolveu fabricar ouro a partir dos ossos dos antepassados. A novela também vai mesclar personagens de outro livro do escritor, *Clara dos anjos*.

A professora de Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ, Beatriz Resende, transformou em livro a sua tese de doutorado sobre o escritor. O livro *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos* foi publicado em setembro pela Editora UFRJ em co-edição com a Universidade de Campinas (Unicamp-SP). Aproveitando esse movimento, a Editora Graphia reeditou *Um longo sono do futuro*. A diferença é que não se trata de um ensaio sobre o escritor, e sim de um de seus romances.

Para Beatriz Resende, repensar o escritor significa discutir o espaço urbano, as questões da cidade e os direitos do cidadão. Lima Barreto seria intelectual demais para morar no subúrbio, ao mesmo tempo em que repudiava os aristocratas da alta roda, que faziam do Centro do Rio seu ponto de encontro. "A interferência do homem na cidade é um aspecto recorrente nos seus contos e crônicas", afirma Beatriz.

Colocado à margem dos grandes literatos da época, Lima transformou sua literatura na voz das minorias. O escritor fez um Raio X da sociedade dos anos 20 com olhos contemporâneos.

A professora aponta um terceiro motivo que remete a Lima Barreto. Trata-se da atual valorização dos chamados "gêneros menores" ou da "intimidade" – crônica, escrita epistolar e diários. Dessa forma, a obra peculiar, que não se limita a romances ou contos, é sempre reeditada, fazendo ressurgir o escritor na memória do público.

Só *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, o seu primeiro livro, implicitamente autobiográfico, em que Lima narra a sua passagem como jornalista pelo *Correio da Manhã*, pulou para a 7ª edição. Já *A nova Califórnia* está na quarta edição.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em 30 de maio de 1881, portanto sete anos antes da Lei Áurea. Depois de abandonar a Escola Politécnica, atual Faculdade de Engenharia da UFRJ, onde estudou por cinco anos, consegue emprego como funcionário público, ao mesmo tempo em que descobre sua veia literária.

Extremamente crítico, Lima Barreto escreve duas reportagens contra o prefeito do Rio, Carlos Sampaio, responsável pelo desmonte do Morro do Castelo, e outros assuntos ligados ao espaço urbano. Sobre cidadania, muito ele escreveu e muito foi criticado também.



Lima Barreto: mulato e contestador

Mas Lima não tinha olhos voltados somente para a "cidade maravilhosa". Consciente do peso da colonização sobre os países mais pobres, ele se perguntava como o Brasil, um país jovem e promissor, poderia estar submetido ao capital internacional. A perspectiva terceiro-mundista aflorava no escritor, que chegou a se iniciar nos estudos neo-colonialistas, olhando o Terceiro Mundo com os olhos dos colonizados.

Alcoólatra inveterado, Lima Barreto foi internado no Hospital Nacional dos Alienados duas vezes, pela própria família, devido aos delírios e à violência. O psiquiatra Juliano Moreira que, na época, dirigia o hospital, tanto sabia da perfeita sanidade mental de Lima que sempre o mandava de volta para casa. Quando foi internado pela segunda vez, em 24 de dezembro de 1919, o escritor, com ar de ironia, pediu ao psiquiatra que o deixasse ficar internado até o carnaval passar.

Lima Barreto deixou organizada uma biblioteca, a famosa "Limana". Sua obra, com 17 volumes, entre romances, contos, crônicas, correspondências e o diário, foi editada primeiramente em 1956, por Francisco de Assis Barbosa, pela Editora Brasiliense. O único livro que Lima deixa organizado para posterior edição foi *Bagatelas*. Já a edição e publicação de *Vida e morte de N. J. Gonzaga de Sá* ficou a cargo do também escritor e amigo de Lima, Monteiro Lobato. Lima Barreto morreu aos 42 anos, em 1922.

Encontro sobre transporte coletivo

*Empresários,
técnicos e
autoridades
governamentais
ligadas ao
transporte urbano
em ônibus
debateram
no Rio
os problemas
do setor*

*O 'ligeirinho', transporte
expresso de Curitiba,
foi uma atração do
encontro. O modelo
biarticulado tem
mecânica Volvo e
carroceria Ciferal*

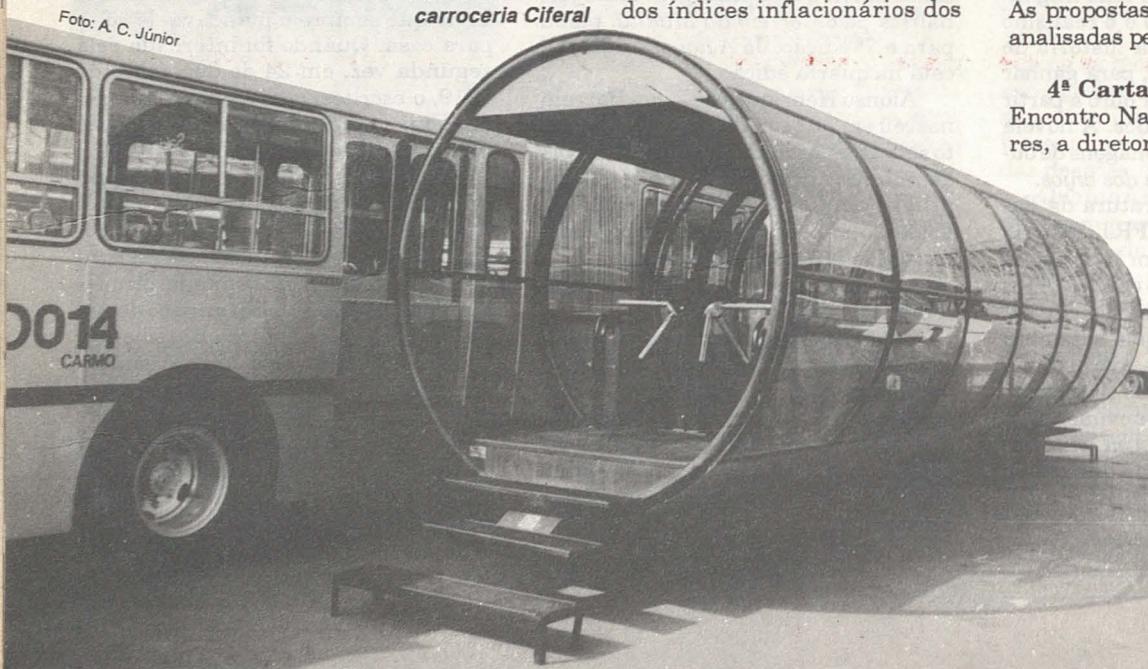


Foto: A. C. Júnior

Marcelo Monteiro



Foram apresentadas várias propostas para o aprimoramento do sistema de transporte de massa nas cidades durante o 5º Encontro dos Transportadores de Passageiros (Etransport), realizado de 29 de setembro a 1º de outubro no Riocentro. Os proprietários de empresas concessionárias do serviço de ônibus criticaram a cobrança de impostos sobre o preço das passagens e sobre os insumos básicos dos ônibus. Os empresários esperam que o governo federal aprove as propostas apresentadas pela comissão especial criada pela Presidência da República para a melhoria do sistema de transporte urbano nas grandes cidades.

Pesquisa apresentada pelo empresário Cláudio Rodrigues de Abreu revela que, em média, 40,83% do preço da tarifa de uma linha interestadual de ônibus são derivados de taxações sobre as empresas transportadoras. Os preços das passagens também são influenciados diretamente, segundo os empresários do setor, pelos aumentos acima dos índices inflacionários dos

insumos básicos à atividade. Segundo Cláudio Abreu, itens como pneus, óleo diesel, salários e veículos subiram entre agosto de 1991 e setembro de 1993 mais do que o Índice Geral de Preços calculado pela Fundação Getúlio Vargas (13.504% no período).

O empresário procura comprovar o exagero dos reajustes dos insumos do setor de transporte em ônibus lembrando que o preço do litro de querosene usado como combustível na aviação (CR\$ 26,72 em setembro) é menor do que o do litro do óleo diesel (CR\$ 36,85 no mesmo mês). O combustível representa, em média, 12% do custo do transporte em ônibus.

O pedido dos empresários de redução da taxação foi encaminhado à comissão especial criada pela Presidência da República com o objetivo de elaborar propostas para a redução do preço das passagens de ônibus e melhorar o sistema de transporte coletivo. A comissão formada por representantes do governo federal, de prefeituras e empresários propôs a eliminação da cobrança de ICMS sobre o diesel usado no transporte urbano de passageiros; isenção de impostos de importação e sobre produtos industrializados (IPI) para peças de reposição para ônibus e trens; obrigatoriedade de definição de fontes de recursos antes da concessão de gratuidade nos coletivos e permissão aos concessionários de linhas de ônibus para comprar óleo diesel com desconto da margem de lucro do revendedor, benefício concedido aos grandes consumidores. As propostas da comissão estão sendo analisadas pelo governo federal.

4ª Carta do Rio – No final do 5º Encontro Nacional dos Transportadores, a diretoria da Federação das Empresas de Transportes Rodoviários do Leste Meridional do Brasil (Fetranspor) e representantes de sindicatos e associações patronais do setor de transporte em ônibus aprovaram a 4ª Carta do Rio de Janeiro. No documento oficial do evento, os donos de empresas de ônibus defendem que seja garantida pelas autorida-

Conferência sindical

Líderes de 16 países condenam a política neoliberal



Centrais sindicais de 16 países se reuniram em setembro em São Paulo, na Conferência Sindical das Américas e do Caribe. A tônica do encontro foi uma condenação da chamada política neoliberal promovida pelas grandes corporações transnacionais. Os líderes reunidos concordam que tal política só tem contribuído para agravar a crise econômica, política, social e moral na sociedade americana.

Os representantes sindicais consideram que os chamados ajustes nas economias do Terceiro Mundo (que são inspirados diretamente nas pressões exercidas pelos cartéis transnacionais) não são aplicados no próprio Primeiro Mundo. O objetivo é a manutenção dos privilégios e superlucros da sociedade desenvol-

vida, que golpeiam a soberania econômica e aumentam a subordinação política dos países pobres. Uma política de privatização mal-orientada e que só atende aos interesses dos empresários e não os dos trabalhadores também é resultado da política neoliberal.

Essa linha de ação acaba tentando desorganizar o movimento sindical, e é responsável pela perseguição de dirigentes, além de violentar convenções e direitos trabalhistas adquiridos. Foi denunciada na conferência o assassinato de Pedro Huillca Tecse, secretário geral da Conferência Geral dos Trabalhadores do Peru.

Compareceram ao evento representantes sindicais da Argentina, Bolívia, Brasil, Costa Rica, Cuba, Equador, Guiana, Venezuela, Chile, México, República Dominicana e França.

des a prioridade ao transporte coletivo, "levando em consideração o meio ambiente". Os empresários propõem a criação de corredores rodoviários, com faixas exclusivas para ônibus; restrição ao estacionamento de carros particulares nos grandes centros urbanos e aprimoramento da sinalização nas cidades, com a sincronização dos sinais.

A Fetranspor defende também a transferência da administração da Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU) para o governo do estado do Rio de Janeiro e a do metrô carioca para o município. Para os empresários, as medidas permitiriam a melhoria do transporte coletivo no estado e o retorno do ônibus ao papel original de "transporte complementar e alimentador". Segundo pesquisa da Secretaria Estadual de Transportes do Rio, os ônibus eram responsáveis em 1987 pelo transporte de 63,7% dos passageiros, enquanto trem e metrô, os chamados "transportes de massa", conduziam apenas 12,3% dos passageiros.

Os donos das empresas de ônibus pedem às autoridades que fixem regras claras para a concessão do serviço de transporte em ônibus, com a definição dos poderes e deveres dos empresários, usuários e Poder Público, "para que se tenha maior segurança nos investimentos diretos e indiretos com o aumento da qualidade e produtividade dos serviços".

Os concessionários querem também maior fiscalização dos órgãos governamentais para reduzir a prestação do transporte coletivo por empresas sem autorização legal, as "empresas piratas", que "não observam os objetivos básicos de segurança e conforto". A 4ª Carta do Rio sugere, também, a concessão de vale-transporte aos trabalhadores do setor informal.

O 5º Etransport promoveu também uma exposição de produtos e equipamentos fabricados pelas indústrias de insumos para empresas de transporte em ônibus. Um dos modelos que despertou a atenção dos participantes do evento foi o "ligeirinho", sistema de transporte usado em Curitiba que une um modelo de ônibus articulado sem rodas e uma estação tubular onde são depositadas fichas-passagem pelos usuários. O sistema permite maior rapidez porque evita filas na porta do coletivo para o pagamento das tarifas.

Cinema e ficção científica

Os mitos de ontem ressurgem na ficção e nos filmes e são projetados para o futuro

Eva Spitz

Aciênci a e a cultura estão cada vez mais indissociadas. A busca de coerência entre o saber científico e o empírico, que habita o imaginário das pessoas, é um dos pontos que mais suscitam discussões entre os pensadores contemporâneos, como o cientista e filósofo Ilya Prigogine (prêmio Nobel de Química em 1977) no seu livro *A nova aliança*.

O antropólogo Isidoro Maria da Silva Alves, 45 anos, vem se ocupando dessa temática há alguns anos, preocupado especificamente com o imaginário no cinema. Ele apresentou recentemente o resultado de suas primeiras pesquisas no Museu do Observatório Nacional, no Rio, onde é pesquisador do CNPq, com o sugestivo título *Arte, Ciência e Imaginário: Ficção Científica do Jurássico ao Século XXI*.

O professor Isidoro Alves procura demonstrar que tanto a ciência quanto o cinema fazem uso igualmente do imaginário. "Na ciência, as partículas subatômicas foram imaginadas antes de serem comprovadas pelo mundo da Física Quântica", diz. Da mesma forma que nunca se pôde comprovar os motivos do desaparecimento dos dinossauros. "Sabe-se que eles desapareceram há 65 milhões de anos, mas não se sabe o porquê. Supõe-se que um cometa colidiu com a Terra, o que provocou o seu fim."

A rigor, tanto a ciência como a ficção científica operariam assim com simulações, modelos, suposições. E, como um recurso do homem para falar de si mesmo, surge um exemplo bem-sucedido de ficção científica no cinema, o filme *2001*, de Stanley Kubrick, que tenta recuperar o passado com técnicas do futuro, além de usar uma tecnologia atualizada.

Ao comparar o tempo da ciência com o tempo da ficção, o antropólogo afirma: "A ficção científica oferece uma



O imaginário humano é um elemento vital nos filmes de ficção científica

combinatória entre a representação da ciência propriamente dita, a mitologia arquetípica, a tradição do fantástico e da magia, a fantasmática individual e o imaginário social." Ficção científica, portanto, seria uma maneira moderna de fazer ressurgir os mitos de ontem, dotando-os de uma credibilidade nova.

"Trata-se de permitir ao homem sonhar no presente o que o futuro já atualizou", completa. Dentro dessa perspectiva, o imaginário funciona como um campo fértil que proporciona a uma sociedade se conhecer e criar o seu lugar no tempo e no espaço. O filme *2001* funciona mostrando como se opera essa passagem do passado ao futuro, onde se pode ler os desejos e as crenças que marcam a idéia do mito fundador de um novo paradigma sobre a origem das civilizações. Essa passagem se torna clara na cena em que o macaco joga para o alto o osso que usa como instrumento de sobrevivência e esse osso se transforma em nave espacial.

Além de chamar atenção para um número reduzido de temas recorrentes na história da ciência e que aparecem também no imaginário, o antropólogo analisa ainda o início da ficção científica no cinema. Nesse cenário, situa-se a figura de Georges Méliès, criador de uma das mais vigorosas representações contemporâneas do imaginário da civilização ocidental. Em 1902 ele realiza *Le voyage dans la lune* inspirado nas obras de Julio Verne e H.G. Wells, os fundadores da ficção científica moderna. O filme conta as aventuras de um grupo de astrônomos que embarca para a Lua num foguete impulsionado por um canhão gigante.

Abel Gance, um dos grandes nomes do cinema mudo, também tematiza a ficção científica em *Os gases mortais* (1916) e *Loucura do Dr. Tuba* (1915).

O clássico *Metropolis*, de Fritz Lang, de 1926, é apontado pelo antropólogo como um filme profético onde "encontram-se todos os aspectos míticos da ficção alemã". Lang fez outro clássico nessa área: *A mulher na Lua*, de 1928. Nessas duas obras, o expressionismo alemão se mistura ao imaginário filmico.

No início do século, um outro grande filme marca a entrada do cinema americano nessa vigorosa cadeia de elos da ficção científica: *O médico e o monstro (Dr. Jekyll e Mr. Hyde)*, com a

primeira versão falada em 1932 e direção de Rouben Mamoulian. Nesta obra, o fantástico e a ficção científica fazem um casamento perfeito em que "os mitos relacionados com a criação de seres disformes" se aliam à natureza das experiências científicas.

Há a seguir uma sucessão de trabalhos que focalizam a ciência naquilo que ela tem de mais subjetivo e, portanto, discutível: o papel do cientista na sua exacerbação mais patológica. São obras sobre cientistas loucos como *O crime da rua Morgue*, de Robert Florey, de 31, e *Frankenstein* (que, de acordo com a leitura do antropólogo, fala de hereditariedade, criação biológica e antecipa até uma discussão sobre o ácido desoxirribonucleico - DNA -, um dos conceitos fundamentais à ciência moderna).

A partir dos anos 30, uma sucessão de filmes antecipa a primeira grande saída do homem da esfera do seu universo conhecido, quando ele vai à Lua e vê a Terra de fora, já nos anos 60.

Várias décadas mais tarde, os heróis tipo Flash Gordon, Mandrake, Brick Bradford são substituídos por outros mais atualizados nos filmes interplanetários *Guerra nas estrelas* e *Alliens*.

Isidoro Alves relaciona ainda outros filmes, saídos da literatura e dos quadrinhos, que nos anos 50 mostravam o temor de um novo conflito mundial que gerasse o fim do mundo, mas que expressavam no subtexto a ideologia dominante. São filmes sobre a Guerra Fria e uma possível e exagerada Invasão Vermelha (ou comunista). Mas há ainda as obras de advertência contra o perigo nuclear como *O dia que a Terra parou*, de Robert Wise, de 51.

De lá para cá, várias obras cinematográficas vêm sinalizando futuros sombrios, como *Blade Runner*, de Ridley Scott.

Mas elas apresentam também temas do imaginário sempre presentes desde que o mundo ocidental é mundo. Um deles é o conflito entre pai e filho, tratado em *Guerra nas estrelas* em que o mocinho é filho do bandido. Ou seja, à medida que se avança, retrocede-se.

Essa circularidade do tempo, segundo o antropólogo, é a grande descoberta da Física Quântica, o que demonstra estar a ciência e o imaginário mais ligados do que podia supor o pensamento científico tradicional.

REVISTA DO/DEL

Mercosur

*Para comunicar-se conosco /
Para comunicarse con nosotros*

Nosso fax/ Nuestro fax
Chamadas do Brasil/ Desde Brasil:
(021) 252-8455
Chamadas de outro país/ Desde
otro país: (5521) 252-8455
Nossos telefones/ Nuestros teléfo-
nos
(021) 242-0763 / 242-1957 / 222-1370
Nosso endereço/ Nuestra Dirección:
Rua da Glória, 122, conj. 105/106 -
Glória - Rio (20241)

*Para comunicar-se com nossos
correspondentes e repre-
sentantes/ Para comunicarse
con nuestros correspondientes y
representantes:*

Paraguai: Juan Luis Gauto
Tel.: (0059521) 37169
Asunción

Uruguai: Hugo Cardozo
García Lorca, 8118
Tel.: 612064 - Montevideo

Rio Grande do Sul:
Luis Gonzaga Capaverde
Rua da República 525/206
Tel.: (051) 228-5919 - Porto Alegre

Santa Catarina: Paulo R. Derengoski
Cx. Postal 526 - Tel.(0492) 224838
Lages - SC 88500

Paraná: Maria do Carmo Batiston
Rua Dep. João Schleider Sobr. 288
Tel/Fax: 225-4877 / 256-8013
Curitiba
Aluizio Palmar e Adão Almeida
Av. Edmundo de Barros, 830
Te.: (0455) 72-1738
Foz do Iguaçu

O fim das internações em discussão

Entidade de apoio aos doentes mentais se mobiliza contra projeto de extinção progressiva dos hospitais psiquiátricos



A assistência à família contribui para diminuir os casos de abandono dos doentes

Paulo Marinho

Criada em maio de 1991 para lutar contra o projeto de lei que prevê o fim dos hospitais psiquiátricos no país, a Associação de Familiares de Doentes Mentais (AFDM) defende a manutenção da estrutura hospitalar existente e também o direito de pacientes e seus familiares escolherem médico e local de atendimento.

A entidade firmou suas posições no Congresso Mundial de Psiquiatria, realizado em junho deste ano no Rio de Janeiro – quando criticou a proposta de implantação, no Brasil, de um plano que não teria dado certo nos países desenvolvidos. Responsável pela criação

do Dia em Defesa do Doente Mental (10 de agosto), a AFDM também quer ter assento nos órgãos públicos que formulam a política do setor.

A associação se transformou num canal de expressão para os doentes mentais e seus familiares. "Aprovado por acordo de lideranças na Câmara Federal, o equivocado projeto do deputado Paulo Delgado acabou fazendo com que a sociedade se organizasse em um setor até então desmobilizado", diz o psiquiatra e presidente da associação, Alberto Albino, lembrando que a entidade enfrenta dificuldades materiais e o tabu que envolve um tema delicado e constrangedor para a família.

Para a assistente social Augusta Sereno, a saúde mental deve ser tra-

lhada à luz das dificuldades econômicas da população. "A grande maioria dos pacientes internados nos hospitais públicos mal sabe escrever o nome, não tem qualificação profissional e procede de famílias com renda baixíssima", diz Augusta. Por isso, é comum encontrar doentes abandonados pelos familiares, "já que sua permanência na instituição representa uma boca a menos na mesa".

Trabalho multidisciplinar – Na prática, apenas 30% das famílias têm condições de levar o paciente para casa. No entanto, o trabalho conjunto do pessoal de saúde junto a familiares e internos pode resultar em melhor assistência para os deficientes.

"Recentemente, conseguimos localizar a família de um paciente que jamais recebera visita", diz a assistente social: "Após três convites, a responsável compareceu a uma de nossas reuniões e chorou muito, dizendo que não podia levá-lo. Esclarecida quanto à finalidade dos encontros, passou a freqüentá-los com assiduidade, mesmo não podendo levar o filho para casa."

Trabalhando no setor desde o início da década de 70, o psiquiatra Alberto Albino também entende que a maneira de os familiares lidarem com o problema varia na razão direta daquilo que lhes é oferecido nos hospitais.

"Há 20 anos, um profissional lotado no Hospital do Engenho de Dentro (Zona Norte do Rio) cuidava de quatro enfermarias e não tinha tempo para trabalhar a família, não existindo, na época, qualquer tipo de terapia", compara. Embora a falta de recursos persista em muitas clínicas, o psiquiatra afirma que aquelas onde a família recebe a devida atenção já conseguiram reduzir para 10% o índice de doentes em completo abandono.

Albino sustenta também que a

Projeto Delgado

O projeto do deputado Paulo Delgado dispõe sobre a "extinção progressiva dos manicômios e sua substituição por outros recursos assistenciais (...) ficando proibida, em todo o território nacional, a construção de novos hospitais psiquiátricos públicos e a contratação ou financiamento, pelo setor governamental, de novos leitos". O projeto se baseia em conceções teóricas que afirmam ser o isolamento nocivo ao paciente, e que, na prática, os hospitais psiquiátricos são verdadeiras prisões que não curam ninguém. Seus defensores dizem que o hospital psiquiátrico é usado pela família e pelo Estado para se livrar dos doentes.

Para a assistente social Augusta Sereno, a tentativa de substituir a internação pela assistência ambulatorial e tratamento em hospitais semi-abertos, nos moldes de experiência desenvolvida na Itália, é irrele diante do nível sócio-econômico de nossa população. "Levar o doente ao hospital diariamente estouraria o orçamento da família com transporte", afirma.

maior dificuldade é a própria precariedade do sistema de saúde pública. "A falta de assistência e o consequente agravamento do estado de saúde não é exclusividade do doente mental; uma criança excepcional nascida em um lar pobre, cujos pais dependem dos serviços públicos, nasce condenada, já que os gastos com enfermeira, tomografias e fisioterapia demandam um volume de dinheiro inacessível à maioria da população."

O psiquiatra classifica de absurda a idéia de fechar os hospitais e acabar com as internações de doentes que, muitas vezes, não têm para onde ir e fatalmente acabariam perambulando pelas ruas. Segundo ele, a solução seria manter a rede hospitalar e colocar nela pessoal preparado para lidar com familiares dos doentes. "Do contrário, os deficientes em crise psicótica, que podem colocar em risco a integridade física de parentes e vizinhos, vão se transformar nas próximas vítimas dos grupos de extermínio que atuam impunemente", adverte.

Participação – Alberto Albino reivindica ainda a inclusão da Associação de Familiares de Doentes Mentais

A AFDM adverte que experiências anteriores fracassaram em países como os Estados Unidos e a Itália – levando uma parte da população psiquiátrica ao abandono. O fim das internações e a utilização do chamado hospital-dia teria produzido ainda a transinsti tucionalização, com os doentes procurando abrigo em casas de repouso, albergues para anciãos e outras instituições não-psiquiátricas. A Lei Baságlio que, nos anos 70, fechou os hospitais italianos, teria transformado a maior central ferroviária de Roma em um grande asilo de doentes mentais, que se abrigavam ali.

A AFDM defende a manutenção dos hospitais e a criação de ambulatórios funcionando em suas dependências – para aqueles que recebem alta e podem se tratar em casa. A entidade reivindica ainda a liberação de remédios e exames para os doentes e o serviço ambulatorial atendendo das 18 às 22 h – de maneira a facilitar a presença dos familiares que trabalham durante o dia e ficam impossibilitados de acompanhar o tratamento do deficiente.

no Conselho de Saúde Mental do Estado do Rio de Janeiro, e a presença da entidade nos hospitais uma vez por mês para ajudar na administração e fiscalizar a qualidade dos serviços. Além disso, defende o direito de o doente escolher o hospital e o médico com quem vai se tratar, já que "sua

personalidade e a do terapeuta devem encaixar-se. Se o paciente se sentir insatisfeito ou pouco auxiliado por um médico, vale a pena consultar outro profissional".

Alberto Albino revela que, no Rio de Janeiro, o esvaziamento do Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social (Inamps) já criou uma situação de fato, uma vez que o fechamento dos Postos de Atendimento Médico (PAM) de Bangu, na Zona Oeste, e da Avenida Venezuela (Centro) deixaram os deficientes mentais do município de Nova Iguaçu (Grande Rio) e seus familiares sem opção de atendimento e internação. O diretor da AFDM alerta que a redução dos quadros técnicos do órgão responsável pela saúde pública afeta outros hospitais, como os dois que atendem os portadores de tuberculose e hanseníase, em Jacarepaguá. Na localidade de Curiúca, no mesmo bairro, a única maternidade pública foi fechada: "Por trás da desinstitucionalização paira a privatização de todo o sistema, já que a implosão do Inamps levará à proliferação dos planos de saúde, uma vez que, logicamente, a busca da assistência particular será ampliada."

A s associações que defendem o doente devem ter voz e presença na formulação de uma política de saúde mental

A luta dos ostomizados

Aura Pinheiro

O gastroenterologista e estomaterapeuta Flávio Abby, trabalhando há 17 anos no setor, diz que no Rio de Janeiro não há sequer um hospital-modelo para os quatro mil ostomizados do estado. Além disso, existem poucos profissionais de saúde atuando nesse tipo de terapia, que convive com a falta de equipamentos nacionais e o alto custo de materiais importados. Essas foram as principais questões debatidas no Dia Mundial dos Ostomizados, durante o encontro realizado no início de outubro e promovido pela Sociedade Brasileira dos Ostomizados e pela International Ostomy Association.

A maioria dos participantes era ostomizada. Médicos, psicólogos, nutricionistas, assistentes sociais, entre outros profissionais presentes, em algum período de suas vidas sofreram uma ostomia, tipo de cirurgia feita para manter uma comunicação entre um órgão interno e o exterior, com a finalidade de eliminar dejetos.

O médico Flávio Abby, que há 19 anos fez uma ileostomia, tipo de ostomia intestinal para realizar a ligação do íleo com o exterior, disse que o acompanhamento pós-operatório dos pacientes é um outro problema que os aflige. Por falta de profissionais das áreas de enfermagem, serviço social e psicologia, depois da cirurgia muitas pessoas não sabem até mesmo como farão uso da bolsa coletora que terão constantemente adaptadas no abdômen para armazenar dejetos.

Segundo Flávio Abby, há uma grande discriminação de profissionais de saúde na assistência aos ostomizados. E o acompanhamento pós-operatório é, muitas vezes, feito de forma improvisada. Pessoas que sofrem uma ostomia levam, em média, 12 dias para aprender a manejá-la com as bolsas coletoras. Esta auto-aprendizagem muitas vezes pode ser frustrante – e até mesmo torturante – para pacientes que necessitam de um maior apoio psicológico durante e após a cirurgia. "Muitos deles passam suas vidas dentro de casa e se isolam do convívio so-

cial, já que podem sair do hospital bem adaptados tecnicamente, mas psicologicamente mal preparados."

Abby diz que o problema da falta de assistência aos ostomizados no Brasil tem suas origens na escassez de escolas de medicina especializadas no assunto. A Universidade de São Paulo (USP) é a única a oferecer um curso voltado para a ostomia, enquanto nas faculdades de enfermagem, somente no último ano os alunos têm noção do tratamento de pacientes ostomizados.

A partir desta discussão, durante o encontro do Dia Mundial dos Ostomizados, os participantes decidiram trabalhar

pela criação de grupos móveis de profissionais especializados na área para a formação de novos especialistas em ostomoterapia. A proposta foi confirmada através da assinatura de um protocolo de intenção entre estados e municípios para a implantação do Programa Nacional para Atendimento aos Ostomizados.

Outra boa notícia foi anunciada por Isabel Loureiro, consultora da Coordenação de Atenção a Grupos Especiais do Ministério da Saúde e coordenadora dos Sistemas Integrados de Atenção a Pessoas Portadoras de Deficiências (Siades) da Secretaria Estadual de Saúde. Ela anunciou uma nova portaria baixada pelo Ministério da Saúde, no mês de setembro, com a finalidade de aperfeiçoar o sistema de repasse de verbas e de materiais cedidos aos ostomizados nos hospitais públicos do país.

"Os Recursos de Cobertura Ambulatorial (RCA) do Ministério foram acrescidos em 2,5% em suas despesas para a compra de órteses, próteses e bolsas de colostomia. Os materiais serão repassados para hospitais estaduais e municipais através de uma avaliação feita por uma comissão do Ministério da Saúde sobre a carência desses materiais nos hospitais. Na portaria foram acrescidos 96 novos itens referentes a diversas áreas de saúde, e entre eles estão incluídos equipamentos de uso dos ostomizados", diz Isabel Loureiro.

O alto custo de equipamentos importados tem sido outra reclamação. Por falta de mercado, de acordo com Flávio Abby, não há representações nacionais de empresas fornecedoras de materiais do gênero. Produtos chegam ao Brasil com taxas de importação, a serem pagas pelo distribuidor, que variam de 5% a 15%. Com isso, usuários são obrigados a gastar, em média, de CR\$ 500 a CR\$ 1.300 por semana (preços de outubro) só na compra das bolsas coletoras, trocadas após cinco ou sete dias de uso.

A Sociedade Brasileira dos Ostomizados tem 24 associações filiadas que dão assistência aos doentes. À frente dela está a presidente Cândida Carvalheira, uma ostomizada que transformou sua vida num exemplo de trabalho social.

Perguntar o que é ostomizado não chega a ser um absurdo, mas a resposta é um sintoma do abandono da saúde. Cerca de 50 mil pacientes em todo o país lutam para enfrentar a falta de atendimento médico especializado

A.C. Júnior

Cândida Carvalheira
presidente da Sociedade Brasileira de Ostomizados



ASSINE

CADERNOS
DO TERCEIRO MUNDO
NESTE NATAL

**Um presente para
você e os amigos**

**PROMOÇÃO
DE NATAL**

- Desconto de até 25% no pagamento à vista
- Pagamento em até 3X sem juros



PREÇOS E FORMAS DE PAGAMENTO

PERÍODO DE ASSINATURA	À VISTA: (Já com desconto) cheque nominal e vale postal	A PRAZO pagamento por cheque nominal ou cartão
1 ANO	A CR\$ 6.320,00 <small>Já cl 15%</small>	B 1 cheque de CR\$ 7.440,00 para 30 dias
2 ANOS	C CR\$ 11.160,00 <small>Já cl 25%</small>	D 3 cheques de CR\$ 4.960,00 para 30/60/90 dias

Para pagamento por reembolso postal os preços são de CR\$ 7.440,00 (1 ano) e CR\$ 14.880,00 (2 anos)

MEU PEDIDO DE ASSINATURA

CADERNOS

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____

Cidade: _____ Estado: _____

CEP: _____ Tel.: _____

Profissão: _____

Minha opção de assinatura é: (A) (B) (C) (D)

Estou efetuando o pagamento por:

Cheque(s) nominal(ais) à Editora Terceiro Mundo Ltda.

Por telefone

Reembolso Postal

Vale Postal Ag. Lapa

De acordo com a opção feita, autorizo o débito no cartão

de crédito: _____, que tem validade até _____ / _____
(nome do cartão)

Nome do titular do Cartão

Nº do Cartão

ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

DATA: _____ / _____ / _____ Comprador

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 05/12/93

ASSINATURA/PRESENTE DO AMIGO

CADERNOS

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____

Cidade: _____ Estado: _____

CEP: _____ Tel.: _____

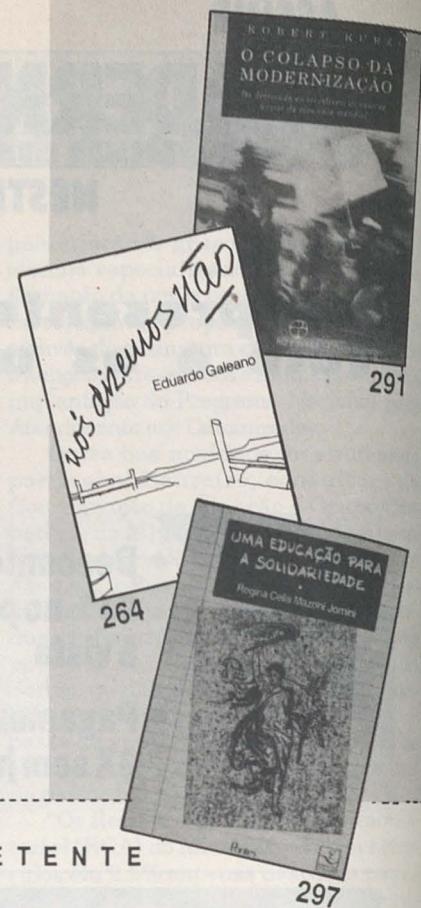
Profissão: _____

Enviar para Editora Terceiro Mundo Ltda.
Rua da Glória, 122 - 1º andar - Glória - 20241-180 - Rio de Janeiro, RJ
Dept. de Assinaturas
PEÇA TAMBÉM PELOS TES (021) 252-7440/232-3372
OU PELO FAX (021) 252-8455

Após a validade cobraremos preços atualizados

MONTE SUA BIBLIOTECA, INTEIRAMENTE GRÁTIS!

BRINDES DO MÊS



Apresente, todos os meses, 3 pessoas para conhecerem "cadernos".

Podem ser seus amigos(as), alunos(as), professores(as), colegas de curso ou trabalho. O importante é que sejam pessoas que vão gostar de "ler a nossa diferença".

COMO FUNCIONA E COMO VOCÊ GANHA.

As pessoas indicadas receberão 1 exemplar (de arquivo) da revista. Para cada uma que tornar-se assinante você ganha 1 livro de sua escolha, dentre os livros brinde do mês.

INDICAÇÕES:

Nome:.....
End:.....
Bairro:.....
Cidade:..... UF:.....
CEP:..... Tel:.....

Em relação ao remetente o indicado é:
() amigo(a) () colega de trabalho () professor(a)
() aluno(a) () colega de curso

Nome:.....
End:.....
Bairro:.....
Cidade:..... UF:.....
CEP:..... Tel:.....

Em relação ao remetente o indicado é:
() amigo(a) () colega de trabalho () professor(a)
() aluno(a) () colega de curso

Nome:.....
End:.....
Bairro:.....
Cidade:..... UF:.....
CEP:..... Tel:.....

Em relação ao remetente o indicado é:
() amigo(a) () colega de trabalho () professor(a)
() aluno(a) () colega de curso

REMETENTE

Se dentro de até 2 meses algum indicado tornar-se assinante por intermédio de mala direta oriunda desta promoção, desejo como brinde, pela ordem:

Código do brinde

1º () 2º () 3º()

Nome:.....
End:.....
Bairro:.....
Cidade:..... UF:.....
Cep:..... Tel:.....
Profissão:.....

Sou assinante de cadernos

Data: ____ / ____ / ____

Assinatura do remetente

IMPORTANTE:

- 1- No caso de duplicidade de indicados prevalece a primeira. Após o prazo, será considerada como indicação, a do 2º remetente
- 2- Com a finalidade de aumentar as probabilidades de assinatura, o remetente pode mandar mais nomes em relação anexa.

CADERNOS

Especiais

SUMÁRIO

2 NOVA ERA

Um movimento que propõe uma ligação direta do ser humano com seu Deus interior e a convivência harmoniosa entre as religiões

6 UMA RELIGAÇÃO COM DEUS

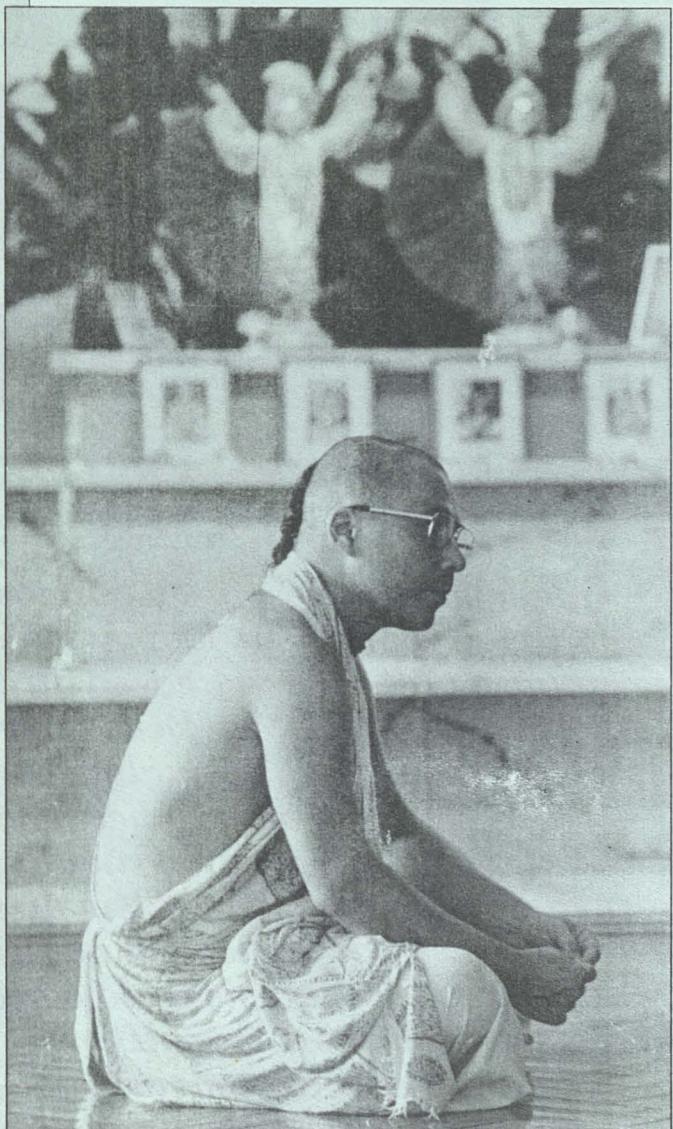
8 CULTOS AFRO-BRASILEIROS

Estas tradições religiosas viram-se envolvidas numa guerra santa com os evangélicos que disputam com elas poder e fiéis

12 DEUSES DA ÁFRICA E DO BRASIL

15 KARDECISMO EM EXPANSÃO

Somente 3% dos brasileiros se dizem kardecistas, mas a maioria da população crê nos postulados espíritas

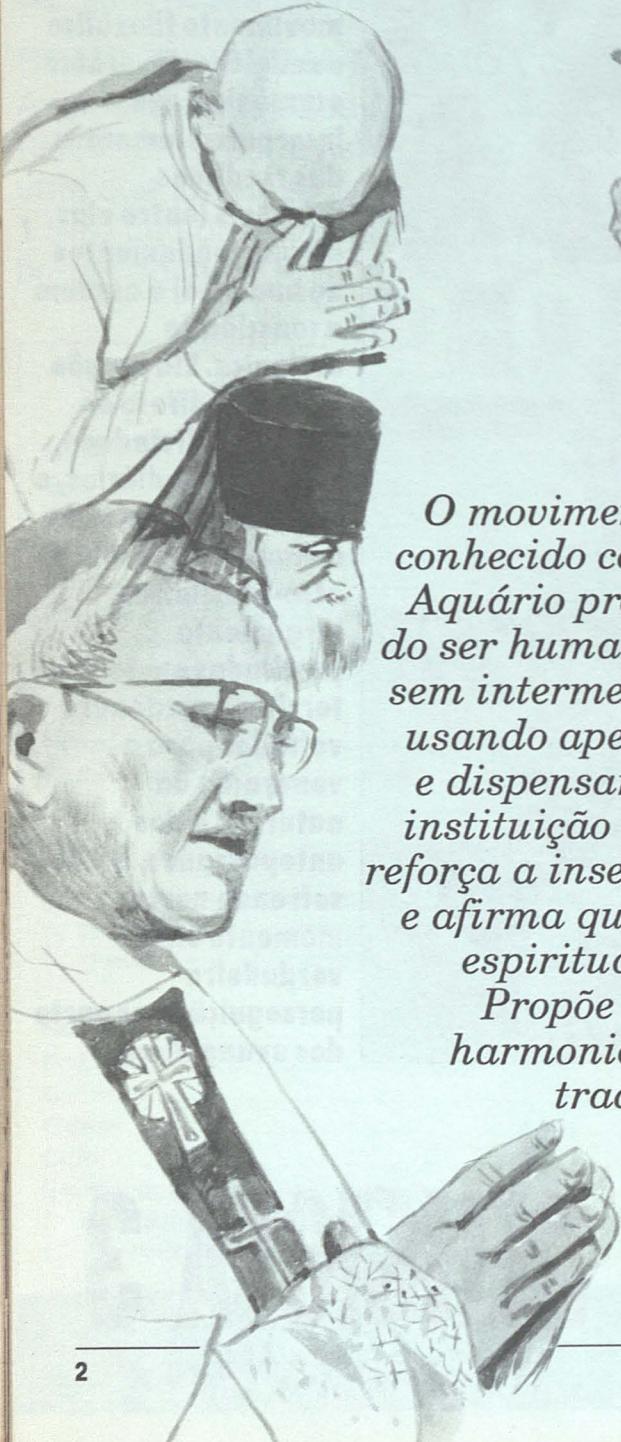


A Nova Era é um movimento filosófico e religioso de caráter ecumênico, que incorpora elementos das tradições orientais (entre elas alguns fundamentos do budismo) e assume a consciência ecológica. Ela propõe o contato direto do fiel com a divindade, sem intermediários, e tem crescido em todo o mundo. Já os cultos afro-brasileiros, largamente praticados em todo o território nacional e voltados para a veneração da natureza e dos antepassados, estão sofrendo neste momento uma verdadeira perseguição por parte dos evangélicos.

A MARÉ RELIGIOSA 3

A NOVA ERA

Reportagem: Solange Bastos, Lena Frias e
Coordenação: José Louzeiro



O movimento filosófico e religioso conhecido como Nova Era ou Era de Aquário propõe uma ligação direta do ser humano com seu Deus interior, sem intermediários de qualquer tipo, usando apenas o autoconhecimento e dispensando a religião enquanto instituição organizada. Além disso, reforça a inserção do homem no cosmos e afirma que consciência ecológica e espiritual são a mesma coisa.

Propõe ainda a convivência harmoniosa entre as diferentes tradições religiosas.



A Nova Era tem seu marco inicial nos Estados Unidos dos anos 70, mesma época do surgimento das Organizações Não-Governamentais (ONGs). Ela defende as idéias de holística (ser humano integral e integrado ao Universo), de um Deus interno presente em todos os seres sem exceção, de um Cristo cósmico, da Terra como ser vivo e da harmonia entre os oponentes. Mas tais concepções já fermentavam desde muito antes. Encontraram terreno fértil na década de 1960, quando o antropólogo Carlos Castañeda vivenciava suas experiências de expansão da consciência, relatadas em oito livros considerados um dos pilares da Nova Era, também chamada Era de Aquário, do Terceiro Milênio, da Libertação Espiritual, da Consciência Cómica.

O físico Fritjof Capra, professor em Berkeley, na Califórnia, autor de *O Tao da Física* e *Ponto de Mutação*, em que faz uma aproximação da Física moderna com o misticismo oriental, é enfático ao destacar um dos aspectos mais significativos do pensamento da Nova Era: "O importante é a consciência ecológica, sentir que estamos ligados ao Cosmo, que pertencemos ao Universo. A consciência ecológica e a consciência espiritual são a mesma coisa."

As próprias ONGs têm voltado suas ações para o terreno ecológico. Nos últimos cinco anos, 400 entre elas tornaram-se basicamente ambientalistas e ligadas filosoficamente à Nova Era. A Greenpeace, fundada em 1971, já nasceu ecológica e no seu manifesto lembra uma profecia indígena norte-americana de 200 anos: "Todas as raças vão se unir sob o símbolo do arco-íris para terminar com a destruição" (da Terra).

Para os ativistas ecológicos, não faz sentido os países crescerem e enriquecerem se, no processo, o planeta for destruído. Fritjof Capra lembrava, em palestra em São Paulo, em dezembro do ano passado: "Ainda não dispomos de um outro habitat no Universo. E, se existe, ainda não sabemos como chegar lá."

Um pé no social – O físico naturalizado norte-americano não adota, porém, nem o solene distanciamento nem a pretensão filantrópica tão fre-

quentes na prática de algumas religiões, no que diz respeito à questão social.

Em encontro com lideranças políticas brasileiras, Capra revelou-se preocupado com os números da miséria em nosso país, afirmando: "Não pode haver consciência ecológica, planetária e cósmica onde a miséria reduz o ser humano a um cotidiano de sobrevivência, desligando-o da própria essência divina e da consciência de ser também Deus."

Nesse sentido, a Nova Era sugere ação política comprometida com a er-

radicação das injustiças sociais e da miséria.

Dalva Panisset, que integra o grupo brasileiro da americana Summit Lighthouse, uma das vertentes esotéricas da Nova Era, vê na cruzada contra a fome, conduzida pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, uma expressão do empenho dos mestres espirituais em favor do nosso país.

Betinho, pessoa de grande integridade e com uma história de lutas contra a injustiça social é, nesse momento,



A Nova Era afirma que só a união de todas as raças e tendências religiosas pode evitar a destruição do planeta

segundo Dalva, um instrumento dos mestres ascensionados para a transmutação do carma do Brasil. Ele seria assim o Mensageiro dos Mestres da Fraternidade Branca Universal, um ativista dos novos tempos. Ela explica que o trabalho básico é pelo planeta, mas que há energizações específicas, voltadas para problemas especiais, que retardam, como é o caso da miséria, a redenção do homem como ser integral.

Painel de tudo – Pelo seu caráter ecumênico, pela ausência de um corpo fechado de doutrina e pela variedade de interesses – da reencarnação à consciência ecológica; da filosofia oriental à Física; da espiritualidade a aspectos do cotidiano; da astrologia à autocura; da postura mística ao gerenciamento empresarial – a Nova Era apresenta-se, ao olhar desavisado e eventualmente preconceituoso, como um painel de tudo. Efetivamente é, pois sugere uma mudança radical na visão fragmentada de mundo que caracteriza o modo ocidental de viver.

No Brasil, vem-se desenvolvendo com certa rapidez. A simpatia ou curiosidade por esse movimento pode ser medida pela participação nos eventos do Forum Global (ou assembléia de ONGs), no Aterro do Flamengo, Rio, durante a Conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento em 1992. Das 30 mil pessoas que visitaram diariamente o Forum, mais da metade buscava os núcleos onde se desenvolviam atividades vinculadas aos preceitos da Nova Era.

Em junho deste ano, a Primeira Comunhão Interplanetária-Conferência Metafísica, organizada pela Fraternidade Paz Universal em São Paulo, atraiu mais de 2 mil pessoas ao Parque Ibirapuera. Um número significativo, pois segundo Fritjof Capra, "se 10 a 20% das pessoas adotarem a nova forma de pensar, acreditamos numa mudança qualitativa nas relações".

O físico propõe um movimento global de tolerância e compreensão, sincretizando para a convivência respeitosa entre crenças distintas. "Cada religião, diz ele, é uma resposta cultural específica ao paradigma do homem integral, já que todos compartilhamos da mesma natureza divina. Cada religião



*Helena Blavatsky,
fundadora da
Sociedade Teosófica,
é considerada
uma precursora
da Nova Era*

é uma fresta da verdade. No fundo, os princípios são os mesmos."

Mas os evangélicos não concordam. "O diabo sabe vestir princípios maléficos de palavras sedutoras, aparentemente inocentes", avverte o pastor Joshue Antunes, da igreja Deus é Amor, uma dissidência pentecostal.

O diretor de Publicações das Assembléias de Deus no Brasil, Antônio Gilberto, vem estudando a Nova Era segundo a ótica evangélica. Para ele, os termos e expressões bíblicos utilizados pelo movimento teriam seu sentido pervertido. Segundo ele, Nova Era é apenas uma heresia. A visão ecumênica, da convivência pacífica entre os credos, parece a Antônio Gilberto um plano de dominação.

Escrive ele no jornal *Mensageiro da Paz*: "O objetivo final da Nova Era é tornar-se religião única e estabelecer uma nova ordem mundial, com paz

para todos os povos, controlando e dominando todos os países através de serviços totalmente unificados, econômicos, financeiros, comerciais e geopolíticos."

Embora as demais denominações religiosas não pareçam sentir-se tão ameaçadas, os evangélicos vêm a Nova Era como o diabo infiltrando-se em todos os segmentos da sociedade. Denunciam os instrumentos usados nessa infiltração: práticas espíritas e ocultistas, magia, astrologia, hipnotismo, ioga, esoterismo, acupuntura, medicina natural, balé e até caratê. Os pastores sugerem uma verdadeira "guerra santa" para proteger os "verdadeiros cristãos" da "falsa religião de Satanás".

Autodescoberta – O jornalista Romeo Graziano, de São Paulo, fala sobre um dos aspectos mais fascinantes e inquietantes da Nova Era: a autodescoberta, a partir da livre escolha de caminhos, sem a intermediação de padre, guru ou pastor: "A consciência, tanto quanto a liberdade, não nos chega pela graça de ninguém, seja um líder de carne e osso, ou um espírito ascensionado (que não precisa mais passar pelas aflições da reencarnação). Nenhum mestre pode realizar por nós o nosso maior trabalho, a autodescoberta."

A grande novidade da religião do Terceiro Milênio não é tão nova assim. Os místicos antigos já a praticavam e Helena Petrovna Blavatsky, fundadora da Sociedade Teosófica no século passado, sobre ela muito escreveu, afirmado que cada ser humano traz dentro de si uma centelha da essência divina. O grande pai venerado por tantas religiões e o Deus interno de cada um seriam exatamente os mesmos. Chegar a Deus é, portanto, buscá-lo dentro de si e religá-lo ao Deus Universal, ao Cristo cósmico.

A expressão Nova Era parte da astrologia, que associa cada era a um signo. Segundo esta visão, cada era dura aproximadamente dois mil anos. A atual Era de Peixes começou no tempo do nascimento de Jesus. Cada era tem um grupo de características que nunca se realiza dentro do seu próprio tempo de duração, mas no seguinte. É uma espécie de descompasso. O impulso fundamental de Peixes – a ligação com

Deus, o autoconhecimento, os ideais de paz e amor, sinalizando para o trânsito Peixes-Aquário – vai-se realizar, portanto, no Tempo de Aquário, o Terceiro Milênio, com o qual já estamos alinhados. Quanto aos impulsos próprios de Aquário, têm que aguardar dois mil anos para se cumprir.

A cada era corresponde um fluxo de energia, um raio dirigido por um mestre ascensionado e qualificado por uma cor. À Nova Era de Aquário corresponde a cor violeta, energia de Saint Germain, responsável pela Terra e sua atribuída humanidade nos próximos dois mil anos.

Saint Germain é um dos mestres da Grande Fraternidade Branca Universal, organização extrafísica, cujo contato com o mundo se faria através de mensageiros. No Brasil, uma representante desta tendência é a professora Carmem Lucia Balhestero, fundadora da Fraternidade Pax Universal, sediada na capital paulista.

Segundo Carmem, a Era de Aquário começou em maio de 1974, embora a vibração do Terceiro Milênio tenha-se instalado, por razões astrológicas, apenas a partir de março de 1990. Ela prevê um destino de prosperidade para o nosso país, qualificado como o lugar do mundo melhor aparelhado espiritualmente para as transformações que se anunciam.

"Estamos atravessando uma fase dura de transição, mas nosso destino místico fará do Brasil um grande país", diz Carmem.

O próprio Saint Germain estaria reafirmando, através de sua porta-voz, que "todo o sofrimento será afastado para que os homens de hoje possam viver a plenitude da iluminação e da prosperidade". Mas Saint Germain também adverte que é preciso tomar nas mãos o nosso destino de povo, a fim de mudar o país "nos planos econômico, político e social".

Vários grupos, no Brasil, trabalham como mensageiros de Saint Germain. Um dos mais importantes representa a instituição americana Summit Lighthouse, sediada no estado de Montana. A Summit Lighthouse brasileira fica em Brasília e já se expandiu por todo o país. "Qualquer pessoa, uma vez sensibilizada, pode formar seu próprio grupo", esclarece Dalva.

Ísis revelada – A ideologia da Nova Era tem fundamentos comuns com a filosofia da russa Helena Petrovna Blavatsky que, em 1875, aos 44 anos, fundou em Nova Iorque (com Henry Steel Olcott) a Sociedade Teosófica. Blavatsky consubstanciou seu pensamento (de raízes hinduísticas e budistas) nos livros *Ísis revelada*, *A doutrina secreta* e *A chave da Teosofia*.

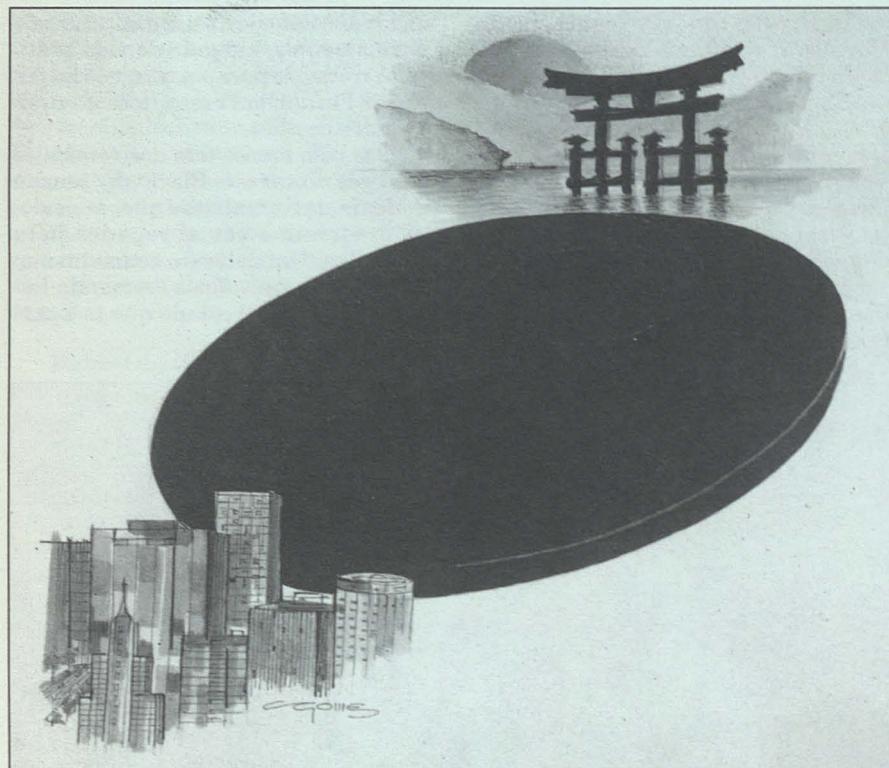
A voz do silêncio, seu último trabalho, foi escrito em 1891, dois anos antes de sua morte em Londres. Organi-

zado em versículos, é um compêndio de ensinamentos, um guia de vida prática. A tradução para o português foi feita por Fernando Pessoa, teósofo e admirador da obra.

Em pelo menos três dos versículos de *A voz do silêncio* Blavatsky remete a ideias universalistas que, anos depois, viriam a ser abraçados pela Nova Era. Um deles é o ecumenismo: "Fecha teus sentidos à tremenda heresia da separatividade que te aparta dos demais."



O conceito budista de que Deus está presente em cada ser é um dos fundamentos do pensamento da Nova Era



A Nova Era procura fazer uma ponte entre antigos pontos de vista espirituais do Oriente e a moderna civilização ocidental

Outro é o princípio do Deus interno: "Antes de pousares teu pé no último degrau da escada, na escala dos sons místicos, de sete maneiras diferentes tens que ouvir a voz do teu Deus interno." Finalmente, a consciência ecológica: "Ajuda a Natureza e coopera com ela e a natureza ter-te-á por um de seus criadores."

O pensamento teosófico chegou ao Brasil em 1919, difundindo-se através da Sociedade Teosófica Brasileira. Embora os simpatizantes da Nova Era sejam entusiastas de Blavatsky, os teosofistas não parecem muito permeáveis às idéias do Terceiro Milênio.

"Não desejamos que os princípios da Doutrina Secreta virem modismo e artigo de consumo fácil", preocupa-se Eugênio Antunes, 60 anos, cujo pai já defendia os ideais então revolucionários de ecumenismo e liberdade de pensamento presentes na Teosofia.

Shirley MacLaine, expoente da Nova Era, após estudar doutrinas e princípios anteriores à eclosão da Era

de Aquário, escreveu no seu livro *Em busca do eu*: "Não há nada de novo na Nova Era. É uma compilação de muitos pontos de vista espirituais antigos, relacionados com a crença, natureza da realidade, a prática de viver, ritual e verdade, tudo se originando em geral de culturas que não são do Ocidente. Descartar esses pontos de vista como ocultos ou bizarros, ou assumir a reação de pânico de que são satânicos, é definir a própria ignorância sobre culturas de grande desenvolvimento espiritual... Nova Era é responsabilidade pessoal, uma carga assustadora para um indivíduo assumir. É muito mais fácil deixar as questões de consciência, fé, comportamento moral, estilo de vida e até mesmo decisões de vida e morte a algum poder vagamente autorizado da Igreja ou governo." Ou, como escreveu Helena Petrovna Blavatsky: "Governa os teus pensamentos, se queres transpor seguro o seu umbral. Governa a tua alma, ó buscador das verdades imortais, se queres atingir a meta."

Uma

Durante anos e, principalmente, nas décadas de 30/40, o Brasil assistiu à perseguição das religiões populares negras, atormentadas pelas ações do clero católico, dominante, e pelo Estado que as denunciava como caso de polícia.

Pouco a pouco, o catolicismo evoluiu para uma atitude de tolerância. As religiões afro-brasileiras continuam, porém, alvo de perseguições e preconceitos, agora por parte dos evangélicos. "É uma ação preconceituosa que ignora a tradição oral dos candomblés", interpreta Muniz Sodré, professor e coordenador de pós-graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autor de *O terreiro e a cidade*, entre outros livros, para Muniz Sodré o que acontece no candomblé está na origem do que foram todas as tradições religiosas: a relação direta com o sagrado, perdida pelas religiões que rationalizaram essa relação.

Em recente programa na TV Bandeirantes a apresentadora Silvia Poppovic reuniu 30 representantes de religiões, cultos e seitas para um debate. Instalou-se curiosa torre de Babel, pois todos pareciam dizer a mesma coisa, embora ninguém se entendesse. Cada um mostrava-se dono da verdade, disposto a fazer prevalecer sua palavra como única e definitiva. Curioso, ainda, é que todos falavam do bem, de Jesus, da caridade etc.

A exemplo de outros encontros similares, palavras como angústia, vazio, insatisfação, graça, proteção definiam a busca religiosa. Ninguém mencionou, porém, a liberdade. Aparentemente, o que se procura nas religiões são limites, regras de comportamento, tábua de leis e listagem de

religião com Deus

pecados, além de alguém – pastor, guru, padre ou líder – que diga aos fiéis o que devem ou não fazer.

Nesse sentido, filosofias e práticas como a Nova Era – que detonam o conceito de um Deus severo, senhor absoluto das vontades, das leis e da palavra, que habita um lugar vago, do lado de fora da própria criatura – são inquietantes.

Para a Nova Era, a realização religiosa é um projeto individual, que se alcança através do autoconhecimento e da consciência, sem intermediação de terceiros, agentes religiosos ou não. Essas idéias vêm sendo igualmente atacadas.

"Todos nós, na hora da aflição e da dor, precisamos do acolhimento e do consolo. A religião atende às fragilidades, trabalhando com impulsos humanos além da circunscrição do puramente físico", acredita a psicóloga Corina Serpa, do Instituto Imagem, no

Rio, especializada em pesquisas sobre religiosidade em comunidades pobres.

A religião propria, então, charadas à ansiedade humana, lidando com o grande desconhecido que se entre-revela no reino dos sonhos ou se entremostra quando os escudos sociais usuais (arrogância, vaidade, segurança financeira, poder, *status*, beleza física) mostram-se fragilizados.

As numerosas ofertas de serviços, palestras, encontros, cursos e fóruns esotéricos revelam uma faceta da busca de respostas. A outra é o sucesso que fazem, no mundo inteiro, os livros religiosos, sem esquecer a *Bíblia*, maior êxito editorial de todos os tempos.

Assiste-se, no momento, à expansão, no Brasil, de numerosas seitas. Virou uma espécie de mania. De acordo com o sociólogo João Evangelista Machado, uma das razões dessa carência seriam os números da realidade brasileira: "Com inflação de mais de 30% ao mês e salários achados, não há cabeça que agüente. Haja Deus para segurar."

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) informa que somos um país com 20 milhões de analfabetos, com 32 milhões de crian-

ças (corresponde à população da Argentina) crescendo em famílias que sobrevivem com uma renda mensal de meio salário mínimo.

A sonegação, por parte dos ricos, correspondente a 50% do total dos 100 bilhões de dólares anuais em impostos (em países da Comunidade Européia, a sonegação fica em menos de 9%). Segundo a ONU, somos a décima economia mundial, mas ocupamos o 60º lugar (abaixo do Suriname e da Jamaica) em bem-estar social.

Esses números desanimadores talvez sejam uma das chaves para compreensão de pesquisa de opinião publicada na revista *Veja* de dezembro de 92, que traçou o seguinte perfil: 93% dos brasileiros acreditam em Deus; 91%, em anjo da guarda; 64%, em santos; 43%, em gnomos; 22%, em duendes; e 17%, em fadas. Além disso, 71% estão satisfeitos com a Igreja, mas não com o governo.

A pesquisa indica que 46% dos brasileiros estão convencidos de que é necessário transgredir para garantir a sobrevivência e não ser passado para trás.

Na tentativa de achar soluções, o brasileiro está procurando milagres. Parece que algumas respostas atraentes vêm sendo oferecidas à classe média pelo esoterismo e, às classes mais modestas, pelas igrejas evangélicas.

Corina Serpa arrisca uma explicação: "Os templos evangélicos, ao contrário dos demais espaços religiosos, ficam abertos e disponíveis o tempo todo. Pastores, auxiliares e obreiros revezam-se em plantões. Quem entra numa igreja dessas sente-se abraçado por uma comunidade disposta a ouvir suas aflições e propor soluções. Quando a pessoa encontra tal receptividade ela fica. Torna-se mais um convertido."



A dramática realidade do país faz com que os brasileiros se voltem cada vez mais para as religiões

Cultos afro-brasileiros

No universo do candomblé e da umbanda, cultua-se a natureza e os antepassados. Mas tais tradições religiosas viram-se envolvidas por uma verdadeira guerra santa, em que os evangélicos disputam com elas poder e fiéis das camadas mais pobres da população e agridem os terreiros



O termo *candombe* veio do Uruguai e da Argentina, onde significa danças profanas de negros. Atualmente é aplicado, de forma genérica e erradamente, a qualquer terreiro de qualquer culto com influência africana, define Olga Gudolle Cacciatore no seu *Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros*. O candomblé africano tem por finalidade principal o culto dos deuses e a manutenção de sua força divina.

Candomblé e umbanda são práticas religiosas afro-brasileiras, nas suas inúmeras manifestações, denominações, influências, procedimentos e particularidades locais e regionais. Candomblé, na Bahia e Baixada Fluminense; Xangô, no Nordeste; Tambor de Mina, no Maranhão; batuque, como em várias regiões é conhecido; omolocô; umbanda pura, traçada (com o candomblé), cruzada (com influência do budismo, taoísmo, teosofia), cristã, kardecista (misturada com o espiritismo de Alain Kardec), maçônica, judaica, esotérica, tudo isso indicando influências e padrões diversificados.

O candomblé é originário de culturas religiosas diversas, trazidas para o Brasil pelos escravos, que aqui resgataram e reorganizaram seus cultos. São eles baseados na divinização das formas e manifestações da natureza (orixás), ou na divinização de antepassados de destaque nas comunidades africanas de origem.

"O candomblé é uma comunidade litúrgica, uma associação que mantém laços interpessoais articulados pela idéia de orixás, as entidades divinas do panteão negro. Portanto, a noção de orixá estrutura a comunidade e a noção de axé a dinamiza", explica Muniz Sodré.



A cultura trazida ao Brasil pelos escravos africanos plasmou um elenco de divindades conhecidas em todo o país

André Louzeiro

Axé, termo fundamental à linguagem do candomblé, é o princípio da energia vital, que precisa ser permanentemente fortalecido. Pode ainda ser qualificado como poder de realização, assentamento do terreiro e conteúdo mais importante de uma casa de candomblé, que será tão mais poderosa quanto mais forte for seu axé.

A umbanda é uma religião bem mais recente, desenvolvida no Brasil mas já exportada. Há notícia de centros de umbanda na Argentina e nos Estados Unidos (Nova Iorque e Los Angeles). Sincretiza os deuses do candomblé com dogmas católicos, o reencarnacionismo e o conceito espírita de carma, além de interferências orientais. Subdivide-se em numerosas linhas (sempre múltiplas de sete), segundo a predominância dessa ou daquela aproximação filosófica ou religiosa. Algumas linhas trabalham tentando "limpar" a umbanda das influências africanas e sistematizá-la como a "verdadeira religião brasileira".

Hierarquia religiosa - Em 1937 houve a primeira tentativa de criar uma hierarquia para o conjunto dos umbandistas, que esbarrou na própria vocação diversificadora dessa religião. Foi a União Espírita de Umbanda do Brasil, fundada por Zélio de Moraes. Segundo a antropóloga Patrícia Birman, propunha "uma religião destituída dos símbolos africanos e que, ao mesmo tempo, valorizasse uma orientação doutrinária com base no Evangelho cristão. A classe média incorporava a umbanda, apropriando-se dos seus símbolos, mas redefinindo seus rumos".

Em 1960 a umbanda foi indicada como opção de religião na pesquisa do recenseamento, o que, de certa forma, correspondia a um reconhecimento ofi-

cial. Há cerca de 20 anos, o médico umbandista Cavalcanti Bandeira empenhou-se em organizar a *Bíblia da Umbanda*.

No começo dos anos 70 formou-se um colegiado, tentando congregar as federações de maior peso. Foi o Conselho Deliberativo de Umbanda (Condu) que, segundo Patrícia Birman, não chegou a reunir 50% das federações. A organização objetivava juntar os cultos num centro decisório único, reconhecido institucionalmente, escapando, assim, aos estigmas comuns às seitas de origem negra.

Muito difundida e diferenciada, o que a torna difusa, a umbanda tem certa representatividade e peso político. No Rio de Janeiro, Átila Nunes, ex-radicalista de umbanda, categoria muito popular e prestigiada, elege-se com base nos votos espírito-umbandistas. Albano Franco, o "Papai Noel de Quintino", construiu sua base eleitoral organizando festas em honra a Cosme e Damião, uma das devoções umbandistas mais praticadas no Rio.

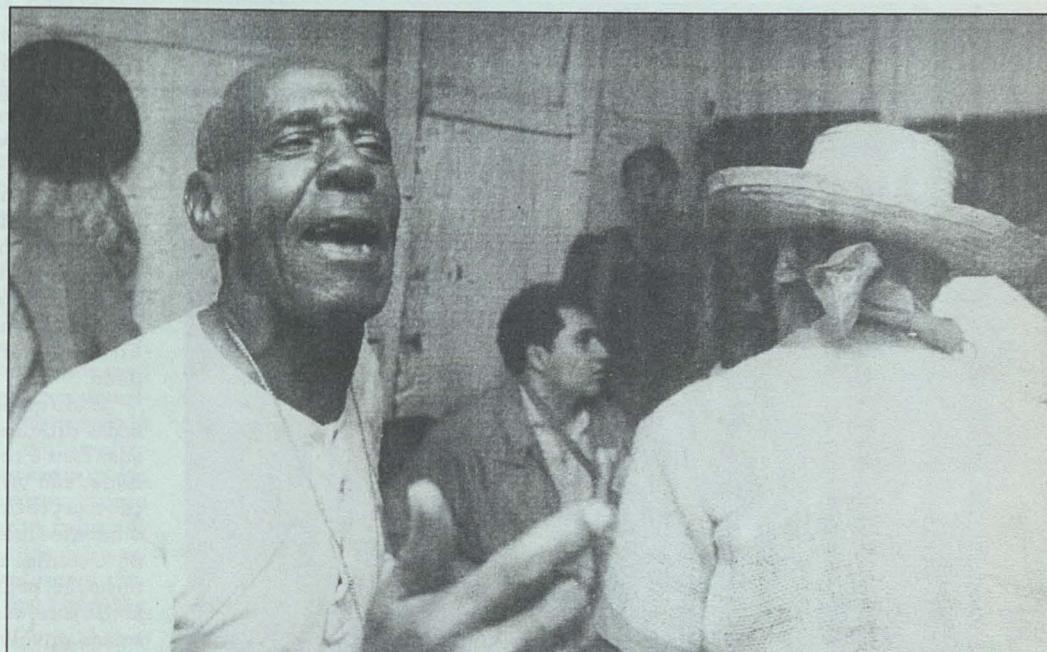
Enquanto a umbanda tem caráter mais urbano, com centros de culto localizados em bairros de classe média, embora não os mais nobres (no Rio a

grande maioria fica na Zona Norte da cidade), o candomblé opera basicamente na periferia. Suas "roças", "ilês" ou "terreiros" estabelecem-se, preferencialmente, nas áreas hoje densamente povoadas em torno de núcleos urbanos economicamente importantes - Baixada Fluminense, Grande São Paulo, Grande Salvador, Grande Recife. São freqüentados pelas populações *destituídas* e desassistidas, ansiosas por alívio ou soluções para os problemas da miséria e da fome.

Essas hordas de desvalidos tornaram-se, porém, alvo preferencial das seitas evangélicas, à cata de fiéis. Por isso, elas elegeram os candomblés como alvos prioritários, na "luta contra o diabo", conforme expressão de Alexandre Correia, 23 anos, morador de Nova Iguaçu, candidato a pastor da Assembléia de Deus.

Empenham-se, crentes e pastores, numa nova cruzada, cujo prêmio é a conquista de adeptos. Vale a persuasão, a interferência violenta nos cultos, a intimidação, a divulgação de boatos desmoralizantes e até a invasão dos terreiros.

A respeito, diz o antropólogo Raul Lody, coordenador do projeto "A Ética



*Em Cuba, a religião de origem africana fortaleceu-se depois da vitória da Revolução de 1959.
Na foto, um sacerdote iorubá cubano homenageia Obaluaiê*

André Louzeiro



Num terreiro em Bonsucesso, no Rio, uma filha-de-santo recebe uma entidade africana

e a Ótica do Santo", do Instituto de Estudos da Religião (Iser): "Vivemos um momento histórico de confrontação para ver quem arrebanha mais adeptos. Uma guerra santa pós-moderna."

Mãe Meninazinha de Oxum, sacerdotisa há 33 anos, formada em um dos axés mais antigos de Salvador, cujo *ilê* mantém concorrida obra social com médicos e outros serviços oferecidos gratuitamente à paupérrima comunidade de São Mateus, São João de Meriti, Baixada Fluminense, relata sua dramática experiência:

"Vieram as filhas-de-santo corren-

do, apavoradas. Aos gritos, os crentes tentavam botar o portão abaixo e invadir tudo, pra tirar o diabo aqui de dentro."

Ela deteve os invasores com a força da sua palavra. "Aqui também é uma igreja de Deus. Jesus mora aqui também. Na minha religião não tem demônio. Vocês é que andam com ele pra baixo e pra cima porque falam nele o dia inteiro", emociona-se ela revivendo a cena.

Muniz Sodré classifica ações desse tipo como "perseguição de caráter discriminatório, que passa pela letra,

pela escrita, pelo desvalor à tradição oral do candomblé. As manifestações afro-brasileiras têm forte conotação de festa, alegria, dança, comida, uma relação estreita com o corpo e o prazer que os evangélicos associam com o diabo".

No entender da psicóloga Corina Serpa, do Instituto Imagem, no Rio, que estuda práticas religiosas em comunidades pobres, a invasão dos candomblés e macumbas (termo genérico para designar a totalidade dos cultos afro-brasileiros) embutem um outro dado:

"Não acredito que se trate – diz – de ações ditadas por divergências religiosas. Isso é coisa orquestrada. Na verdade, são tentativas de desmoralização das práticas religiosas populares, é o barateamento de valores em que o povo confia. Vejo aí uma briga pela dominação, pelo poder. Essa ação orquestrada interessa a alguma ideologia. As seitas envolvidas com essas invasões são dissidências novas dos ramos mais tradicionais das igrejas cristãs evangélicas. A maioria ou é originária ou tem forte influência norte-americana. E a palavra dos pastores é sempre no sentido do conformismo das classes pobres com a própria miséria."

Enfraquecida, também espiritualmente, essa população seria massa fácil à manipulação.

"Nos espaços religiosos das comunidades pobres, perdeu-se o sentido do coletivo", opina o sociólogo Manuel Francisco da Cruz, praticante da vertente Angola dos cultos afro-brasileiros. Essas práticas viraram coisa menor, sem *status*. "Falta às comunidades pobres a escola global e integrada que valorize a tradição oral. E que estimule no povo a confiança nos seus valores culturais ancestrais."

À exceção dos evangélicos – conscientes de sua própria força e donos de uma bancada consistente no Congresso Nacional, além de representatividade efetiva nas câmaras municipais e estaduais; e da ação da Igreja católica progressista, com base na Teologia da Libertação –, o universo religioso brasileiro é apolítico.

"A pulsão política, participativa, é natural e não deve ser reprimida", afirma a psicóloga Corina Serpa e acrescenta: "Alienar-se dela é deixar de con-

tribuir para as mudanças. Esse pecado os evangélicos não carregam. Eles estão atentos para, em nome da defesa de seus interesses religiosos, empalmar o poder."

Essa pulsão, na América Latina pelo menos, tende a se inclinar para a direita, como demonstra o apoio dos evangélicos ao autogolpe do presidente Fujimori, que fechou o Parlamento peruano. Corina Serpa explica:

"As esquerdas teimam em não dar a devida importância à força arquetípica que conduz à busca espiritual. A história demonstra a intensidade dessa força. Mal a União Soviética dissolveu-se, a Igreja ortodoxa refloresceu lá com vigor redobrado. Os cultos afro-americanos nunca esmoreceram em Cuba. Em todos os conflitos atuais identifica-se o componente religioso (evidentemente manipulados pelos senhores da guerra). O fundamentalismo constitui, hoje, uma força política avassaladora."

Os crentes já contam com um respeitável contingente de fiéis. Por que então atacam tanto as demais práticas?

"Porque é nosso dever combater o diabo onde ele esteja. Pode ser na umbanda ou em qualquer dessas feitiçarias que andam por aí", exalta-se Maria Sebastiana Lobo, 46 anos, ex-empregada doméstica, hoje obreira (ajudante) da Igreja Universal do Reino de Deus.

"Não vejo potencial nem intenção política nas religiões afro-brasileiras", observa Muniz Sodré. "Embora os políticos procurem aproximar-se dessas religiões, a força dos cultos talvez esteja exatamente no seu caráter de distanciamento político. Os mitos que fundamentam os cultos pertencem a uma outra ordem de valores. É como se a política fosse um resíduo do mito. Aparece quando o mito enfraquece. Nas sociedades fortemente míticas, a política é intriga da corte. Acho que os pentecostais, por exemplo, podem ser instrumentos de ação política, mas o candomblé, não."

Segundo o babalaô cubano Rafael Zamora, hoje residente no Brasil, iniciado no sacerdócio de Ifá, que lida com o oráculo dos búzios há 28 anos, o candomblé em Cuba é presa fácil de ataques, por não dispor de instrumentos institucionais de poder.

"As outras religiões – diz Zamora – contam com recursos e acesso aos meios de comunicação de massa. É fácil para seus líderes distorcer fatos e desacreditar o culto afro, atribuindo, por exemplo, aos rituais de magia, assassinatos hediondos que nada têm a ver com práticas religiosas africanas. Nas religiões afro o conceito geral é sempre fazer o bem. Mas não se pode excluir da vida o bem e o mal, um não existe sem o outro."

O escritor e político Arthur José Poerner, autor do romance *Nas profundas do inferno*, onde aproveitou ficcionalmente experiência vivida num terreiro do Rio, considera muito relativa a malignidade atribuída aos rituais

se a atender, pois não há barreiras éticas para os pedidos nos cultos afro. Cada qual é responsável pelo que pede e pelos resultados obtidos. A influência da moral católica, porém, impregnou bastante os cultos, estabelecendo-se uma espécie de linha imaginária: se os pedidos são para o bem, recorre-se aos orixás ou à umbanda branca. Se para o mal, à quimbanda dos Exus e Eguns (estes últimos os espíritos de mortos). Coincidência ou não, o general-presidente da Bolívia, René Barrientos, morria num acidente de helicóptero pouco depois.

Conclui Poerner: "A quimbanda é a rebeldia dos pobres, a força dos que nada têm. Naquele tempo, pela ditadura militar, agora pela ditadura econômica."

Rafael Zamora atesta que, a partir da vitória da revolução chefiada por Fidel Castro e Che Guevara, em 1959, a religião de origem africana fortaleceu-se em Cuba. Segundo ele, "a classe dominante, branca em sua grande maioria, fugiu para os Estados Unidos. O contingente negro da população aumentou. Quando o processo radicalizou-se, os adeptos das religiões afro, conhecidas lá como "santeria" ficaram com a revolução, que lhes deu acesso a habitação, comida, educação e saúde".

Há cerca de quatro mil babalaôs em Cuba, que se organizaram numa associação reconhecida pelo Estado. A eles o povo recorre nas aflições provocadas pelo embargo econômico imposto pelos Estados Unidos. "A religião dos negros, em Cuba, assinala Zamora, é uma forma de resistência."

Os movimentos negros brasileiros, que começaram a se articular nos anos 70, buscaram nas religiões africanas uma identidade e uma forma de legitimação. Os líderes fazem questão de exibir os sinais exteriores de sua ligação com os cultos nas vestimentas, nos colares e adereços; ou, pelo menos, de declarar suas convicções religiosas.

Na Bahia, que é, em si, um centro irradiador de afro-brasilidade, os candomblés ganharam reconhecimento público. Antropólogos como o francês Pierre Verger e Juana Elbein dos Santos; artistas como Carybé; escritores como Jorge Amado e sua literatura de

Existem várias tentativas de desmoralização e descredenciamento das práticas religiosas em que o povo confia

populares, particularmente à quimbanda (linha da umbanda voltada para a magia negra).

"Conheci e aprendi a respeitar – diz Poerner – uma entidade de quimbanda chamada Vovô Catarino. As consultas com ele envolviam questões triviais: casamentos pretendidos ou fracassados, gravidez indesejada, falta de dinheiro, doença, desemprego, impotência, carências as mais diversas. As mesmas, por sinal, para as quais as seitas evangélicas eletrônicas apregoam atualmente soluções imediatas."

Um jornalista alemão, amigo de Poerner, experimentou pedir ao Vovô Catarino a morte de alguns dos piores ditadores que, 25 anos atrás, proliferavam na América Latina. Vovô propôs-

Deuses



O s evangélicos costumam alugar o Maracanã para suas cerimônias e estão movendo uma verdadeira guerra santa contra os cultos afro-brasileiros

valorização do povo; músicos e cantores de forte apelo popular, como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Maria Bethânia, todos declaradamente praticantes, ajudaram a legitimar o candomblé.

No geral, porém, os cultos afro-brasileiros mantêm uma certa moldura marginal de religião de negros e pobres. Os adeptos mais antigos, cuja formação sacerdotal foi rígida (um tempo mínimo de sete anos recolhidos às casas tradicionais) criticam a falta de conhecimento e improvisação "de muita gente que se diz pai-de-santo, sem ser", conforme as palavras de Manuela de Xanui, da Ilha do Governador, formada no Axé Opo Afonjá, *ilê* antigo e tradicional de Salvador, tombado pelo Patrimônio Histórico. Ela denuncia "falsas práticas, com a finalidade de ganhar dinheiro", que enfraquecem a religião dos orixás diante da opinião pública, e facili-

tam a ação "dos que querem acabar com a gente".

Nesse sentido, há setores que propõem uma ação conjunta de defesa e preservação dos axés. Há propostas nesse sentido. Uma delas é resultante do I Congresso dos Cultos Afro-Indígenas no Brasil, que ocorreu este ano no Rio. Segundo o presidente do Instituto para Formação de Seminaristas dos Cultos Afro-Brasileiros, o babalô Ornato José da Silva, "a palavra de ordem da comunidade/terreiro é união". Mas há quem discorde desta possibilidade. Mãe Antonieta Neves, 30 anos de santo, formada no Axé Opo Afonjá é cética: "Tem muito cacique para pouco índio."

O antropólogo Raul Lody discorda da tentativa de centralização, que não combinaria com a natureza das religiões afro-brasileiras.

"Seria forçado". Acredita, porém, na preocupação ética como "essencial à própria sobrevivência dos cultos". ■



Os deuses afro-brasileiros refletem vertentes diversas da cultura religiosa trazida ao Brasil pelos escravos. Predominam as entidades cultuadas pelas etnias nagô e bantu. Os nagôs pertenciam a um extenso grupo linguístico afro-ocidental que se situava entre os atuais Nigéria e Senegal, e chegaram aqui já no final do século XVIII. Os bantu se estabeleceram, entre outros lugares, em territórios que seriam hoje o Congo, Angola e Moçambique e vieram para o Brasil a partir do início da colonização portuguesa.

Os nagô-iorubá estabeleceram-se principalmente no Norte-Nordeste, quase sempre nas capitais (Salvador, Recife). Os bantu, de que descendem a maioria dos negros brasileiros, no Centro-Sul: Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais.

Pontos comuns às diferentes etnias e culturas acabaram definindo um elenco de deuses conhecidos de norte a sul do Brasil. Divindades que exprimem basicamente três princípios: a dinâmica dualidade bem-mal, sintetizada em Exu; o culto às forças e aos elementos da natureza, através dos orixás; e a reverência aos ancestrais, os chamados Eguns.

Exu é o mensageiro entre o mundo dos humanos e o reino mágico dos orixás. Associado à transgressão, viu-se sincretizado com o diabo cristão. Na umbanda aparece de trajes vermelhos e pretos, chifres e chapéu de malandro. Dentro de uma visão mais ampla, Exu é simplesmente o mais humano de todos os orixás, nem totalmente mau nem completamente bom, o que entende de a dualidade que existe dentro de cada ser humano.

Olorum, o orixá supremo, é o princípio de tudo, o dono do céu. Por ser a divindade dos começos, não tem símbolos, nem culto próprio, nem filhos-de-santo. Nas casas mais fechadas, seu nome sequer pode ser pronunciado. É o grande poço dos segredos. Em algumas etnias, Olorum seria o pai de Obatalá e Odudua, que são os principais masculino e feminino formadores de Oxalá.

da África e do Brasil

Oxalá é o mais venerado de todos os orixás, a quem Olorum atribuiu a função de criar o mundo. No conflito da criação, Odudua fez a natureza em geral e Obatalá, o homem, a partir do barro.

Há muitos tipos de Oxalá, cada qual expressando um aspecto das suas lendas ou um momento da sua existência. Existe Oxaguiã, o Oxalá jovem, e Oxalufá, o velho. No Brasil, Oxalá é sincretizado com Jesus Cristo. Em Cuba, identificam-no com Nossa Senhora das Mercês.

Popularíssimo na Bahia, na sua festa lava-se as escadarias da igreja de Nossa Senhor do Bonfim. É a cerimônia das águas de Oxalá, que reúne milhares de pessoas. No Rio, há dois anos vêm-se realizando festa semelhante, na igreja de Nossa Senhor do Bonfim, em São Cristóvão, com grande afluência dos terreiros de candomblé da Baixada Fluminense. O elemento de Oxalá é o céu, sua cor o branco e seu domínio toda a criação.

Iansá é a mais guerreira dos orixás femininos. Foi identificada com a católica Santa Bárbara e tem no rio Níger uma das suas moradas na África. É a senhora do raio, dos ventos e da tempestade. No candomblé, veste vermelho. Na umbanda, o rosa-coral e o azul forte. Fogosa, está associada a grandes paixões e a mulheres de muitos amantes. Seu dia é a quarta-feira, seus símbolos, o chifre de búfalo e o alfanje, e sua saudação é *Epa Heyi Oya!*

Iemanjá é a sereia do mar, a rainha das águas, a mãe dos muitos nomes: Dandaluanda, Janaína ou Princesa de Aiocá. Na Bahia, o dia 2 de fevereiro é consagrado a ela. No Rio e em muitas outras cidades, a noite da passagem do ano é dedicada a Iemanjá.

Outro importante orixá é Oxum, a senhora dos rios e das cachoeiras, princípio feminino da fecundidade, associada, por isso mesmo, à sexualidade. No candomblé, veste amarelo (ouro ou gema). Mas a cor desta entidade, na umbanda, é azul. Oxum se mistura com Nossa Senhora da Conceição e da Glória, no Rio. Na Bahia, é Nossa Senhora das Candeias, e no Recife é Nossa Senhora dos Prazeres.

Obá se confunde com outros orixás femininos, mas o antropólogo Pierre Verger diz que ela é única e a considera como "o arquétipo das mulheres valerosas e incomprendidas". No Brasil Obá é Santa Catarina ou Joana D'Arc, mas o culto da divindade é raro e os rituais, praticamente desconhecidos.

Uma das divindades femininas mais antigas é Naná Duruku ou Burukê, senhora dos mortos e dos cemitérios, cujo elemento é a lama e a terra fofa. Segundo alguns, Naná vem do

Daomé. Ela é a velha mãe, a avó ancestral doce e severa, personagem soturna e misteriosa. É considerada mãe de vários orixás e também dos Eguns, os espíritos dos mortos, a quem conduz ao astral.

Orixás masculinos – Oxóssi representa a energia da mata e das florestas e está ligado à caça. Tem grande popularidade no Brasil, mas seu culto praticamente desapareceu na África. Para a umbanda, Oxóssi é o Rei da Mata,

André Louzeiro



A entidade Omulu apresenta-se coberta por uma roupa de palha

que preside a complexa e prestigiada linha dos caboclos. Nos candomblés baianos, identifica-se com São Jorge. Na umbanda carioca, é São Sebastião. Quando Oxóssi incorpora, os fiéis saúdam com o grito *Okê ou Akê Arô*.

Ogum é o arquétipo do guerreiro mitológico, deus das armas, do ferro (e do arado e da agricultura). Ogum é irmão e amigo de Exu, com quem costuma, em algumas circunstâncias, aparecer combinado.

Segundo Pierre Verger, Ogum recebe sete nomes praticamente iguais na Bahia e na África. A umbanda criou, porém, inúmeras outras denominações. Entre elas Ogum Rompe Mato, Ogum Beira Mar, Ogum Iara, Ogum de Lé ou de lei.

Na Bahia, Ogum foi sincretizado com Santo Antonio da Pádua. No Rio ele é São Jorge, cuja festa, a 23 de abril, constitui-se num grande acontecimento popular.

Outro orixá de grande prestígio é Xangô, o deus da justiça, que, de acordo com algumas tradições, é um rei ou um ancestral divinizado. Os elementos de Xangô são a pedra e o fogo. No candomblé, veste vermelho e branco. Na umbanda, sua cor ritual é o marrom.

A tradição desse orixá plantou-se tão firmemente no Brasil que o nome da divindade aplicou-se a uma forma particularizada de culto no Nordeste, principalmente em Pernambuco e Alagoas. São os Xangôs do Nordeste. No sincretismo religioso brasileiro, Xangô é São Jerônimo, São Pedro, São João Batista e São Miguel.

Omulu (também chamado de Obaluaê ou Xapanâ) usa uma roupa de palha com longas franjas, que lhe desce desde a cabeça, escondendo o rosto e o corpo, segundo algumas lendas tomado de póstulas. Coberto com esse filá, executa uma dança complexa, através da qual narra suas lendas: que foi abandonado pela mãe Nanâ; que Iemanjá o recolheu e criou; que Iansá o amou e revelou a sua verdadeira e bela face de deus; que seu tremendo poder faz dele o senhor da saúde e das doenças. Os fiéis o saúdam com o grito: *Atotô*.

Oxumaré ou Dan, a serpente sagrada, é um dos filhos de Nanâ. Algumas cerimônias evocam sua origem como a serpente que mora nas profundezas do rio Congo, de onde emerge para

tomar sol, esticando o corpo até o céu e formando o arco-íris. Outras mostram-no como uma entidade que vem do céu beber água na Terra. A cauda fica na terra, a cabeça repousa na fonte. Entre elas, seu corpo multicolor forma uma grande curva: o arco-íris. Oxumaré acumula os dois sexos alternadamente: durante seis meses é macho; depois vira fêmea por mais seis meses.

Mestre das folhas e ervas medicinais, Ossain ou Ossanha é saudado com a expressão *Eu-eol*. Criatura misteriosa, detém a sabedoria ancestral do uso ritual das plantas. Com o tempo, ocorreu uma aproximação entre este orixá e alguns mitos indígenas,

O trabalho com os orixás exige um ritual próprio, comidas específicas, preceitos muito complexos, preparação e conhecimento

como o caipora, um ente também avesso a intimidades e aproximações.

Entre os orixás mais raros no Brasil, figuram os Ibéji, o princípio dos gêmeos, um orixá permanentemente duplo. Inicialmente, Ibéji foi confundido e, depois, sincretizado com os erês do candomblé, as crianças da umbanda e os santos católicos Cosme e Damião. O que existiria de comum entre eles seria o aspecto infantil, brincalhão e gozador. O dia de Cosme e Damião, 27 de setembro, tornou-se uma das mais importantes festas umbandistas cariocas. Já o candomblé teme os Ibéji. A comunicação e o entendimento com eles são difíceis e raros, acontecendo apenas por interveniência de Oxum, único orixá capaz de controlá-los.

Outra entidade de grande poder e mistério é Ifá, oráculo dos cocos do den-

dezeiro, que preside os jogos divinatórios, o jogo dos búzios. O sacerdote de Ifá chama-se babalaô, termo que acabou por se estender aos pais e mães de terreiros que também lidam com búzios. No Brasil, entre os poucos sacerdotes de Ifá, está o francês Pierre Verger, iniciado no Daomé, onde recebeu nome de Fatumbi.

Muitas outras entidades existem nos vários setores da cultura negra no Brasil. Lidar com tantas forças e energias, cada qual exigindo ritual próprio, comidas específicas, preceitos complexos, exige preparação e conhecimento.

Camarinha de santo – No candomblé, o postulante passa por etapas cuidadosas que fazem dele um abian, um iniciado. Se desejar ir mais fundo e tornar-se sacerdote, recolhe-se à camarinha (uma espécie de clausório), onde entra em contato com as tradições da casa escolhida para a sua formação e com as peculiaridades e segredos das divindades. Até que afinal emerge como um "feito de santo", canal de comunicação direta com o orixá. É um longo tempo (como, aliás, em qualquer religião). O isolamento em camarinha, em casas tradicionais e mais fechadas, pode levar um ano inteiro.

Na umbanda a preparação é relativamente mais simples. Os rituais são menos de formação que de confirmação. Ou seja, as entidades confirmam o médium, que recebe do chefe do terreiro colares, símbolos e emblemas, caracterizando sua iniciação e ligação com o sagrado. Aos poucos, ele irá checando na prática o que a intuição lhe ensinou. A expressão visível deste "curso prático" são os colares de conta, as guias, que pendem do pescoço dos líderes umbandistas formando verdadeiros peitorais coloridos, signos de intimidade com os orixás e de respeitabilidade.

Os terreiros de umbanda mais africanizados adotaram, porém, um tempo de recolhimento à camarinha do santo, de curta duração. Os mais cristianizados dispensam tais práticas, preferindo uma liturgia mais ligada aos símbolos da cultura erudita: música suave, luzes azuladas, trajes brancos, embora sem dispensar os caboclos e pretos velhos, fundamentais à identidade da própria crença.

Kardecismo em expansão

Embora apenas 3% dos brasileiros se digam kardecistas, a maioria da população acredita nos postulados espíritas

 Embora no Brasil costume-se qualificar como *espírita* não só os seguidores do kardecismo como também os adeptos da umbanda, há evidências de crescimento do universo específico da religião fundada por Allan Kardec.

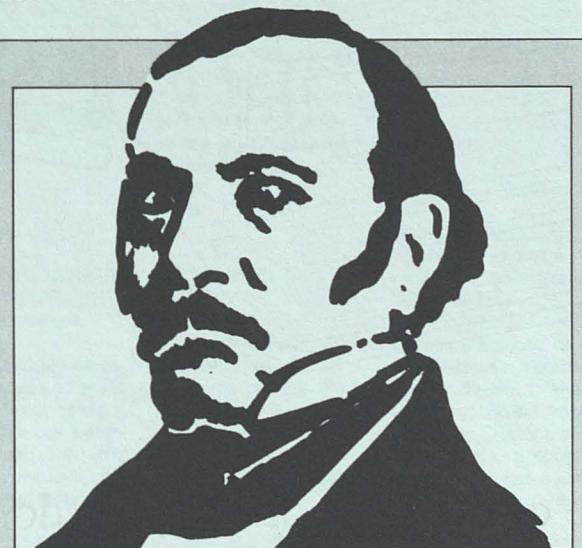
Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio do IBGE, realizada em 1988, informa que 3,22% da população do Rio declarou-se espirita kardecista.

Outra indicação expressiva baseia-se em pesquisa informal realizada no ano passado pela Arquidiocese de Belo Horizonte. Durante uma missa dominical, cada fiel recebeu um formulário com duas perguntas: se acreditava na vida depois da morte e se acreditava na reencarnação; 59,7% dos entrevistados responderam afirmativamente à primeira pergunta, e 54,8% disseram sim à segunda, que é a chave da doutrina espírita.

Avaliando esses resultados, observa o antropólogo Rubens Cesar Fernandes, diretor de Pesquisa do Iser: "Embora apenas 3% da população brasileira declarem-se kardecista, a maioria acredita em elementos-chave da doutrina espírita, como a reencarnação e a comunicação com os espíritos."

O espiritismo, codifica-

do na França por Léon-Hippolyte Denizard Rivail – que por razões decorrentes de sua prática passou a chamar-se Allan Kardec – é uma religião sem igrejas. Na realidade, os kardecistas preferem ver a si mesmos como seguidores de uma filosofia espiritualista e não propriamente como religiosos. Promovem reuniões de estudo e dis-



Para o francês, o espiritismo de Allan Kardec é um corpo de idéias. Para o brasileiro, trata-se de uma doutrina de evangelização

cussão da sua "bíblia": *O Livro dos Espíritos*, de Kardec; e organizam ações assistencialistas, em obediência ao princípio da caridade, muito mais intensamente praticado no Brasil que nos demais países onde o espiritismo popularizou-se.

O kardecismo expandiu-se rapidamente pelo mundo, devido à forte influência intelectual da França àquela época. Chegou ao Brasil em 1865, pouco depois de fundado, aqui assumindo de pronto um caráter profundamente religioso.

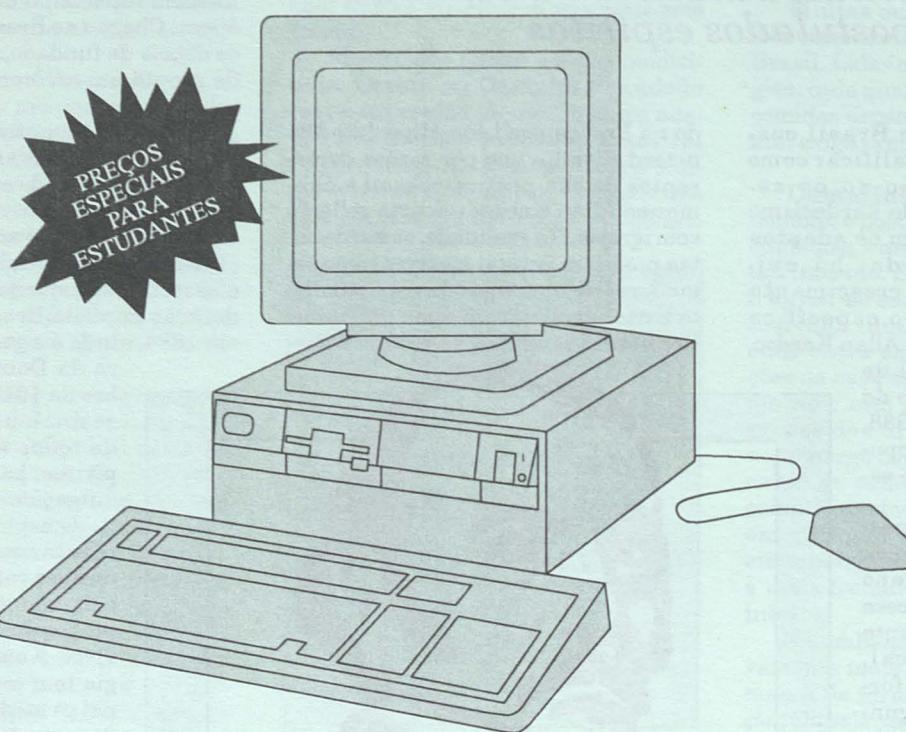
Ainda hoje, um francês, por exemplo, estuda o espiritismo como um corpo de idéias. Um brasileiro pratica o espiritismo como um corpo de doutrina e um caminho de evangelização.

Embora haja muitas instituições e associações espíritas no país, a Federação Espírita Brasileira, fundada em 1884, ainda é a grande divulgadora da Doutrina. Em outubro de 1949, o *Pacto Áureo* assinalou a convergência de todas as entidades espíritas, para unificar a divulgação.

O espiritismo admite a reencarnação (familiar às antigas religiões orientais) e as manifestações dos espíritos dos mortos entre os vivos. A ampla fenomenologia tem como canal principal os médiums, que podem desencadeá-la até mesmo pelo simples ato de presença (médiaus de efeitos físicos capazes de mover objetos à distância, por exemplo). A classificação ou qualificação desses fenômenos depende da maneira como se manifestam: curas, psicografia, audição de mensagens da dimensão extraísica, materializações, incorporações, visualizações, vidências, percepção de "presenças", cores, cheiros, sons.

Os sensitivos vêm sendo chamados paranormais, de uns tempos para cá. Nem todo paranormal é, porém, um praticante do espiritismo.

PESQUISAR AGORA É FÁCIL

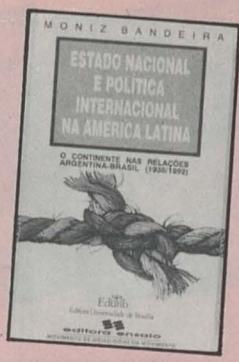


PREÇOS
ESPECIAIS
PARA
ESTUDANTES

Você já pode contar com os serviços do Centro de Documentação da Editora Terceiro Mundo para enriquecer sua pesquisa. Dispomos de um acervo valioso sobre as grandes questões dos países em desenvolvimento e também sobre ecologia

CONSULTE-NOS! Tel.: (021) 252-1742/232-3372

POSTAL NORTE SUL



A ANISTIA INTERNACIONAL – Uma porta para o futuro
Rodolfo Konder
O drama dos desaparecidos, a fragmentação das mentes dos torturados, os tipos de violência cometidos contra os que pensam diferente dos governos totalitários. O autor ajudou a organizar a Anistia no Brasil
96pp E-307 CR\$ 1.800,00

NÃO VERÁS NENHUM PAÍS COMO ESTE
Sebastião Pereira da Costa
Relato cronológico da ascensão e queda do poder militar no Brasil desde a conspiração que depôs João Goulart em 1964 até o final do ciclo, em 1985, passando pela luta armada.
400 pp E-310 CR\$ 2.900,00

ESTADO NACIONAL E POLÍTICA INTERNACIONAL NA AMÉRICA LATINA
O continente nas relações Argentina-Brasil (1930-1992)
Moniz Bandeira
Abordagem comparativa das políticas internas e externas dos dois países em suas relações com os Estados Unidos. Análise dos fatores econômicos, sociais e políticos que determinaram tais políticas
303pp E-313 CR\$ 2.500,00

POLÍTICA LINGÜÍSTICA NA AMÉRICA LATINA
Vários autores

Reflexões sobre a política da linguagem no continente, num volume organizado por Eni Pulcinelli Orlandi e que reúne, entre outros, Alberto Escobar, Tania de Souza, Xavier Albó, Bartolomeu Meliá, Carlos Vogt, Peter Fry e Sergio Valdés Bernal.
191 pp E-295 CR\$ 2.500,00

A CHINA LIGADA – Televisão, reforma e resistência
James Lull

A introdução da televisão no contexto do ambiente político e econômico da China acabou tornando-a o porta-voz oficial do Partido Comunista e a forma mais popular de entretenimento dos chineses, alargando a consciência cultural e política do povo e até fortalecendo a oposição.
170pp E-305 CR\$ 2.450,00

ATENÇÃO: Se, por motivo de insuficiência de estoque, faltar algum livro de seu pedido, a entrega será feita parcialmente e completada posteriormente.

LIVRES ACAMPAMENTOS DA MISÉRIA

Ana Lúcia Lucas Martins
Um tema original dentro de um universo muito explorado: as várias formas de habitação de rua, desde os casebres até as instalações nas calçadas e sobre carroças. Não só a casa é assunto, mas também os modos de vida e as relações entre as pessoas.
97pp E-300 CR\$ 1.900,00

A IMAGEM REBELDE –

A trajetória libertária de Avelino Fóscolo
Regina Horta Duarte
Biografia de um anarquista republicano e abolicionista que atuou em Minas Gerais e cuja sede de justiça o levaria a identificar-se com os ideais socialistas e, mais tarde, com o comunismo libertário. O mérito maior do trabalho de Regina foi reconstituir os passos da relação entre o autor e sua obra.
133pp E-308 CR\$ 1.900,00

A REUNIFICAÇÃO DA ALEMANHA

Moniz Bandeira
Do ideal socialista ao socialismo real. Ensaio de história política que começa com a derrota alemã na guerra de 1914/18, passa pela criação das duas Alemanhas depois da Segunda Guerra e analisa a reunificação.
182 pp E-286 CR\$ 1.900,00

UMA EDUCAÇÃO PARA A SOLIDARIEDADE

Regina Celia Mazoni Jomini
Antes de 1930, as idéias anarquistas predominavam nas organizações operárias brasileiras. O livro pretende contribuir para o estudo das concepções e experiências educacionais lideradas por anarquistas na República Velha que a História oficial esqueceu.
135 pp E-297 CR\$ 2.100,00

500 ANOS DE INVASÃO, 500 ANOS DE RESISTÊNCIA

Organização: Roberto Zwetsch
Aproveitando o período de comemorações pelos 500 anos do chamado descobrimento da América, o livro é um testemunho ecumênico, com uma seleção de textos que analisam o violento processo de colonização do continente.
321 pp E-289 CR\$ 2.500,00

ECONOMIA MUNDIAL

Integração regional e desenvolvimento sustentável
Theotonio dos Santos
A formação de blocos como o Mercado Europeu, os Tigres Asiáticos e a possível criação do bloco latino-americano revela novas tendências. O autor analisa a globalização e a regionalização econômicas, o papel do Estado e das empresas
144 pp E-319 CR\$ 1.300,00

O PILÃO DA MADRUGADA

Neiva Moreira
O jornalismo enquanto instrumento de solidariedade humana através das transformações sociais. A trajetória de Neiva Moreira no Brasil da época do golpe de 64 e, depois de exilado, no mundo. Seus encontros e entrevistas com líderes como Abdel Nasser, Fidel Castro, Agostinho Neto, Yasser Arafat, Robert Mugabe, Samora Machel. Cobertura de fatos que marcaram o século XX, como a descolonização africana e a luta contra as ditaduras na América Latina nos anos 70. 464 pp E-208 CR\$ 2.100,00

LEITURA: ENSINO E PESQUISA

Angela Kleiman
Buscando reavaliar como se coloca o ato de ler na escola, o livro aborda a distância entre teoria e prática no ensino da leitura, o papel do aluno enquanto sujeito (e não mais objeto) do estudo e o do professor enquanto modelo do estudante.
213 pp E-296 CR\$ 1.800,00

ALMANAQUE BRASIL 1993/94

Editora Terceiro Mundo / Ivan Alves Filho
Publicação voltada para a discussão de um projeto nacional. Formação da nacionalidade brasileira, conjuntura atual, povo e instituições, atividades produtivas, roteiro da cidadania e suporte estatístico com 60 quadros e tabelas atualizadas. Complementa o Guia do Terceiro Mundo, cuja nova edição está sendo preparada.
336 pp E-318 CR\$ 4.500,00



Neste natal,
dê um
exercício
de
cidadania
de presente



PREÇOS ESPECIAIS DE NATAL

10% de Desconto

Para leitores não-assinantes de "cadernos" CR\$ 4.050,00 (por exemplar)

20% de Desconto

Para assinantes de "cadernos", "Ecologia & Desenvolvimento" ou "Revista do Mercosul" CR\$ 3.600,00 (por exemplar)

30% de Desconto

Na compra de 3 exemplares ou mais para "assinantes" ou "não-assinantes" CR\$ 3.150,00 (por exemplar)

O preço normal é de CR\$ 4.500,00 por exemplar

Desejo exemplar(es) do ALMANAQUE BRASIL 93/94.

Sou: Assinante de cadernos Ecologia Mercosul

Não-assinante de nenhuma das revistas

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____

Cidade: _____ Estado: _____

CEP: _____ Tel.: _____

Profissão: _____

ESTOU EFETUANDO PAGAMENTO POR:

- Cheque(s) nominal(ais) á Editora Terceiro Mundo Ltda.
- Reembolso Postal
- Vale Postal Ag. Lapa
- De acordo com a opção feita, autorizo o débito no cartão de crédito: (nome do cartão), que tem validade até ____/____

Nome do titular do Cartão

Nº do Cartão

ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

DATA: ____/____ Comprador

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 05/12/93

Enviar para Editora Terceiro Mundo Ltda.
Rua da Glória, 122 - 1º andar - Glória - 20241-180 - Rio de Janeiro, RJ

Dept. de Assinaturas

PEÇA TAMBÉM PELOS TÉS (021) 252-7440/232-3372
OU PELO FAX (021) 252-8455

Após a validade cobraremos preços atualizados

HAITI

O fantasma do Panamá e Granada

ACasa Branca não mencionou a possibilidade de invadir o Haiti, mas os círculos diplomáticos latino-americanos entendem que há poderosos indícios de que os casos do Panamá e Granada se parecem cada vez mais ao haitiano. Os governos do México e da Venezuela, para evitar ambigüidades

intervenção aumentou quando vários destróiers da Marinha dos Estados Unidos foram enviados para patrulhar as águas que cercam o Haiti, oficialmente para vigiar o cumprimento do embargo reimposto pelas Nações Unidas logo após os militares terem rompido os acordos para o retorno à democracia.

Por outro lado, uma companhia especial de Infantaria foi enviada à base naval de Guantânamo, em Cuba. Em geral, esse tipo de iniciativa precede as invasões norte-americanas no Caribe e América Latina.

Mas a principal semelhança com a incursões armadas de Granada e Panamá é a referência ao perigo – real ou imaginário –

que possam causar mal entendidos, já anunciaram que de forma alguma apoiarão uma intervenção norte-americana na ilha caribenha.

que correriam os cidadãos norte-americanos que vivem no Haiti, um argumento também usado para justificar as intervenções anteriores (Bush justificou a invasão do Panamá com a morte de um tenente da Marinha e de sua esposa).

Os analistas estimam que o presidente Clinton está acumulando tropas nas imediações do Haiti que poderiam ser utilizadas para invadir o país em caso de ataques a norte-americanos.

Por sua parte, o presidente deposto do Haiti, Jean Bertrand Aristide, pediu aos Estados Unidos que acusem judicialmente de narcotráfico os militares haitianos – que segundo o *Miami Herald* ganharam ano passado 500 milhões de dólares graças ao comércio ilegal de drogas –, tal como fizeram com o general Noriega, do Panamá.

Enquanto isso, o general Cedras – homem forte do governo militar haitiano – continuou reunindo-se com o primeiro-ministro Robert Malval, homem de confiança de Aristide, para encontrar uma solução para a crise político-institucional. Aparentemente os resultados desse diálogo são muito lentos, enquanto já começam a sentir-se no Haiti as consequências do embargo imposto pela ONU.



Cedras (esq.) se recusa a devolver o poder a Aristide



El Salvador

A violência política que tirou a vida de Francisco Veliz, alto dirigente da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN), ameaça o processo de paz implementado no país há quase dois anos (ver artigo: "Uma faca de dois gumes").

Candidato a deputado pela capital, San Salvador, nas eleições do próximo ano, Veliz foi assassinado em fins de outubro com vários tiros na cabeça, diante da sua filhinha de 3 anos.

É o primeiro assassinato de um ex-guerilheiro desde a assinatura dos acordos de paz entre a FMLN e o governo. O presidente Alfredo Cristiani se comprometeu a investigá-lo exaustivamente para não permitir que o crime comprometa a normalização democrática do país.

Honduras

Os 300 mil jovens que votarão pela primeira vez nas eleições do próximo 28 de novembro se tornarão a força eleitoral decisiva para a vitória das forças políticas que disputam o pleito.

O novo presidente, 128 deputados e 292 prefeitos serão eleitos após uma intensa campanha, onde os principais temas foram a crise econômica e a corrupção. Pesquisas dos meios de comunicação locais assinalam que os candidatos com

maiores possibilidades são os que pertencem aos dois grandes partidos históricos de Honduras, o Nacional (no poder) e o Liberal (na oposição), com mais de 40% do eleitorado cada um.

Os favoritos para ocupar a presidência são o liberal Carlos Roberto Reina e o candidato do governo Oswaldo Ramos Soto. A democracia cristã, a social-democracia e outros partidos mais recentes aparecem cada um com menos de 3% das preferências.

PANORAMA INTERNACIONAL

Argentina

Estimulado pela vitória do seu partido nas eleições legislativas de outubro, o presidente Carlos Menem tem redobrado os esforços no sentido de conseguir o apoio necessário para mudar a Constituição. A atual Carta impede que o presidente se reeleja por dois mandatos seguidos, como deseja Menem.

Analistas políticos lembram, porém, que o apoio demonstrado pela população nas urnas ao plano de ajuste econômico não poderá ser facilmente capitalizado para o seu projeto de reeleição. "O respaldo ao plano é mais forte que o respaldo ao governo", assinalou o economista Carlos Abalo. Nas eleições de outubro, o Partido Justicialista, no poder, obteve 43% dos votos, enquanto que a União Cívica Radical (UCR), a principal força da oposição, conseguiu 31%.

Menem convocou a nação a participar de um plebiscito, para se manifestar acerca da necessidade ou não da reforma constitucional. A consulta, que não terá caráter obrigatório, se realizará em 21 de novembro.

Panamá

Um tribunal do Panamá condenou a 20 anos de prisão o ex-chefe de governo desse país, general Manuel Antonio Noriega, e outros dois ex-militares pelo assassinato do médico guerrilheiro Hugo Spadafora. No seu veredito, o Supremo Tribunal de Justiça da província ocidental de Chiriquí considerou Noriega "instigador", e Julio Cesar Miranda e Francisco Eliecer González como "autores materiais" do crime, cometido em 1985.

Em 6 de setembro, um Tribunal de Consciência considerou inocentes outros sete ex-militares também acusados do homicídio de Spadafora, o que provocou protestos da população.

Apesar da sentença, o crime continua envolto em mistério. Na opinião do ex-promotor Rodrigo Miranda, Noriega e os outros militares acusados teriam matado Hugo Spadafora porque ele havia ameaçado denunciar a CIA pela troca de drogas por armas em favor dos *contras* na Nicarágua, operação que em 1987 ficou conhecida como o "escândalo Irã-contras".

MÉXICO

Corrida à presidência

Faltando dez meses para a escolha do novo presidente, a disputa eleitoral no México começa a ganhar contornos mais delineados. Dois dos principais partidos políticos já definiram seus candidatos: Cuauhtemoc Cárdenas, pelo Partido da Revolução Democrática (PRD), de centro-esquerda, e Diego Fernández, pelo Partido de Ação Nacional (PAN), de direita.

A escolha de Cárdenas – junto com a designação do candidato do situacionista PRI (Partido Revolucionário Institucional), que só deve ocorrer em janeiro – era o anúncio político mais aguardado dessa fase pré-eleitoral.

Cárdenas, até 1987 um dos dirigentes do PRI, obteve o segundo lugar nas eleições presidenciais de 1988, com mais de seis milhões de votos, em um pleito marcado por irregularidades e denúncias de fraude.

O candidato do PRD é filho do ex-presidente general Lázaro Cárdenas (1895-1970), que durante seu governo (1934-40) nacionalizou o petróleo e deu novo impulso à reforma agrária, numa forte guinada nacionalista e de resgate dos valores da Revolução Mexicana de 1910.

Desde 1974, Cuauhtemoc enfrentava problemas dentro do PRI, partido pelo qual foi posteriormente eleito senador e governador pelo estado de Michoacán. Em 1986, essas divergências o levaram a criar uma corrente democrática dentro do partido, o qual abandonou no ano seguinte.

Em entrevista dada após sua escolha, Cárdenas defendeu uma política econômica com maior conteúdo social através de uma reforma fiscal proporcional à renda de cada setor.

O candidato do PRD garantiu que não retomará a linha protecionista e estatizante do governo de seu pai, mas considerou que "não é possível deixar tudo ao sabor das forças do mercado. É preciso recorrer também a outras ferramentas econômicas".

Com a definição do nome de Cuauhtemoc Cárdenas, os meios políticos mexicanos voltam suas atenções para a escolha do candidato do PRI, que tradicionalmente sai do gabinete ministerial – também integrado pelo prefeito do distrito federal –, num processo conhecido popularmente como o *destape*. Especialistas no ritual que cerca o também chamado *dedazo* presidencial lembram que o mandatário decide o nome de seu sucessor em "última instância", pois na realidade "se limita a cumprir a vontade de diversos setores do sistema". Além das consultas privadas, faz parte da norma não-escrita do PRI a apresentação dos virtuais pré-candidatos perante os foros representativos das diferentes forças e setores da sociedade.



Cuauhtemoc Cárdenas

GUINÉ-EQUATORIAL

Confronto com a Espanha



A população tem cobrado do governo a promessa de democratização

Continuam tensas as relações entre a Espanha e a Guiné-Equatorial, sua ex-colônia, deterioradas nos últimos meses com as periódicas detenções e expulsões de cidadãos espanhóis e as duras críticas do governo daquele país africano contra Madri, a quem acusa de boicote e tentativas de desestabilização.

A crise entre os dois países já vinha se perfilando desde janeiro, quando o governo guineano acusou residentes espanhóis de “ingerência em assuntos internos”, expulsou 14 professores cooperantes e reteve malas diplomáticas de Madri. Mas só tomou contornos mais graves em 18 de agosto, quando o governo de Malábo acusou a Espanha de promover uma rebelião na ilha de Annobon.

As acusações deixaram o governo guineano numa posição

delicada, já que a cooperação econômica espanhola com a ex-colônia chega a 30 milhões de dólares ao ano, sendo uma das principais fontes de renda do país.

O aumento das tensões entre os dois países coincidiu com a parcial divulgação de um relatório das Nações Unidas, responsabilizando o governo da Guiné-Equatorial por graves violações dos direitos humanos.

A Guiné-Equatorial, pequeno país com 367 mil habitantes, situado na costa ocidental da África, é governada desde 1979 pelo general Teodoro Obiang, que por sua vez chegou ao poder depois de derrubar o tio, o ditador Nguema Macías.

Como outros governos africanos marcados pelo autoritarismo, o regime de Obiang tem sofrido pressões, externas e internas, no sentido de liberalizar a vida política do país. Forçado pelo novo contexto internacional, Obiang deu início a tímidas negociações com a oposição, que exige, entre outros pontos, a revisão da Constituição, da lei de partidos políticos e da lei eleitoral, a fim de que as eleições legislativas marcadas para 21 de novembro transcorram de forma limpa.

Essas conversações, porém, foram suspensas em agosto com a morte, em circunstâncias nebulosas, do destacado dirigente da oposição Pedro Motu em uma prisão da capital. Segundo a versão oficial, Motu – preso sob a acusação de ter participado de um complô contra o governo – teria “se suicidado”. Fontes da oposição, porém, garantem que ele foi morto após sessões de tortura.

Burundi

A onda de violência desencadeada pelo golpe militar de 21 de outubro passado continua fazendo vítimas entre a população civil do Burundi. Desde que os militares depuseram e assassinaram o presidente Melchior Ndadaye, se sucedem os choques entre membros da etnia tutsi (15% da população), à qual pertencem os golpistas, e da maioria hutu (85%), partidários do presidente deposto.

O governo deposto durou apenas três meses. Líder da Frente Democrática, Ndadaye foi o primeiro presidente democraticamente eleito no Burundi, pequeno país do Centro-Leste da África, que já sofreu cinco golpes de estado desde a sua independência da Bélgica, há 31 anos.

Ndadaye foi também o primeiro representante da maioria étnica hutu a chegar à presidência do país, pondo fim temporariamente à dominação tutsi. Depois de ganhar as eleições, realizadas graças a pressões internacionais, Ndadaye obteve do presidente anterior, o comandante Pierre Buyoya, a promessa de que o Exército – controlado pela minoria tutsi – não tentaria derrubar o novo governo.

África do Sul

Contrariando a norma de que crimes cometidos contra negros por brancos ficavam impunes, a Justiça da África do Sul condenou à morte Janusz Waluz e Clive Derby-Lewis pelo assassinato do secretário-geral do Partido Comunista, Chris Hani.

O dirigente era, depois de Nelson Mandela, o mais popular líder negro da África do Sul e seu assassinato, em abril passado, provocou protestos dentro e fora do país.

Na sentença, o juiz Elloff afirmou que “o assassinato foi deliberado, a sangue frio e covarde ao extremo. A vítima estava totalmente indefesa quando a mataram na porta de sua casa. Além disso, os acusados não manifestaram arrependimento em momento algum”.

A condenação de Janusz, um imigrante polaco, e Derby-Lewis, membro do Partido Conservador, da extrema-direita branca, teve particular importância, não só pela dimensão do líder assassinado, mas também porque ela ocorreu num momento em que é fundamental manter o apoio da população negra às negociações para consolidar o processo de transição democrática.

PANORAMA INTERNACIONAL

Sri Lanka

Uma disputa familiar envolvendo dois irmãos e sua mãe está ameaçando rachar ao meio o principal partido de oposição do Sri Lanka. Já de olho nas próximas eleições, dois filhos de Sirimavo Bandaranaike, primeira-ministra de 1960 a 1965 – cargo ocupado antes pelo seu esposo – vêm disputando palmo a palmo a hegemonia da organização fundada pelo pai, o Partido de Libertação do Sri Lanka (PLSL).

A crise estourou em meados de outubro, quando Anura Bandaranaike, de 44 anos, decidiu abandonar o partido depois de ter sido suspenso por criticar a liderança do PSL. A ordem de suspensão foi entregue por sua própria mãe, que nos últimos tempos decidiu apoiar publicamente a filha Chandrika Kumaratunge, de 46 anos, ministra-chefe de uma das províncias do país.

Chandrika abandonou o PLSP no início dos anos 80 para fundar, junto com seu esposo, o conhecido ator de cinema Vijaya Kumaratunge, sua própria organização, o Partido Popular do Sri Lanka (PPSL). Depois do assassinato de seu marido por extremistas de esquerda, em 1988, Chandrika deixou a organização. Após um período na Grã-Bretanha, decidiu voltar e juntar-se à sua família no PSL. Desde então, os dois irmãos têm travado uma aberta guerra pela liderança dentro do partido.



Sirimavo Bandaranaike

Depois de duas guerras pelo controle de Caxemira, a província volta a ser o pomo da discordia entre os governos de Nova Déli e Islamabad. A Índia, com população majoritariamente hindu, sempre acusou o vizinho Paquistão, de população muçulmana, de estimular o separatismo em Caxemira, único estado indiano onde os muçulmanos são maioria.

Dessa vez, o conflito começou com a ocupação da mesquita de Hazratbal, por militantes muçulmanos que lutam pela independência de Caxemira. A mesquita é a mais importante dessa província indiana e, segundo a lenda, abrigaria um fio de barba que teria sido de Maomé. Em 1963, o misterioso desaparecimento desse fio de barba provocou uma onda de protestos, que só foi contida com o reaparecimento, também de forma enigmática, da relíquia.

As relações entre Islamabad e Nova Déli já vinham se deteriorando desde dezembro, quando uma multidão de fundamentalistas hindus demoliu uma mesquita na Índia, provocando ataques similares contra templos hindus.

PAQUISTÃO/ÍNDIA

Disputa por Caxemira



A premier Benazir Bhutto

isso, coube à Câmara definir o nome do novo governante.

As eleições foram convocadas depois que o Exército exigiu a renúncia do primeiro-ministro Nawaz Sharif e do presidente Ghulam Ishaq Khan, sob o argumento de que os dois políticos tinham paralisado o país durante meses com sua acirrada disputa pelo poder.

Myanmar

A ameaça de trabalhos forçados tem substituído a política de prisões em massa, desencadeada pelo governo militar de Myanmar (ex-Birmânia) há cerca de dois anos em resposta aos protestos exigindo a democratização do país.

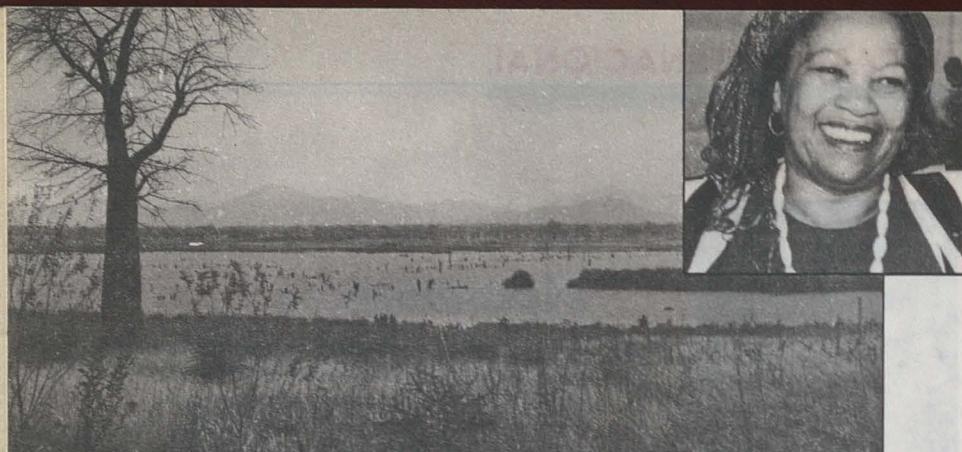
Devido a pressões externas, durante os últimos 18 meses as autoridades birmanas libertaram cerca de 2.000 presos políticos e aboliram os tribunais militares. Mas, segundo um recente relatório da Anistia Internacional, o clima de terror permanece, agora com a constante ameaça de trabalhos forçados. A organização denunciou que moradores de pequenas aldeias, principalmente as situadas nas regiões muçulmanas do Ocidente, têm sido tirados à força de seus lares e obrigados a trabalhar em condições desumanas. "São forçados a trabalhar tantas horas e recebem tão pouca comida, que na prática isso significa uma sentença de morte", afirma Anna Suttard, porta-voz da Anistia Internacional.

O clima de tensão entre o Paquistão e a Índia terminou ofuscando um pouco a vitória de Benazir Bhutto, que conseguiu re-

cuperar o cargo de primeira-ministra do Paquistão, perdido em 1990 quando foi destituída sob acusação de corrupção.

Sua volta ao poder se concretizou em 19 de outubro passado, quando a líder da oposição obteve 121 votos de um total de 207 da Câmara de Deputados, vencendo o seu constante rival da Liga Muçulmana Paquistanesa (PML) e também ex-primeiro-ministro, Nawaz Sharif.

O Partido Popular Paquistanês (PPP), de Bhutto, tinha conseguido mais cadeiras que o PML nas eleições parlamentares de 6 de outubro, mas não obteve maioria absoluta. Por



Em todos os livros de Toni Morrison, a África é uma referência constante

LITERATURA

Nobel para afro-americana

“O mais maravilhoso de tudo é saber que finalmente o prêmio foi dado a uma afro-americana.” Com estas palavras, a escritora Toni Morrison resumiu o sentimento da comunidade negra dos Estados Unidos, que comemorou entusiasmaticamente a sua conquista do Prêmio Nobel de Literatura de 1993.

Toni Morrison é a primeira negra norte-americana e a segunda mulher nos últimos 27 anos a ganhar o prêmio. Em sua obra, a autora tem se dedicado à pesquisa e recriação de etapas específicas da história negra nos Estados Unidos, desde o seu estado natal de Ohio em *Sula* (1973) até o glamouroso Har-

lem nova-iorkino dos anos 20 em *Jazz*, seu último livro.

Seu primeiro romance *The Bluest Eye* foi publicado em 1970. Mas talvez seu livro mais conhecido seja *Song of Solomon*, um perturbador e inspirado relato do triunfo da força espiritual e moral intrínseca da comunidade negra afro-americana.

Talvez por essa fidelidade às raízes, poucos ganhadores recentes do Nobel de Literatura tenham desfrutado da popularidade que tem Morrison em seu país. Prova disso é que seus seis romances tiveram êxito de vendas.

Os especialistas ressaltam, po-

rém, que a popularidade de Morrison não é produto do recurso a fórmulas já conhecidas. Na avaliação dos críticos literários, seus livros são densos e enigmáticos e freqüentemente combinam a prosa naturalista e crua com elementos fantásticos e temas folclóricos, em uma mistura que em algumas ocasiões parece uma variante afro-americana do *realismo mágico latino-americano*.

A entrega do Nobel para Toni Morrison não foi comemorada só nos Estados Unidos. Intelectuais e escritores negros de outros países também aplaudiram a decisão da Academia de Oslo. O conhecido escritor queniano Ngugi Wa Thiongo considerou sua vitória como “uma mostra de que a literatura de raízes africanas está conquistando por fim seu terreno na tradição ocidental”. Ele lembrou que esse Nobel vem se somar a uma série de outros concedidos a autores pós-coloniais africanos ou de origem africana: o nigeriano Wole Soyinka (1986), o egípcio Naguib Mahfouz (1988), a sul-africana Nadine Gordimer (1991) e o poeta Derek Walcott, de Santa Lúcia, no Caribe (1992).

Escola das Américas

Não foi desta vez que um dos maiores símbolos de violações aos direitos humanos foi fechado. Por 256 votos a 174, o Congresso norte-americano decidiu manter em funcionamento a Escola Militar das Américas, acusada de formar um grande número de militares responsáveis por torturas e outras violações dos direitos humanos na América Latina.

Ao apresentar sua iniciativa à Câmara de Deputados, o parlamentar Joseph Kennedy lembrou que a instituição, sediada em Fort Benning, na Geórgia, era conhecida na América Latina como a “escola de ditadores”.

Entre os formados na escola figuram 19 dos 26 oficiais citados no relatório da Comissão da Verdade de El Salvador como responsáveis pelo assassinato de seis sacerdotes jesuítas, em novembro de 1989. Mas a lista de ex-alunos inclui militares acusados de abusos em quase todos os países latino-americanos. Na Colômbia, por exemplo, entre os 246 oficiais apontados por organizações humanitárias como responsáveis por violações aos direitos humanos, mais de uma centena passou pela escola, muitos deles como professores.

Fascismo

O aumento da pobreza, o aprofundamento das desigualdades sociais e a falta de liberdade são capazes de produzir no futuro convulsões sociais que não provocarão “a ressurreição do comunismo, e sim uma nova forma de fascismo” na América Latina. O alerta não partiu de organizações não-governamentais dedicadas ao tema, mas de um grupo de militares latino-americanos, membros da Junta Interamericana de Defesa (JID), principal fórum de análise militar interamericano, sediado em Washington. O documento, divulgado por uma publicação uruguaya e não desmentido, constitui o primeiro estudo global sobre os problemas e perigos que, na visão dos militares, enfrenta a segurança hemisférica após a queda do comunismo. Segundo os militares, diante dos perigos mencionados, “as forças militares, por si só, não são capazes de promover a segurança. (...) Endividadas, com conflitos não-resolvidos entre suas classes sociais, as incipientes democracias latino-americanas se encontram diante do desafio de satisfazer as reivindicações que suas sociedades cobram.”



Trabalhadores das empresas siderúrgicas alemãs saem às ruas em Bonn para protestar contra o desemprego

No fundo do poço

A recessão e a crise política pintam um dramático quadro da economia mundial em um momento de mudança na civilização em consequência dos avanços científicos e tecnológicos

Theotonio dos Santos

Por todas as partes do planeta escutam-se clamores desesperados: crise econômica, desemprego, violência social, criminalidade, corrupção, crises políticas e guerras interétnicas indicam que a humanidade passa por uma fase muito difícil.

Sucedem-se as tentativas de controlar esta situação. Entre elas, devem-se destacar as ações das Nações Unidas e outros organismos internacionais. O Banco Mundial (Bird), o Fundo Monetário Internacional (FMI) e a própria ONU – através do Pnud, do Unicef e do Fnuap – têm publicado importantes relatórios sobre a situação mundial em suas várias esferas de ação.

Mas talvez a mais prenhesa tentativa de dirigir os destinos do mundo seja a do Grupo dos Sete, criado pelo presidente norte-americano Jimmy Carter na década de 1970, sob a inspiração da Comissão Trilateral. Tratava-

se de unir os interesses norte-americanos, europeus e japoneses (representados nos sete países mais ricos) para deter o avanço do Terceiro Mundo e dos países socialistas.

Dia 8 de julho terminou a mais complexa reunião deste grupo das sete nações mais poderosas do mundo, que conta com a presença já permanente da oitava nação, a Rússia (que está parada na porta deste grupo há um bom tempo).

Seus governantes pretendem representar os países mais ricos e industrializados do mundo, mas a cada dia que passa isto deixa de ser um fato pacífico. Os novos dados do Banco Mundial indicam que a China é o terceiro ou talvez o segundo Produto Interno Bruto (PIB) do mundo, apesar da ainda baixa renda per capita de sua população. A Índia é uma potência naval em plena expansão e o quinto PIB do mundo. Os PIBs do Brasil e do México superam o Canadá e sobretudo o Brasil poderá ser uma potência importante se retomar seu crescimento. Por outro lado, os países petro-

leiros e as nações muçulmanas não aceitam mais sua discriminação dos centros de decisão mundial.

Mas as dificuldades do Grupo dos Sete não terminam aí. Os dirigentes de cada um destes países encontram-se em graves dificuldades políticas e pode-se supor mesmo que poucos deles continuarão no poder até o fim deste ou do próximo ano. Nos Estados Unidos, Bill Clinton está em queda de prestígio, apesar de ter conseguido aprovar seu programa econômico no Senado, por um voto. Na Inglaterra, o primeiro-ministro John Major mal se sustenta no poder, enquanto que na Alemanha o chanceler Helmut Kohl está no final de sua carreira política, cercado de províncias sob hegemonia social-democrata e aguardando sua derrota eleitoral.

No Japão, o primeiro-ministro Kiichi Miyazawa teve seu governo derrubado por um voto majoritário de desconfiança como consequência do fracionamento do seu partido e, pela primeira vez em 45 anos, o Executivo está enca-

ESPECIAL

ECONOMIA

beçado por uma coalizão de oposição ao Partido Liberal Democrático. A Itália, por sua vez, passa por um furacão moralizador e eleitoral que dá pouca estabilidade a seu presidente, eleito à falta de alternativa. Já o Canadá encontra-se em grave crise com a rebelião de suas províncias e a questão da autonomia de Quebec. Na França, François Mitterrand vem de uma grave derrota eleitoral, acompanhado de uma baixíssima popularidade e dirigindo um difícil governo de co-habitação. Na Rússia, Boris Yeltsin enfrenta uma séria crise de governabilidade e luta duramente para conservar o poder, depois de haver entregue aos lobos o seu delírio Gaitar.

Não é necessário, por outro lado, enumerar aqui as violentas crises eco-

nômicas e políticas que castigam os demais países do mundo.

Recessão generalizada — Estes fatos revelam a profundidade da crise internacional. Crise que começou em 1967, nos centros capitalistas mundiais, e se estendeu aos países subdesenvolvidos e dependentes a partir de 1980, terminando por afetar o campo socialista na Europa Oriental e na antiga União Soviética.

De 1990 até agora esta crise tem se manifestado através de uma recessão generalizada, principalmente nos países centrais. Trata-se de uma crise de longa duração, que começou em 1967-68, quando os Estados Unidos e a Europa tiveram pela primeira vez uma recessão conjunta depois de 1945.

O aumento dos gastos militares em função da escalada da guerra do Vietnã tentou "regar" a economia norte-americana de novos investimentos. Mas foi em vão. Em 1968, a explosão de rebeliões políticas, sociais e culturais abalou todo o mundo. Em 1971, os Estados Unidos abandonaram o respaldo em ouro do dólar, provocando uma brutal desvalorização da moeda e impondo a insegurança como norma da economia mundial. Progressivamente, os investimentos em atividades produtivas foram abandonados para dirigirem-se à especulação, monetária primeiro e financeira depois.

Em 1973, o ajuste do preço do petróleo ao valor do ouro anunciou o aparecimento de excedentes monetários — os petrodólares —, acompanhados de uma

Principais indicadores, segundo previsão da OCDE em junho de 1993

Países	PNB (real)				Inflação			Desemprego		
	1991	1992	1993	1994	1992	1993	1994	1992	1993	1994
EUA	-1.2	2.1	2.6	3.1	2.6	2.6	2.4	7.4	7.0	6.5
Japão	4.0	1.3	1.0	3.3	1.8	1.6	1.7	2.2	2.5	2.6
Alemanha	1.2	1.0	-1.9	1.4	5.4	4.9	3.1	7.7	10.1	11.3
OCDE/Europa		1.0	-0.3	1.8	4.9	4.1	3.9	9.9	11.4	11.9
Total OCDE	3.4	1.5	1.2	2.7	3.3	3.0	2.8	7.9	8.5	8.6
América Latina (segundo o BID)										
Argentina		9.0			17.5	12.3*				
Bolívia		3.7			10.4	7.4*				
Brasil		-1.0			1157.8	1382.2*				
Chile		10.0			13.7	13.2*				
Colômbia		2.7			25.1	22.2*				
México		2.7			11.9	10.1*				
Uruguai		5.5								
Venezuela		9.0								
Outros (cálculos da ONU)										
China		12.8	11.0							
Ásia Ocidental		6.6	6.0							
Sudeste Asiático	5.3	4.9	5.5							
África	2.0	1.4	3.0							
América Latina e Caribe	3.4	4.9	3.0							
Europa Oriental	-9.0	-16.8	-10.0							

* maio de 1992 a maio de 1993

ESPECIAL

ECONOMIA

onda recessiva de graves consequências. No plano político-militar, a derrota dos Estados Unidos no Vietnã anunciará os limites da hegemonia da superpotência.

A recuperação que se iniciou em 1975 foi limitada e curta. Já em 1979-82 uma nova recessão se configurava e reafirmava-se o fenômeno da *estagflação*: a união de estagnação econômica e a inflação nos países industrializados.

Entre 1983 e 1987 (com um forçado prolongamento até 1990), houve uma nova revitalização da economia mundial. Neste período, o déficit do Tesouro norte-americano elevou-se de 50 bilhões a 270 bilhões de dólares anuais. Os Estados Unidos passaram de país exportador de capital a importador líquido e converteram-se num país devedor. O déficit comercial norte-americano chegou a cifras inacreditáveis em benefício do Japão, da Alemanha, dos chamados Tigres Asiáticos e das novas economias industriais, como o Brasil.

O crack econômico de setembro de 1987 mostrou a irracionalidade dessa política econômica, apoiada na especulação financeira e na valorização artificial de ativos financeiros e imóveis de todo tipo. Num só dia, um trilhão de dólares desapareceu da economia mundial. O dólar despencou e só se recuperou pela ação do Banco Central do Japão e da Alemanha que compraram a moeda norte-americana em grande escala para impedir sua queda.

Os difíceis anos 90 – O custo de evitar a recessão e a desvalorização dos ativos financeiros mundiais foi muito alto. A especulação continuou até 1990, quando as falências dos bancos e grupos financeiros, a ruína do dólar e a desvalorização dos ativos financeiros e imóveis mundiais tornaram-se uma realidade e afetaram, por fim, as taxas de crescimento econômico. Anunciava-se uma recessão que já dura três anos e meio e deve prolongar-se até 1994-96, conforme a situação de cada país.

Depois da grave recessão de 1990-91 (ver Quadro 1), os Estados Unidos conseguiram uma pequena recuperação, mas esta foi muito moderada. De fato, não se pode prever ainda uma retomada econômica deste país, apesar de sua situação favorável, em relação às demais nações industrializadas.



A crise econômica levou muitos russos a vender todo tipo de produtos nas ruas

Por outro lado, o Japão ingressa na crise exatamente em 1992-93, enquanto que a Alemanha – que havia iniciado seu declínio em 1991 – chega à recessão aberta em 1993, quando se prevê a queda de seu PIB em 1,9 %. Esta situação recessiva prevaleceu nos países industrializados em geral e afeta, sobretudo, a África e o Leste europeu, que vem amargando uma depressão brutal desde que seus governos caíram em mãos de neoliberais.

A situação é oposta na América Latina (com exceção do Brasil, Cuba e Haiti), onde inicia-se uma modesta recuperação econômica. A Ásia ocidental e o Sudeste asiático continuam a crescer e a China aparece como a estrela do crescimento econômico mundial com 12,8% de aumento do PIB em 1992, performance que deve repetir em 1993 (ver **cadernos do terceiro mundo**, nº 159, março de 1993: "China: Os rumos da nova potência").

Vemos, assim, um desenvolvimento desigual, típico da evolução do sistema capitalista mundial, que se faz cada vez mais complexo, tendo no seu interior regimes econômicos e políticos extremamente diversificados, apesar da aparente vitória do neoliberalismo em escala mundial.

Na verdade, como vimos, a recuperação de 1983-87 foi apoiada no déficit fiscal norte-americano que inundou o mundo com sua demanda, originando o

déficit da sua balança comercial e o superávit japonês, alemão, dos Tigres Asiáticos etc. Estes excedentes foram a fonte dos recursos que japoneses e alemães usaram para comprar títulos do Tesouro norte-americano, uma operação que transformou o iene e o marco nas poderosas moedas de hoje em dia.

A especulação monetária foi o instrumento típico do crescimento desses anos de expansão em ritmo forçado, através do aumento da dívida pública norte-americana. Um crescimento que teve por base a instabilidade das moedas, fato que permitiu enormes lucros pelas gigantescas taxas de juros que pagou o governo dos Estados Unidos para financiar seu déficit.

Dívida e desemprego – O aumento das taxas de juros que ocorreu no começo dos anos 80 levou à crise da dívida externa. Exigiu-se dos países devedores que estes pagassem os mesmos juros especulativos que o governo norte-americano pagava ao resto do mundo para atrair capitais com o objetivo de cobrir o seu próprio déficit.

Os pagamentos seriam feitos em detrimento do desenvolvimento desses países e levariam à recessão e à miséria suas populações, como ocorreu no Brasil e na América Latina em geral. Todos sabemos os resultados desta extração de recursos regionais. A América Latina, a África e os países da Europa

Desemprego, segundo a OIT

Países industrializados	8% de sua população economicamente ativa	33 milhões de pessoas
África subsaariana	15 a 20% (desemprego urbano)	14 milhões de pessoas (60% no setor informal)
Coréia e Singapura	escassez de mão-de-obra	
Malásia e Tailândia	escassez de mão-de-obra	
Filipinas	15% de desemprego	2 milhões trabalham fora do país
América Latina	8% de desemprego nas zonas urbanas	46% abaixo da linha de pobreza
TOTAL MUNDIAL – 110 milhões de desempregados		

Oriental se viram presos numa armadilha financeira sem saída.

Como consequência se formou um vasto movimento mundial de especulação em torno da dívida norte-americana e dos enormes excedentes transferidos para o Japão e Alemanha. Esta situação se prolongou até 1990, quando a especulação terminou.

Mas de todos os resultados da crise gerada pelo estouro desta "bolha" financeira internacional o mais dramático foi o desemprego que se generalizou por todo o sistema mundial.

A falta de empregos já era importante no setor industrial, onde, apesar da especulação financeira, não se faziam novos investimentos. Com o fim da especulação, o desemprego chegou também ao setor de serviços, último reduto onde se geraram empregos durante os anos 80.

A partir de 1990 agrava-se o desemprego nos países subdesenvolvidos e dependentes e o fenômeno ressurge nos países centrais (ver Quadro 2). Pior: surge o desemprego nas economias até então de pleno emprego, na Europa do leste e ex-União Soviética. Somente alguns centros privilegiados da Ásia puderam escapar desta situação, mas não se sabe por quanto tempo.

O mais grave desta situação global é a convicção de que uma nova fase de crescimento econômico, que poderia ocorrer a partir de 1996, deve gerar

poucos empregos e não logrará atenuar esta situação. Na última reunião, o presidente Clinton alertou o Grupo dos Sete para o caráter estrutural do desemprego.

Era de automação – A nova onda de crescimento se baseará em altos níveis de automação e robotização da produção e dos serviços, e criará poucos empregos. Mas pode a humanidade produzir em poucas horas e com uma pequena parcela de sua população todos os bens e serviços necessários para atender às necessidades de sua população? Isto é uma bênção ou uma tragédia?

Será uma tragédia se imperar o princípio do mercado, de utilizar estes avanços para o enriquecimento de uma minoria. Mas, ao contrário, será uma bênção se este potencial produtivo for colocado a serviço da humanidade.

Como? Diminuindo a jornada de trabalho. Hoje, nos países ricos, já existe consenso em chegar a uma jornada de trabalho de 36 horas semanais. Mas isto é pouco. Nas próximas décadas ela deverá baixar a 20-25 horas semanais em todo o mundo.

Com os atuais níveis de avanço científico-tecnológico e com as mudanças que virão nos próximos anos ninguém deverá trabalhar em longas jornadas, pois a responsabilidade no trabalho e o estresse que provoca a nova estrutura produtiva aumentarão decisivamente.

Uma nova realização individual

– O tempo restante deverá ser dedicado ao estudo, ao avanço do conhecimento, ao lazer, ao desenvolvimento pessoal. Mas isto só será possível se a sociedade dominar e gerir seus meios de produção e planejar sua vida social do micro ao macro e ao global.

Esta sociedade terá que dar aos indivíduos que a compõem os meios para seu mais total desenvolvimento e estes terão que colaborar radicalmente na criação de uma civilização planetária na qual o respeito aos direitos humanos, ao meio ambiente, ao pluralismo étnico e cultural e ao ideal de paz será uma parte essencial da realização do indivíduo. Além disso, é necessário garantir um desenvolvimento sustentado para todos os países e para as novas gerações.

Se não for assim, haverá desemprego maciço e violência social em todo o mundo. A concentração da renda, do conhecimento e do poder em uma minoria gera o caos e a marginalização de milhões de seres humanos.

De alguma forma, a comunidade internacional tem tomado consciência desta problemática. A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92, mostrou que as ameaças globais ao nosso planeta e à sobrevivência da humanidade são demasiado sérias.

Na Rio-92 e em vários outros mo-

ESPECIAL

ECONOMIA

mentos das relações internacionais contemporâneas, a humanidade vem reafirmando a necessidade de uma ação consciente de planificação, baseada no pleno emprego, em oposição à retórica neoliberal que pretende entregar o destino da humanidade a entidades fantasmas como as "forças cegas do mercado".

Elementos positivos – Neste quadro de grandes problemas gerados pela crise atual do sistema econômico mundial existe, contudo, alguns elementos positivos que nos permitem esperar que a médio prazo – 20 a 30 anos – venham se impor os princípios racionais sobre a irracionalidade.

Os dados mostram que, afinal, durante a presente recessão, a inflação começa a cair nos países capitalistas centrais. Estamos diante de uma deflação, que permitirá que os próximos períodos de recuperação econômica sejam mais prolongados e sustentados.

Ao mesmo tempo, o avanço das integrações regionais anuncia o aparecimento de unidades econômicas mais viáveis diante do aumento das economias de escala decorrente dos novos níveis da revolução científico-técnica.

A crise que vivemos é produto da adaptação do capitalismo a estas colos-

sais mudanças. São setores inteiros de tecnologias obsoletas que desaparecem da economia mundial ou que são realocados para regiões onde a mão-de-obra é mais barata. Estados Unidos, Japão e Europa abandonam a industrialização para se especializarem nas atividades de pesquisa e desenvolvimento, na criação de cultura e lazer, no controle das comunicações, que comandam a vida produtiva contemporânea.

Simultaneamente, se dedicam à tarefa de formar milhões e milhões de indivíduos educados e preparados para gerir esta etapa superior de uma civilização do conhecimento e da comunicação.

Os países de desenvolvimento médio – entre os quais se incluem os Tigres Asiáticos, as potências regionais como a China, a Índia e o Brasil – e as novas economias industriais absorvem as indústrias recicladas em escala mundial (sobretudo as que supõem mais emprego de mão-de-obra não-qualificada, as poluentes e as tecnologicamente obsoletas).

Eles lutam por participar também da criação de novas tecnologias e do avanço da ciência, do conhecimento e da comunicação. Mas encontram grandes obstáculos, sobretudo no plano internacional onde o comportamento monopólico das corporações multinacionais e as leis brutais da

concorrência os excluem da ponta do sistema.

O "quarto mundo" – Por outro lado, uma massa enorme de países fica completamente marginalizada destas perspectivas de evolução da economia mundial, formando o que comece a chamar de "quarto mundo". Este panorama ameaça a recuperação econômica que se anuncia no horizonte. E coloca também o desafio de fortes confrontos a nível mundial.

A população diminui nos países centrais, onde a fertilidade cai radicalmente atendendo às exigências da vida social contemporânea. Mas continua a aumentar fortemente nas regiões de desenvolvimento médio e sobretudo nas zonas e nas camadas sociais de mais pobreza e fome.

A concentração do crescimento econômico e do desenvolvimento nos países centrais atrai emigrantes de todas as partes do mundo, principalmente onde o excedente de mão-de-obra é o resultado da destruição das velhas economias de subsistência ou mesmo das economias de exportação ou industriais hoje decadentes.

Numa fase em que o desemprego prevalece nos países centrais, aumenta o racismo e o preconceito como tentativa de deter a concorrência desta mão-de-obra imigrante.

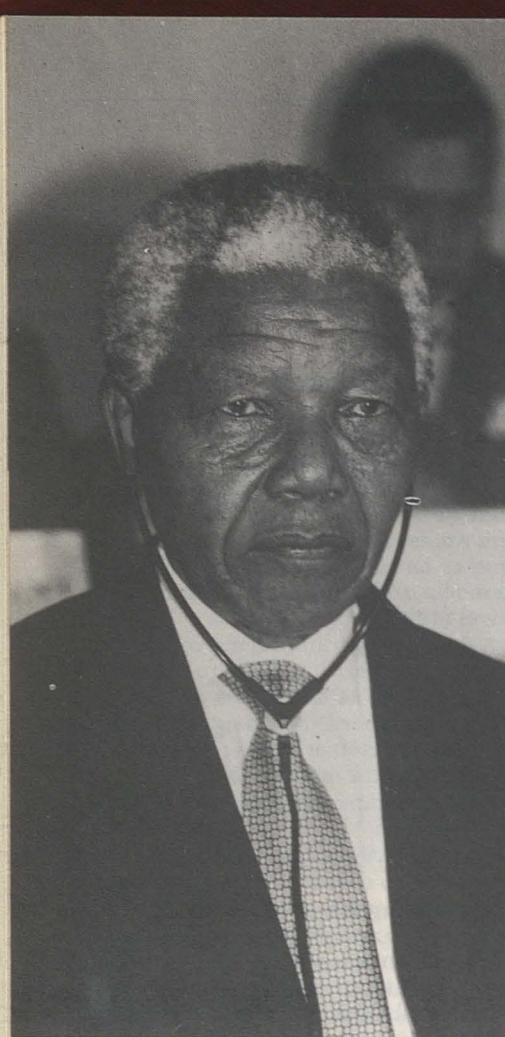
Vemos, portanto, que os fatores de conflito são muito fortes, mesmo quando se estabeleça uma recuperação econômica a nível mundial, que parece anunciar-se a médio prazo. O caminho das leis cegas do mercado como princípio ordenador do mundo só faz acentuar estes conflitos que assumem dimensões planetárias.

A volta ao crescimento econômico mundial depois da crise iniciada durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1917) só foi possível depois da Segunda Guerra Mundial. Serão necessários novos holocaustos para redimensionar os mercados e os desequilíbrios econômicos, sociais e políticos contemporâneos? Ou a humanidade será capaz de dirigir o seu destino e avançar pacífica e planejadamente para as etapas superiores do seu desenvolvimento?

*Professor visitante da Universidade Federal Fluminense (UFF). Publicou recentemente: "Economia Mundial, Integração Regional e Desenvolvimento Sustentável", pela Editora Vozes



A China ostenta atualmente as maiores taxas de crescimento econômico no mundo



Nelson Mandela

Claudia Guimarães

Como sempre, o clima era de tensa expectativa. Imprensa, políticos e ativistas do mundo inteiro esperavam impacientemente o anúncio do Comitê de Oslo. Não se pode dizer que o resultado tenha sido uma surpresa. Ao anunciar os nomes do líder negro Nelson Mandela e do presidente sul-africano Frederick de Klerk como os ganhadores do Prêmio Nobel da Paz de 1993, o Comitê confirmou uma notícia esperada há três anos. Mas isso não diminuiu em nada a emoção dos que na África do Sul e em outros países comemoraram a escolha do Nobel da Paz, o terceiro concedido a líderes daquele país¹.

"Ao olharem para a frente, para a reconciliação sul-africana, e não para as profundas feridas do passado, eles demonstraram integridade pessoal e grande coragem política", disse a nota lida pelo presidente do Comitê, Francis Sejersted.

ÁFRICA

ÁFRICA DO SUL

Momento decisivo

Com a instalação do Conselho Executivo de Transição, o processo de desmantelamento do apartheid se acelera, acirrando a oposição de grupos brancos e negros que não aceitam perder seus privilégios

O prêmio coroa três anos de esforços de ambos os líderes para pôr fim a 350 anos de domínio da minoria branca e desmantelar o sistema de *apartheid*, institucionalizado em 1948 pelo Partido Nacional, o mesmo do presidente De Klerk.

O reconhecimento internacional não poderia ter vindo em melhor hora. O processo para instalar uma democracia multirracial na África do Sul tem embarrado na oposição obstinada de grupos de extrema-direita brancos e do



Frederick de Klerk

Partido Liberdade Inkatha, encabeçado pelo líder zulu Mangosuthu Buthelezi, que ameaçam desencadear uma guerra civil para não perder seus privilégios.

A direita se une – Até há poucos anos atrás, seria difícil imaginar que um príncipe da família real zulu-negro, naturalmente – pudesse se encaixar no perfil de um aliado de brancos ultraconservadores.

Porém, poucas figuras como Mangosuthu Buthelezi encarnam tão bem os valores esgrimidos pela extrema-direita branca. Seu discurso é claro: ele defende ardenteamente a economia de mercado, os direitos de propriedade e – acima de tudo – uma ampla autonomia regional em relação ao governo de Pretória.

Nesses pontos, os interesses de ambos os grupos se unem. Temerosos de um futuro governo multirracial dirigido pelo Congresso Nacional Africano (CNA) – e cujo presidente deverá ser Nelson Mandela – a extrema-direita branca quer a criação de um território

ÁFRICA

ÁFRICA DO SUL

autônomo para sua comunidade, enquanto o líder zulu pretende manter intacto o poder político no seu "feudo", o bantustão de Kwazulu, onde é ministro-chefe.

A convergência de interesses entre grupos tão díspares explica o resultado de uma pesquisa de opinião realizada em maio passado, entre a minoria branca de todo o país, segundo a qual 8% votariam no líder zulu para presidente. O número pode parecer inexpressivo, se comparado aos 46% que optaram por De Klerk na mesma enquete, mas representa o dobro de um ano atrás. E mais: somados aos que pensam em seu nome como uma segunda opção para presidente, o número se eleva para 25% dos eleitores brancos.

Naquele mesmo mês, em outro claro sinal de que seu discurso está arregimentando um insuspeito número de descontentes africâner², Buthelezi foi ovacionado por centenas de brancos, em um comício próximo a Durban, quando começou a desfilar um rosário de acusações contra o governo e o CNA.

Manipulação da questão racial

-A oposição de Buthelezi é uma permanente pedra no sapato dos negociadores do processo de transição sul-africano. Ainda que não seja seguido fielmente por todos os membros de sua etnia, sem dúvida nenhuma ele é um ponto de referência para os zulus, que totalizam 8 milhões de pessoas.

Habilmente, Buthelezi tem sabido explorar os sentimentos de orgulho por sua tradição e história, muito fortes entre os zulus, fazendo-os crer que sua sobrevivência estaria ameaçada em um governo dirigido pelo CNA, cuja grande parte dos seguidores pertence à etnia *xhosa*.

Os resultados dessa manipulação são visíveis na onda de violência que deixou 10 mil vítimas só nos últimos três anos. Ao desviar a atenção da verdadeira essência desse conflito – ou seja, a luta entre os que são favoráveis à democratização do país e os que se opõem a ela –, o líder zulu tenta dar um caráter de disputa tribal ao problema, num enfoque que erroneamente tem sido ratificado pela maior parte dos meios de comunicação.

Conscientes dos perigos que encerra para a estabilidade do país a exclusão

do Inkhatá das discussões sobre uma nova África do Sul, tanto o governo de De Klerk quanto o CNA procuraram evitar a ruptura com o partido dos zulus. Mas, apesar de todos os esforços, em julho passado Buthelezi voltou a abandonar a mesa de negociações, alegando um complô entre o governo e o CNA para excluir o Inkhatá do poder.

Não satisfeito, em outubro protagonizou a formação da chamada "Aliança para a Liberdade", reunindo os setores radicais brancos e negros que decidiram se afastar definitivamente das conversações para uma democracia multiracial.

uma Constituição provisória, provavelmente este mês de novembro –, o CET terá poder de voto em setores chaves, como defesa, política externa, ordem pública e polícia. Também se encarregará de supervisionar a lisura das próximas eleições.

Como era de se esperar, a criação do CET foi alvo de violentas críticas por parte do Inkhatá e dos ultraconservadores brancos, que a consideraram "uma declaração de guerra".

O líder da Frente Popular Africâner, Constand Viljoen – ex-comandante das Forças de Defesa da África do Sul –



racial (além de sua organização, a Aliança inclui o Partido Conservador, a Frente do Povo Africâner e os governantes dos bantustões de Bophutatswana e Ciskei).

Governo de co-participação – Sintomaticamente, a Aliança surge apenas um mês depois do primeiro fruto concreto da atual fase de negociações: o Conselho Executivo de Transição (CET). O órgão, criado numa histórica sessão do Parlamento branco, vai permitir à maioria negra co-participar do governo até as primeiras eleições multirraciais, previstas para 27 de abril de 1994.

Quando estiver em funcionamento – o que só ocorrerá após a aprovação de

racial (além de sua organização, a Aliança inclui o Partido Conservador, a Frente do Povo Africâner e os governantes dos bantustões de Bophutatswana e Ciskei).

acusou o governo de "desonestade" e de "não fazer nada para garantir os direitos das minorias, como os africâner". Já o deputado Ferdi Hartzenberg, líder do Partido Conservador, declarou que "com a criação do CET, o governo tinha dado um passo irrevogável no caminho da abdicação". O Inkhatá, por sua vez, exortou os zulus a criarem um exército privado, alegando que estão sendo alvo de ataques de seguidores do CNA.

Crise econômica – Se o boicote do Inkhatá e dos ultraconservadores bran-

ÁFRICA

ÁFRICA DO SUL

cos representa uma grande dor de cabeça para De Klerk e Mandela, não menos preocupante é a crise econômica que pode jogar por terra qualquer perspectiva de estabilidade política.

Após quatro anos consecutivos de recessão, os números são assustadores: 48% da população economicamente ativa está desempregada, a maioria negros. Asfixiada por anos de sanções decretadas pelas Nações Unidas – e respeitadas por inúmeros governos e empresas privadas – a África do Sul precisa desesperadamente de uma injeção de recursos externos para retomar o seu crescimento econômico. Segundo diferentes cálculos, o embargo teria custado US\$ 27 bilhões aos cofres do país, em investimentos e transações comerciais não-realizadas.

Este tema tem sido levantado pelo líder do CNA em todos os fóruns internacionais. Como provável futuro presidente da África do Sul, Nelson Mandela se empenhou pessoalmente na suspensão do embargo econômico internacional, que se concretizou após a criação do Conselho Executivo de Transição.

"A democracia inexperiente da África do Sul vai requerer uma enorme ajuda para o desenvolvimento e investimentos a fim de reverter a terrível herança do *apartheid*. Enquanto os níveis de pobreza e miséria se mantiverem no nosso país, a África do Sul continuará a viver sob ameaças de tensões e lutas para destruir nossa democracia", resumiu Mandela, ao abrir a reunião da International Socialista (IS), realizada em Lisboa em outubro.

Apesar da credibilidade que desfruta em todo o mundo, o líder negro sabe que não será fácil, no caso de que chegue à presidência, estabelecer a confiança dos investidores num partido estigmatizado por seu passado de luta armada e num país marcado pela convulsão política.

As forças de segurança têm sido acusadas de estimular os conflitos nos bairros negros

De fato, a comunidade financeira tem olhado com cautela a evolução dos acontecimentos na África do Sul. "Os investimentos voltarão ao país, mas de forma muito silenciosa e vagarosamente", opina Jonathan Huneke, gerente de política de investimento no Conselho para a Indústria Internacional, uma associação industrial que representa cerca de 300 multinacionais.

Hoje em dia, lembram os especialistas, novas regiões disputam os minguados recursos de instituições internacionais e privadas, como o Leste europeu, a ex-União Soviética e o Sudeste Asiático. "Os investimentos



não fluirão (para a África do Sul) só porque os políticos decidiram que isso deve acontecer", assinala um economista da Comunidade Européia, baseado em Bruxelas.

Nessa guerra por dinheiro fresco, a África do Sul apresenta algumas vantagens em relação aos demais países do continente, como uma base industrial sólida, um sofisticado sistema de telecomunicações, excelentes aeroportos, rodovias e estradas, mão-de-obra barata e abundância de recursos naturais.

Demandas contidas – Mas enfrenta um obstáculo quase intransponível: a violência que afugenta os possíveis investidores. Só nos últimos três anos – desde que o presidente De Klerk iniciou o processo de desmantelamento

do *apartheid* –, quase 10 mil pessoas morreram em conflitos de natureza política.

Essa violência, por sua vez, está intimamente associada às condições miseráveis em que vive a maioria da população negra, em contraste com o bem-estar da minoria branca.

Estas disparidades há muito devem estar tirando o sono do líder do CNA. Mandela sabe que um governo liderado por ele despertaria, por um lado, o receio da minoria branca – cujo apoio é fundamental – e, por outro, enorme expectativa na maioria negra. Com certeza, também está consciente de que nem ele, nem nenhum outro governante, poderá corrigir a curto prazo injustiças econômicas e sociais engendradas por séculos de opressão.

Desde já, ele enfrenta a contestação de setores mais radicais de seu partido – para não citar o Congresso Pan-Africanista –, que defendem um processo de mudanças mais rápido e com menos concessões por parte das lideranças negras.

Como uma bola de neve, as reivindicações de natureza política e econômica só tendem a aumentar em um futuro governo do CNA. Dar resposta a elas, dentro dos estreitos limites que terá, será o grande desafio de Nelson Mandela. Desafio particularmente espinhoso quando a bandeira da luta contra o *apartheid* já não puder ser usada como fator de união de diferentes correntes da população negra.

Mas se alguém reúne as condições para criar uma nova África do Sul, essa pessoa é o carismático líder negro. Após uma vida de luta contra o *apartheid*, que lhe custaram quase 30 anos na prisão, Mandela desfruta de um respeito e admiração fundamentais para o período que se aproxima. Resta agora à comunidade internacional fazer a sua parte e ajudar, de forma concreta, a instalação da tão sonhada democracia multirracial.

¹ Os anteriores foram concedidos ao líder do CNA Albert Luthuli (1960) e ao bispo anglicano Desmond Tutu (1984).

² Africâner: descendentes dos colonizadores holandeses, que preconizam a superioridade racial branca sobre os negros.

Uma faca de dois gumes



Estabelecer novos princípios e objetivos para a recém-criada Polícia Nacional (foto) é um dos desafios do governo

As eleições de março de 1994 podem obscurecer o cumprimento dos acordos de paz, mas são um fator indispensável ao processo de democratização do país, avalia o candidato à presidência Rubén Zamora

Nils Castro

Aquatro meses das chamadas "eleições do século", onde pela primeira vez participarão todas as tendências ideológicas, dos comunistas à extrema-direita, El Salvador vive um momento de grande efervescência política. Surpresas têm marcado a campanha eleitoral, polarizada pela Arena – partido conservador, no governo desde 1989 –, a democracia-cristã e a coalizão Convergência Democrática-Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (CD-FMLN).

Entre essas surpresas, esteve a decisão do general Juan Rafael Bustillo de retirar sua candidatura à presidência – privando os militares do único candidato uniformizado dessa eleição – e o anúncio do ex-grupo guerrilheiro FMLN de que não lançaria candidatos à presidência, decidindo apoiar o nome de Rubén Zamora.

Dirigente de um racha da Democracia Cristã (DC), Zamora foi, junto com Guillermo Ungo, um dos líderes da Frente Democrática Revolucionária (FDR), dos anos 80, e da posterior Convergência Democrática (CD) –

uma frente de partidos de orientação social-democrata – que contribuiu para abrir espaços políticos para negociar os acordos de paz.

Pouco depois da sua escolha como candidato da aliança CD-FMLN, Rubén Zamora nos deu a seguinte entrevista exclusiva.

Como avalia as eleições salvadorenhas de março de 1994?

– Esta será a eleição mais importante da nossa história. Em primeiro lugar, porque será a primeira na qual participará todo o espectro político. Em nosso país, em todas as eleições sempre houve um setor excluído do processo. Agora, vão estar todos, sem exceção.

Em segundo lugar, pela primeira vez em 60 anos esta é uma eleição com o militarismo em declínio. Todos os pleitos anteriores foram marcados, a ferro e fogo, pelas regras impostas pelos militares. E isso foi rompido pelos acordos de paz.

E, em terceiro lugar, é a primeira eleição depois dos acordos assinados em 16 de janeiro no castelo de Chapultepec, no México.

Dante desse quadro, há duas posi-

AMÉRICA LATINA

EL SALVADOR

ções. A da direita, que considera os acordos "bons", como um conjunto de concessões que tiveram que fazer para que a FMLN deixasse de atacar, depusesse armas e se transformasse em partido político. Como a FMLN já se desarmou, eles consideram que o processo está praticamente terminado.

Mas também está a posição que nós representamos: as negociações de Chapultepec não significam um mero conjunto de concessões, mas uma nova forma de enfocar, conceber e exercer o poder no país. Ou seja, vamos na raiz do problema que gerou a guerra: o uso do poder como instrumento de exclusão dos demais setores.

Como se produziu a coalizão da Convergência Democrática (CD) com a FMLN?

— Durante anos, trabalhamos juntos, levando adiante esse processo e, dadas as particularidades do sistema eleitoral salvadorenho, víamos que nos apresentar divididos propiciaria uma grande derrota da democratização e da paz. Pelo contrário, unidos teríamos uma real possibilidade de triunfar.

Como vêem essa aliança os diferentes grupos?

— Muitos já previam que ela ia ocorrer. Eu fui dirigente da FDR — e não tenho porque esconder — e a FDR foi aliada da FMLN.

Qual é a reação do empresariado? Há diversas posições. Por um lado, alguns dizem: "É importante que vocês mantenham essa aliança, porque se

lançam candidaturas separadas existe o perigo que a eleição se polarize e a FMLN fique isolada em termos eleitorais, o que não convém ao país." Esta é a visão das pessoas que têm maior percepção política do futuro e da estabilidade do país.

Outro setor do empresariado tem recriminado nossa aliança com a FMLN. Dizem que se a Convergência Democrática fizesse sua campanha sozinha seria mais "aceitável". Esta é uma visão mais curta e equivocada.

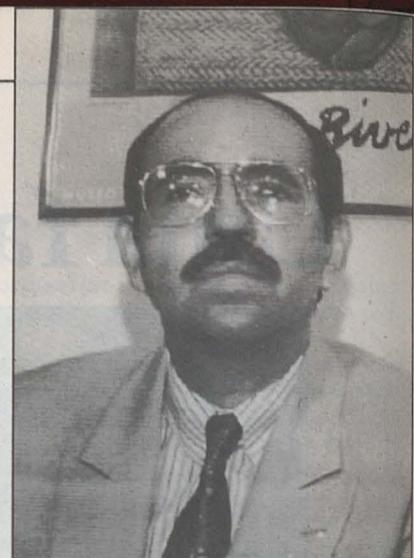
E a mais presa ao passado...

— Ao passado e aos interesses eleitorais da Arena. É evidente que a Arena não queria de nenhuma maneira essa aliança. Ao contrário, apostaram que ela não sairia.

Agora, esse partido dedica a maior parte de suas críticas a mim por nossa relação com a FMLN. Por quê? Porque sentem que é nesse ponto que eles têm que atacar com mais força. Por exemplo, estavam certos de que, como a Convergência tinha designado o candidato à presidência, a FMLN escolheria o vice, calculando então que seria algum ex-comandante da guerrilha. Sua surpresa foi impressionante quando se anunciou o nome de Francisco Lima, advogado e empresário que sempre combateu a corrupção no país e que nunca pertenceu à FMLN.

E que reações provocou sua aliança nos Estados Unidos? Sua vitória seria aceitável para Washington?

— Para ser franco, eu diria que se os norte-americanos pudessem escolher o



Zamora: "É preciso uma nova forma de conceber e exercer o poder"

próximo presidente de El Salvador, com certeza não escolheriam a mim ou a aliança CD-FMLN. Mas, nas atuais circunstâncias, não acredito que eles vão exercer o "direito" de voto, como já fizeram no passado em relação a outras opções presenciais.

Você me explicou qual é a situação da Arena diante da aliança CD-FMLN. Mas qual é a do Partido Democrata-Cristão (PDC)?

— Consideraremos o PDC como parte da oposição. Porém, diante do processo eleitoral, a situação com a democracia-cristã é um tanto ambígua. Por quê? Porque nosso sistema eleitoral prevê dois turnos. Nas atuais circunstâncias, é quase impossível que o resultado se defina no primeiro turno, pois há três forças muito poderosas: a Arena — o partido do governo —, o PDC e a aliança CD-FMLN. Então, todos estão prevenindo um segundo turno.

Aonde está a ambigüidade? Está no fato de que, de alguma maneira, no primeiro turno será inevitável a disputa entre nós e a democracia-cristã para ver quem passa para o segundo. Mas, seja quem for que passe à disputa final, precisará do outro para poder ganhar da Arena e governar.

Em resumo, nossa estratégia eleitoral é fazer um "pacto de segundo turno" com o PDC. Estamos lançando candidaturas separadas no primeiro turno, mas tratamos de não nos agredir, porque a luta é contra a Arena. E fizemos um acordo de que, qualquer dos dois que passe para o segundo turno, receberá o apoio do outro e se ele ganhar, se estabelecerá um co-governo. É o pacto natural: o eleitor democrata-cristão nunca vai votar na Arena...



O novo ministro da Defesa, cel. Humberto Corado (esq.) com o antecessor, gal. Emilio Ponce: pela primeira vez na história do país, o militarismo está em declínio

AMÉRICA LATINA

EL SALVADOR



Ao contrário das eleições anteriores, nas de março participarão todas as correntes políticas do país

sas mudaram em El Salvador — é que esta é a primeira crise entre uma direção civil e os militares onde os que vão para casa são os militares. Antes, em todo conflito entre civis e militares ganhavam os últimos, sem exceção.

E você se refere a civis da oligarquia...

— Sim, de direita. Isso é fruto de uma mudança estrutural: os acordos de paz deram um golpe mortal no militarismo. O próprio fato de que figuras como Cepeda, Ponce, Blandón ou Bustillos tenham recorrido a partidos políticos mostra como as coisas mudaram. Antes, não precisavam estar filiados a partidos, já que o Estado-Maior do Exército mandava e desmandava no país. O fato de que agora tenham que entrar para partidos e pensar em concorrer a cargos públicos em eleições democráticas indica a fraqueza dos militares.

Que credibilidade terão essas eleições? Já há denúncias de irregularidades no cadastramento dos eleitores. Isso poderá ser solucionado a tempo?

— O problema dessas eleições — em termos de legitimidade — é com que parâmetro você as avalia. Se compararmos com as de antes, não há dúvida de que estas vão ser mais legítimas e confiáveis que as anteriores.

Primeiro, porque há um novo código eleitoral, em cuja elaboração pudemos participar junto com outros setores, e que é melhor que o anterior. Segundo, há um Tribunal Supremo Eleitoral (TSE), com maior presença da oposição. Terceiro, está a missão de observadores das Nações Unidas em El Salvador (Onusal), que vai manter cerca de 900 pessoas supervisionando o pleito.

O problema é que há outra forma de enfocar a questão, igualmente válida. Essas eleições são tão importantes que é preciso avaliá-las em função de sua transcendência política. E é aí onde estão os problemas. O primeiro deles é quantos cidadãos vão poder votar. Esta é a questão central. Há cerca de 800 mil salvadorenhos — entre 25 e

30% do total em idade de votar — que não poderiam fazê-lo porque não têm o título de eleitor. Então, antes de tudo, é preciso dar o título a toda essa gente. Nesse ponto, nos deparamos com o fato de que o TSE tem atuado com muita negligência, muito burocraticamente.

Que possibilidade há de que o processo de paz saia prejudicado? Comenta-se que as eleições fazem com que os acordos passem para um segundo plano...

— Se considerarmos esse processo como de transição da guerra para a paz, acho que a possibilidade de voltar ao estado de confronto bélico já não existe. Em termos de transição de uma sociedade militarizada para uma não-militarizada, o processo caminha de forma favorável. Mas aí se vê claramente um perigo de retrocesso, em áreas muito delicadas como, por exemplo, a polícia. O governo e a direita querem aproveitar o período eleitoral para colocar na nova Polícia Nacional Civil (PNC) remanescentes da velha Polícia Nacional (PN) e deformar uma instituição que é filha do processo de paz.

— E há uma terceira transição, que é a de uma forma excludente de conceber e exercer o poder para uma forma de exercê-lo com participação e discussão. Essa não está acontecendo. Por isso, precisamos das eleições para que, como governo, possamos alterar o atual balanço de forças.

Nesse sentido, as eleições são uma faca de dois gumes em relação aos acordos de paz. Por um lado, podem obscurecer o seu cumprimento, mas, em outro nível, o instrumento eleitoral e o nosso triunfo são uma necessidade para o avanço e aprofundamento do processo.

Analisados os fatos assim, a derrota da Arena é essencial para que a paz se consolide...

— Sim, para que esse processo se torne estrutural, porque essa é a tarefa histórica do momento: fazer com que as conquistas trazidas pelo processo de paz passem a ser parte do senso comum desse país. Se conseguirmos isso, garantiremos a democracia em El Salvador. Se garantirmos a democracia não haverá o risco de voltar ao militarismo, porque ele só é necessário em uma concepção não-democrática do poder.

Qual será o papel do Partido de Conciliação Nacional (PCN), agora que o general Bustillos anunciou que não será mais seu candidato? Ele não teria tirado votos da Arena?

— Quando ele renunciou à candidatura, no início de setembro, acusando os dirigentes do seu próprio partido de "corruptos", afirmei que lamentava por nós, como opção política, mas que estava contente pelo país.

Era evidente que a candidatura de Bustillos tiraria votos da Arena. Aliás, uma das explicações para sua renúncia foi a pressão do partido do governo, não diretamente sobre ele, mas através dos generais Ponce e Cepeda — até há pouco tempo ministro e vice-ministro da Defesa, apontados pela Comissão da Verdade como responsáveis por assassinatos —, que pressionaram os militares reformados a se afastar de Bustillos.

O que significa isso? Que agora a possibilidade de que o PCN se recupere é remota, porque perdendo Bustillos esse partido deixa de ser uma opção para os setores de extrema-direita que estavam trocando a Arena pelo PCN.

A pergunta é: eles voltarão para a Arena ou vão ficar à margem do processo? É algo que temos que esperar para ver, porque o ressentimento desses setores contra a Arena é muito forte. Eles consideram que o presidente Alfredo Cristiani "os vendeu" e que entregou o país nas negociações de paz. Acho muito difícil que o PCN se recupere desse golpe, porque ficou sem candidatos quando Bustillos renunciou.

Mas o mais importante a assinalar — e é um indicador de como as coi-

Xenofobia em terra de imigrantes

O desemprego leva centenas de pessoas a ocuparem terrenos e imóveis abandonados e faz surgir os primeiros sinais de xenofobia contra os imigrantes que entraram ilegalmente no país nos últimos oito anos



Valeria Zapersochny*

Asociedade argentina ficou chocada quando o escritor francês Guy Sorman previu para esse país “(...) um futuro próximo de grande intolerância. Nos próximos anos, a Argentina estará em situação semelhante à da Alemanha com os turcos ou da Inglaterra com os paquistaneses (...).”

Nos últimos oito anos, mais de dois milhões de pessoas provenientes de

países limítrofes ou próximos (Bolívia, Paraguai, Peru, Chile, Uruguai) entraram na Argentina em condições ilegais, sem passar pelos postos de fronteira. A maioria tem se instalado no cinturão de pobreza que cerca a capital, Buenos Aires.

Esse setor geográfico – situado ao leste do país, próximo às margens do rio da Prata e do Uruguai – é uma das zonas mais densamente povoadas de todo o território, reunindo mais de 13 milhões de pessoas, e concentra um

grande número de indústrias. Segundo o último censo, a Argentina tem uma população de 33 milhões de pessoas.

Trabalho escravo – Em dezembro de 1992, se descobriu no sótão de uma fábrica têxtil, propriedade de um empresário de origem coreana, 78 operários – homens e mulheres – peruanos, trabalhando de segunda a segunda, sem salário, apenas em troca de um prato de comida e alojamento dentro da própria fábrica.

Em março deste ano, em São Miguel, localidade ao noroeste da Grande Buenos Aires, a polícia invadiu uma granja onde 40 famílias bolivianas trabalhavam em condições de escravidão. Ainda não foi possível descobrir quem são os responsáveis por esse tipo de delito, o qual, segundo os juízes, é bastante comum no interior da província.

Nas últimas semanas, o próprio presidente da nação, Carlos Menem, ordenou à Polícia Federal desalojar pela força e sem intervenção da Justiça os que estiverem em situação de “usuração ilegítima da propriedade privada”.

Essa decisão foi duramente repudiada por amplos setores da sociedade, que exigiram um pronunciamento do Poder Judiciário antes de se executar a ordem de despejo.

Em sua maioria, os *sem-teto* são imigrantes. As moradias invadidas são, em geral, grandes prédios desocupados, como fábricas ou outros imóveis abandonados.

O fantasma do desemprego – Os argentinos vêm com receio os imigrantes porque consideram que eles estão tirando postos de trabalho que deveriam ser de seus conterrâneos.

AMÉRICA LATINA

ARGENTINA



Menem ordenou o despejo à força dos ocupantes ilegais

Segundo um relatório do governo, divulgado em fins de agosto, 9,9% da população economicamente ativa da Argentina estão desempregados, o que significa 1.134.000 pessoas sem trabalho. Esta cifra foi obtida em uma pesquisa realizada em maio entre a população urbana das principais cidades do país (na Grande Buenos Aires a cifra é maior: 10,6%).

Ao somar o número de desempregados com os de subempregados (que trabalham menos de 35 horas por semana e estão à procura de outro emprego), se conclui que mais de 2,2 milhões de argentinos enfrentavam, em maio passado, dificuldades para encontrar algum trabalho. (Na opinião do ministro da Economia, Domingo Cavallo, o índice de desemprego cresceu devido ao grande aumento no número de mulheres que passaram a disputar uma vaga no mercado de trabalho.)

Esses números estão criando o caldo de cultura para que, cedo ou tarde, os estrangeiros começem a ser responsabilizados publicamente pelo desemprego e pelas dificuldades de sobrevivência que enfrentam as camadas mais baixas da sociedade.

A angústia dos sem-teto – Segundo a socióloga Cristina Alonso “a falta de uma política populacional fez com que tanto os imigrantes ilegais quanto os argentinos provenientes do interior do país se instalassem na periferia de Buenos Aires, esperando encontrar o teto e o trabalho que em seus lugares de origem são escassos”.

Ela lembra que “é muito mais difícil satisfazer as necessidades básicas na cidade que no campo. O déficit de moradias urbanas é muito grave e por isso fenômenos como a ocupação ilegal de terrenos cresce a cada dia”.

O secretário de População Aldo Carreras declarou que existem cerca de 800 mil imigrantes ilegais só na Grande Buenos Aires. “Estamos promovendo uma *anistia* para os que ainda estiverem sem documentos. Esse é um grave problema, porque a falta de papéis é uma das principais causas do aviltamento das condições de trabalho.”

sões de autoridades policiais e judiciais.

Para Alcira Medina, paraguaia de 53 anos, uma das primeiras organizadoras da comissão, “viver assim não é fácil. Não estamos aqui porque gostamos. Temos que nos organizar para ter água e luz, para nos defender da polícia que chega às 3 da madrugada com a desculpa de que estão procurando drogas – e você não pode fazer nada para impedir. As crianças se assustam e a gente tem medo de voltar a ser jogada no olho da rua de um dia para outro”.

Medina é uma mulher batalhadora: “Com a comissão, conseguimos que aceitem nossas crianças nas escolas do bairro e que os hospitais também os recebam, para vacinas, consultas, etc. Aqui vivem não só nossos filhos, mas também muitas crianças de rua aos quais lhe damos de comer e protegemos, porque são os primeiros a apanhar quando aparece a polícia”, afirma Alcira.

“Meu esposo trabalhava como garçom em um bar do Centro. Quando o dono viu na televisão que ele vivia aqui na Bodega, o mandou embora. Fomos reclamar, mas nos disse que, como é paraguai e não tem documentos, não tinha direito a exigir indenização. Além disso, disse que ia começar a empregar apenas argentinos, porque os estrangeiros lhe traziam muitos problemas”, disse Dora Zambrano, paraguaia de 37 anos de idade.

Enquanto vereadores e deputados federais de diferentes partidos, junto com funcionários do governo, estão buscando soluções paliativas para o problema das ocupações ilegais, as palavras do francês Guy Sorman continuam ecoando com insistência.

A apenas sete anos do ano 2000, por trás dos problemas sociais, começam a aparecer as atitudes xenófobas. Uma contradição em uma sociedade que não por acaso está composta por 80% de descendentes daqueles imigrantes que – como disse o escritor argentino Jorge Luis Borges – “desceram dos barcos”, vindos da Europa no início deste século. ■

* SEM, Serviço Especial da Mulher

À sombra da recessão

Suvendrini Kakuchi

A atual recessão econômica no Japão ameaça deixar sem trabalho os assalariados de "colarinho branco", que até recentemente pareciam ter emprego garantido para toda a vida.

Estatísticas do Ministério do Trabalho desse poderoso país asiático mostram que em 1991 havia mais procura que oferta de mão-de-obra. Em novembro de 1992, porém, esse quadro se reverteu e o desemprego afetava 1,4 milhão de pessoas.

Historicamente, as primeiras vítimas das crises econômicas foram os operários, mas agora a ânsia de eliminar custos extras e minimizar perdas leva os empresários a voltar-se para os quadros médios e a preparar programas de aposentadoria antecipada.

Nos quatro primeiros meses de 1991, o Japão ostentava uma taxa de

Antes, as demissões afetavam principalmente os operários, mas hoje a crise leva as empresas a cortar os que ganham salários mais altos

crescimento de 6,1%, mas exatamente um ano depois caiu para 2,3%, para atingir um ano mais tarde 1,6%, o mais baixo nível

Crise econômica ameaça estabilidade no trabalho de "colarinhos brancos" e quadros médios

desde 1975. Alguns analistas dizem que a recessão golpeou sobretudo a indústria manufatureira, em especial a de aparelhos eletrônicos, semicondutores e computadores, estas últimas às voltas com uma concorrência cada vez mais feroz no mercado mundial.

Segundo o Centro de Pesquisas Nikko, só no mês de setembro de 1991, cerca de seis por cento do total da mão-de-obra caíram no desemprego. A notícia que mais surpreendeu o povo japonês foi o anúncio da falência da companhia líder na produção de discos laser, a Pioneer Electronic Corporation, que em finais de janeiro despediu 35 dos

seus diretores, todos com mais de 50 anos.

Mudança na política de emprego - Ao contrário do que ocorre no Ocidente, no Japão as empresas não baseiam as promoções dos seus empregados em avaliações como eficiência e produtividade. Os sistemas de trabalho seguem uma estrutura hierárquica, onde os empregados ascendem de acordos com o tempo de serviço na companhia. As demissões em massa são quase inexistentes.

A maioria dos trabalhadores que as empresas nipônicas despediram na década de 70 ascenderam a cargos médios, mas segundo alguns observadores as companhias têm agora muitos gerentes.

De acordo com a Federação Japonesa de Associados Patronais, as firmas do país sustentam 1,2 milhão de empregados extras, o que equivale a 2% da força de trabalho. Isto coloca os quadros médios na mira do plano de mobilidade. A baixa produtividade e os altos salários são outras das razões pelas quais estes trabalhadores são estimulados a se aposentar ainda relativamente jovens. Além disso, os postos que ocupam nas empresas são mais de vigilância e supervisão do que de tomada de decisões, o que enfraquece ainda mais a sua situação.

Segundo Yoji Tatsuji, membro do maior sindicato de trabalhadores japoneses (Rengo), a recessão econômica obrigou as empresas a modificar as suas políticas de emprego. Por exemplo, dá-se preferência à contratação de gente jovem ganhando baixos salários, do que continuar mantendo os velhos "burocratas".

Além disso, as empresas maiores estão dando um tratamento mais equitativo em termos de salários e promoções aos operários não-qualificados e técnicos, em relação aos "trabalhadores de colarinho branco".



A revalorização do livro

Exposições, intercâmbio de experiências e co-edições estão entre as soluções encontradas pelas editoras da América Latina para difundir o prazer da leitura

Ana Martí

Durante este ano, escritores do nível do colombiano Gabriel García Marquez, Prêmio Nobel de Literatura de 1982, e da chilena Isabel Allende, estiveram entre os mais lidos da América Latina. Este é apenas um dos indicadores de um fenômeno mais amplo: os países da região estão prestigiando seus próprios autores, segundo têm demonstrado recentes enquetes, apesar dos altos preços dos livros.

Este é o caso do Uruguai, onde Gustavo Ekrot e Eduardo Lorier encabeçam as listas de autores mais vendidos. Ricardo Piglia, Isidoro Blanstein e Alicia Steinberg, na Argentina, Paulo Coelho, Jorge Amado e Roberto Drum-

mond, no Brasil, os venezuelanos Angel Bernardo Viso e Angela Zago, os chilenos Pablo Neruda, Arturo Fontaine Tvera e Gonzalo Contreras – além de textos de escritores estrangeiros sobre a realidade social e política da região –, prenderam a atenção dos leitores latino-americanos durante 1992.

Dois prêmios, Nobel e Miguel de Cervantes, colocaram a região no altar das letras do mundo. Poeta, dramaturgo e pintor, Derek Walcott, nascido em Santa Lucía, se tornou o primeiro escritor do Caribe homenageado com o Nobel, graças à sua consagração permanente à busca do ideal estético e sua dedicação à poesia.

Considerada o expoente máximo do intimismo pós-modernista, a poetisa cubana Dulce María Loynaz ganhou

o prêmio Miguel de Cervantes 1992, o mais cobiçado pelos escritores de língua espanhola.

A obra de Dulce María – segundo os críticos – consegue conjugar com maestria o universal e o cubano, uma vez que constitui uma mostra excepcional de domínio idiomático e autenticidade expressiva.

Edições alternativas – Dispostos a ultrapassar as fronteiras da crise, os ministros e responsáveis pela cultura da região, reunidos em seu V Encontro em Caracas, reafirmaram sua disposição de continuar avançando no processo de integração regional.

Defenderam, entre outras medidas, a criação de um sistema caribenho e latino-americano de informação cultural e a instalação de bancos de dados para integrar uma rede continental.

Sem condições para produzir todos os livros de que necessita – a América Latina conta com uma dívida externa que ultrapassa os 500 bilhões de dólares e cerca de 300 milhões de pessoas vivem na miséria –, a região busca formas alternativas como a edição de livros de bolso ou co-edições.

Os altos preços dos livros no mercado – que podem chegar a custar 50 dólares na área, devido em alguns casos à importação de matérias-primas – e a pouca variedade influem em grande medida no desinteresse dos leitores diante do produto final.

Enquanto isso, a região busca soluções para a crise. Feiras – ocasião propícia para o intercâmbio de ideias e opiniões –, exposições e encontros entre editoras permitem em um futuro não muito distante que o leitor latino-americano volte às suas origens e se reencontre com a fonte do saber: o livro.

As bibliotecas são fundamentais nos países latino-americanos, devido ao alto preço dos livros



A agonia de Sarajevo

Mohamed Kreselvliagovic*



Sarajevo está sob um bloqueio total há meses. A situação chegou a tal ponto que está pondo em risco, a muito curto prazo, a vida dos sobreviventes desta guerra.

Apesar de todas as promessas de assistência feitas pela comunidade internacional e seus organismos especializados, o socorro que recebemos do exterior não basta para garantir nossa sobrevivência. Ao longo do mês, cada habitante de Sarajevo contou apenas com 43 gramas de alimentos por dia. É uma quantidade ínfima, principalmente levando-se em conta a sua pobre composição nutricional: farinha, arroz e massa.

A desnutrição, a falta de água e medicamentos, associadas às altas temperaturas de verão, propiciaram a propagação de doenças contagiosas em grande escala.

O mundo deve saber que se não chegar imediatamente a Sarajevo uma ajuda que alivie as nossas carencias mais sérias, nosso sofrimento será imenso. Em situações como esta, os primeiros a morrer são os velhos e as crianças. A Europa poderá assistir em nossos dias à aplicação prática da história espartana da eliminação dos mais fracos.

Como os cemitérios da cidade estão cheios, estamos enterrando os mortos em praças públicas e agora, como nelas não há mais espaço, os estamos sepultando no estádio que sediou os Jogos de Inverno de 1984.

Os estragos causados à cidade, às residências, edifícios públicos, instalações sanitárias, serviços e infra-estrutura, são incontáveis e indescritíveis.

Poderia fazer uma lista interminável dos sofrimen-

*Dante da
indiferença da
maioria dos
países,
Sarajevo
agoniza numa
guerra que
parece não
ter fim*

mentos e privações de todo tipo que suportamos. Por exemplo: nesta cidade estão refugiadas 5.000 das 42.000 mulheres da Bósnia estupradas pelos cétricos (militares do ultranacionalismo sérvio) em áreas por eles ocupadas. Para que não abortassem, eles as libertaram só no quinto mês de gravidez...

Ficamos indignados com o comportamento da Europa e do mundo. Pensávamos que o reconhecimento da soberania e independência da Bósnia-Herzegovina, por parte da comunidade internacional, significasse que estava disposta a nos defender com as armas. E não peço que cheguem a tanto, mas que pelo menos sejam coerentes em suas decisões.

As Nações Unidas devem mostrar firmeza a fim de assegurar que suas decisões sejam cumpridas. O que aconteceu com as resoluções que adotaram até agora? Foram simplesmente ignoradas.

Não queria que minhas palavras fossem mal-interpretadas, pois a ajuda que recebemos, apesar de inferior às nossas necessidades, nos permitiu sobreviver até agora. Sem o auxílio da Unprof (Forças de Proteção das Nações Unidas para os Refugiados) provavelmente já teriam morrido todos os habitantes de Sarajevo.

Mas é preciso levar em consideração uma verdade amarga e perigosa. Toda vez que uma resolução da ONU é violada ou ignorada, somos tomados pelo sentimento de estar sozinhos diante da morte.

Costumo comparar o calvário de Sarajevo com o famoso cerco das tropas alemães à cidade soviética de Stalingrado, durante a Segunda Guerra Mundial. Mas, pelo menos, Stalingrado tinha uma passagem por onde chegava ajuda. Por isso pensamos que o que ocorre hoje em Sarajevo não tem paralelo na história contemporânea.

O cerco também nos mantém incomunicáveis e não temos como chamar a atenção da opinião pública internacional sobre a tragédia que se abate sobre a cidade de 500 anos que sempre foi um símbolo da tolerância e da convivência. Sarajevo foi uma cidade aberta aos homens de boa-vontade de todo o mundo, onde coexistiram durante séculos pessoas de diversas nacionalidades e credos religiosos.

Tenho certeza de que se pudesse viajar pela Europa e percorrer suas cidades poderia receber muito mais ajuda. Mas sou um prisioneiro, como os meus concidadãos. Só nos resta a esperança.

* Mohamed Kreselvliagovic é o prefeito de Sarajevo

**Neste Natal, dê um presente
a você, aos amigos e ao planeta.**

ASSINE **Ecológia** E DESENVOLVIMENTO

PROMOÇÃO
DE NATAL

- Desconto de até 25% no pagamento à vista
- Pagamento em até 3X sem juros



PREÇOS E FORMAS DE PAGAMENTO

PERÍODO DE ASSINATURA	À VISTA: (Já com desconto) cheque nominal e vale postal	A PRAZO pagamento por cheque nominal ou cartão
1 ANO	A CR\$ 6.320,00 <small>Já c/ 15%</small>	B 1 cheque de CR\$ 7.440,00 para 30 dias
2 ANOS	C CR\$ 11.160,00 <small>Já c/ 25%</small>	D 3 cheques de CR\$ 4.960,00 para 30/60/90 dias

Para pagamento por reembolso postal os preços são de CR\$ 7.440,00 (1 ano) e CR\$ 14.880,00 (2 anos)

ASSINATURA/PRESENTE DO AMIGO

Ecologia e Desenvolvimento

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____
Cidade: _____ Estado: _____
CEP: _____ Tel.: _____
Profissão: _____

Enviar para Editora Terceiro Mundo Ltda.
Rua da Glória, 122 - 1º andar - Glória - 20241-180 - Rio de Janeiro, RJ
Dept. de Assinaturas
PEÇA TAMBÉM PELOS TES (021) 252-7440/232-3372
OU PELO FAX (021) 252-8455

Após a validade cobraremos preços atualizados

MEU PEDIDO DE ASSINATURA

Ecologia e Desenvolvimento

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____
Cidade: _____ Estado: _____
CEP: _____ Tel.: _____
Profissão: _____

Minha opção de assinatura é: (A) (B) (C) (D)

Estou efetuando o pagamento por:

- Cheque(s) nominal(ais) à Editora Terceiro Mundo Ltda.
 Por telefone (fornecer o nº do cartão)
 Reembolso Postal
 Vale Postal Ag. Lapa
 De acordo com a opção feita, autorizo o débito no cartão de crédito: _____, que tem validade até _____ / _____
(nome do cartão)

Nome do titular do Cartão

Nº do Cartão

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

DATA: _____ / _____ / _____ Comprador

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 05/12/93

Presente em todos os municípios
fluminenses participando, investindo,
promovendo, contribuindo e, acima de
tudo, acreditando no seu desenvolvimento,

o BANERJ se orgulha em ser o banco de
um dos estados mais importantes na
economia do país.

Investir no BANERJ é investir duplamente
em você: como cliente e como
integrante responsável pelo crescimento do
Estado do Rio de Janeiro.

BANERJ